Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º / N.º 18898 4$00

TERÇA-FEIRA 21 OUTUBRO 1975

ESTA TARDE, EM BELÉM

Soares e Cunhal recebidos juntos

• Contreiras e V. Lourenço em audiência matinal

Mário Soares e Álvaro Cunhal foram hoje recebidos, em Belém, pelo Presidente da República, general Costa Gomes, que os convocou. Esta manhã, cerca das 10 horas, Costa Gomes recebeu igualmente dois conselheiros da Revolução que expressam tendências diferentes — o comandante Contreiras e o capitão Vasco Lourenço. Esta audiência foi demorada estando ainda reunidos às 11.30. De acordo com observadores estes encontros revestem-se da maior importância e significado político, parecendo que o Presidente da República, em vésperas de mais uma saída do país, está a tentar uma plataforma de concliação entre facções opostas que têm a particularidade de serem as únicas a poderem encontrar uma saida para o impasse algo perigoso em que a situação político-militar portuguesa caiu.

Entretanto, às 15.15 o Presidente da República recebeu o presidente e vice-presidente da União Europeia das Democracias Cristãs, srs. Kai-Uve von Hassel (que é igualmente o presidente do Parlamento da R.F.A.) e o sr. Box. Estas personalidades tinham já sido recebidas, cerca do meio-dia, pelo primeiro-ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, que desde as 10 horas esteve reunido com todo o seu gabinete. Pinheiro de Azevedo, que desde as 15.00 está a presidir ao Conselho de Ministros, recebeu ao meio-dia o embaixador de França.

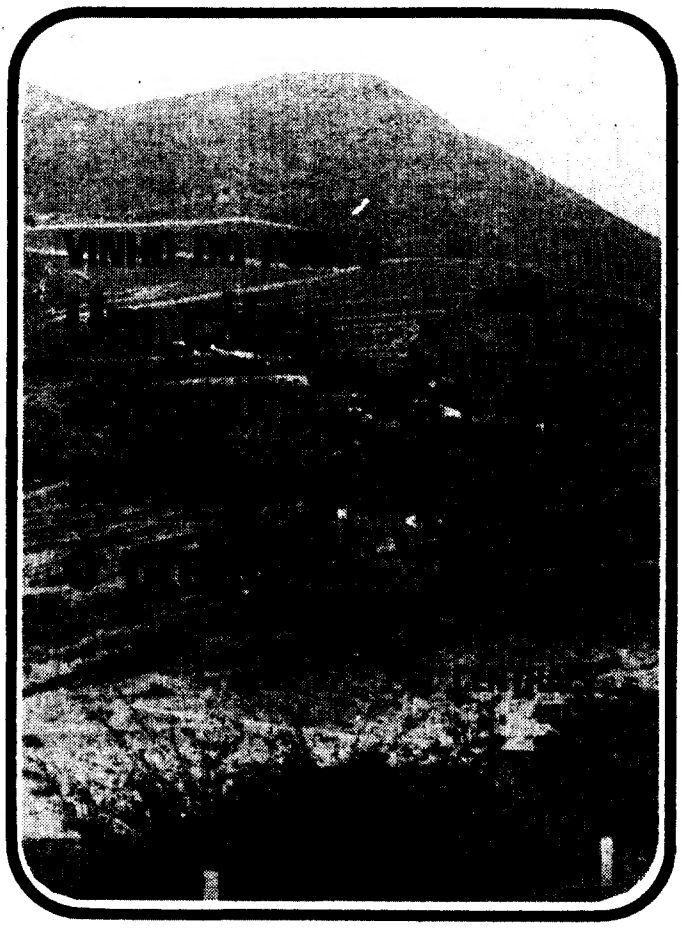
Os encontros de hoje, tal como o que Costa Gomes ontem teve com Vasco Gonçalves, enquadrar-se-ão nas diligências que o Chefe do Estado tem desenvolvido no sentido de atenuar as profundas divergências que separam as principais linhas político-militares e de ao mesmo tempo encontrar uma solução imediata para a crise, que se agudiza cada vez mais perante o gáudio das forças reaccionárias, nomeadamente o P.P.D. e o C.D.S.

Não deve esquecer-se, entretanto, o papel decisivo que a independência de Angola joga neste quadro da Revolução portuguesa e da importância que para as forças imperialistas e racistas da F.N.L.A. e da U.N.I.T.A. desempenha o predomínio conservador no actual aparelho político-militar de Lisboa.

Assim o afastamento dos governadores civis de Lisboa, Faro, Castelo Branco e Braga, constitui, sem sombra de dúvida, um elemento importante da escalada direitista que o actual Governo desenvolve, aceleradamente, a nível do aparelho de Estado. Homens que foram escolhidos pelos seus reconhecidos méritos como cidadãos e de inequívoco passado de antifascistas são, pura e simplesmente, saneados, sem a mínima explicação. Ou melhor a explicação resultará das campanhas que o C. D. S., o P. P. D. e o próprio P. S., orquestraram no sentido da sua demissão.

A indicar que tudo parece rigorosamente previsto — dentro de um programa de liquidação da Revolução portuguesa — está o facto do ministro

Continua na pág. 20



Quatro governadores civis da confiança do P.S. e do P.P.D.

. Foram substituídos os governadores civis dos distritos de Lisboa, Braga, Castelo Branco e Faro. A decisão consta de uma portaria do Ministério da Administração Interna ontem enviada para publicação no «Diário do Governo». Os governadores civis substitutos entram imediatamente em funções, e tomam posse no decurso de uma cerimónia anunciada para amanhã à tarde no M.A.I.

Os nomes dos novos governadores civis foram igualmente divulgados. Trata-se do dr. José Manuel Mouzinho de Albuquerque Duarte, para o governo civil de Lisboa, onde substitui o arq. Mário Bruxelas; do eng. Eurico Teixeira de Melo, para o governo civil de Braga, onde vai ocupar o luar do dr. José Sampaio; do dr. Luís Augusto Pinto Garcia, que sucede ao dr. Conceição Silva no lugar de governnador civil de Castelo Branco e do dr. Júlio Carrapato que em Faro passa a ocupar o lugar que até agora ocupava o dr. Ramires Fernandes.

Entretanto, a decisão do M.A.I. começa a provocar algumas reacções. De facto, e na sequência da notícia divulgada, diversas organizações políticas de trabalhadores, moradores e populares estão a preparar uma manifestação de protesto contra a decisão governamental. «O povo trabalhador de Braga opôs-se firmemente a substituição daqueles que o defendem» — lê-se num

Continua na pág. 20

À PROCURA DE SOLUÇÕES

MAIS LEITE MENOS GORDO

A venda clandestina de leite, isto é, a comercialização do leite avulso, foi um dos pontos considerados mais importantes na análise do problema de abastecimento de leite feita no decorrer de uma reunião efectuada na Junta Nacional dos Produtos Pecuários com representantes de cooperativas leiteiras e de entidades oficiais ligadas ao problema, nomeadamente a Direcção Geral de Preços, a Direcção-Geral do Comércio Interno, a Direcção-Geral de Fiscalização Económica, a Câmara Municipal de Lisboa, a Comissão Coordenadora dos Trabalhadores da U.C.A.L. e cooperativas associadas, muitos pequenos produtores e dirigentes cooperativos.

Foi elaborado, na sequência das conclusões a que se chegou, um documento que expressa claramente qual a dimensão do problema e que medidas se deverão tomar para o combater. Tal documento conclui por sugerir:

. «1 — Que sejam dados urgentemente a um organismo estatal poderes para coordenar todo o problema do leite, desde a sua produção e tratamento até à distribuição;

. 2 — Que o Governo autorize a reconstituição do leite, pelo menos neste período da crise;

. 3 — Ligado ao segundo ponto, o Governo deverá fazer baixar para 2,5 por cento o teor de gordura do leite, uma vez que são necessárias as natas

Continua na pág. 20

PODER POPULAR NOS RESTAURADORES

Segundo noticiaram alguns jornais, foram varridos do Palácio Foz todos os cartazes do poder popular logo que a nova equipa da Comunicação Social tomou conta da casa. «O VI Governo não defende o Poder Popular» — teria sido afirmado como justificação. Talvez por isso, militantes daquele movimento encheram na última madrugada a frontaria do edifício, que é do povo, com os lindos cartazes-esperança das classes trabalhadoras do nosso país.

ESTA MADRUGADA, NO FUNCHAL

Atentado bombista parecia terramoto

. Às 4.10 da madrugada de hoje, a população da zona baixa do Funchal, foi acordada, mais uma vez, pela explosão de uma bomba. Neste caso, um petardo de grande potência lançado na via pública (Rua do Castanheiro) defronte à sede da U. P. M. (F. E. C.-M. L.) — União do Povo da Madeira.

Este foi o mais forte petardo atirado à rua, no Funchal, desde que o lançamento de engenhos explosivos se tornou prática corrente no arquipélago.

A violência do petardo foi de tal ordem que se abriram fendas, de alto a baixo, no muro e no próprio edifício onde funciona a U. P. M. (é de três metros a distância do muro ao edifício). Aliás, sabe-se, que, em consequência da explosão, estremeceu o prédio mais alto do Funchal, o «arranha-céus» da Caixa da Previdência (11 pisos), situado a mais de 500 metros do local. Os moradores sairam para a rua alarmados, pensando tratar-se de um terramoto. A dezenas de metros, racharam vidros e portas. O sítio exacto onde o petardo rebentou, é assinalado por um buraco de vinte centímetros num perímetro de meio metro.

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

Franco gravemente doente?

Página 13

Nacional

Um domingo diferente na minha rua

As crianças da minha rua tiveram um domingo diferente. Correram, saltaram, andaram a fazer corridas de bicicletas, pintaram, ouviram música e viram cinema. Os irmãos mais velhos e os pais, que não foram para o café, para o tasco ou para o futebol na tarde de domingo diferente, andaram também felizes pela minha rua, que ontem não teve trânsito. Foi mesmo giro, autêntico, popular, o que se fez ontem na minha rua. Logo de manhã os automóveis, que costumam encher as bermas dos passeios, tornando o espaço livre muito curto, foram retirados pelos moradores. Depois, foi o pano verde dos anúncios do Fruto Real (passe a publicidade) que demarcou, rua adiante, o espaço para as «pistas» onde a miudagem ia dar vazão à sua energia. A seguir foi a pequenada, toda orgulhosa por vestir as camisolas verde-brancas do Cruzeirense, que começou a exibir-se e a «treinar». As janelas encheram-se de gente: em pijama, em roupão e de vez em quando em «traje» normal. De megafone em punho, os organizadores, aspecto jovial e barba por fazer, anunciavam as provas»: «Atenção, atenção, agora são os 50 metros para meninas». E a pequena multidão de pais, irmãos e amigos que se amontoavam na minha rua, aumentava a algazarra à espera do tiro de partida (os pormenores da organização popular — o tirinho à partida não foi esquecido, para gáudio da pequenada, que tinha a sensação de estar a correr a sério...). E foi assim até à hora do almoço. Durante a tarde a ementa foi diferente: pintura das duas às três, variedades até às seis e cinema depois. É verdade: para quem quis também não faltou bacalhau assado, sardinhas e frango. Foi um domingo diferente e em cheio, o domingo de ontem na minha rua. Para que saiba: a ideia e a organização partiram da comissão de moradores e do clube velhinho e popular chamado Cruzeirense. A Rua é a D. João de Castro, que começa no Largo do Rio Seco e divide duas freguesias — de um lado a de Alcântara e do outro a da Ajuda.

Os meninos daquela zona gostaram e estão à espera de mais «coisas» que a comissão, dinâmica, e o Cruzeirense, popular, vão continuar a fazer.

RIBEIRO CARDOSO

AOS COMERCIANTES FEIRANTES E DESLOCADOS

UMA OPORTUNIDADE PARA SUA ECONOMIA

NA PASSAGEM DO

21.º ANIVERSÁRIO

A ORGANIZAÇÃO DOS

ARMAZÉNS DO MINHO

AV. DE ROMA, 106 (Junto ao Metro de Alvalade)

OFERECEM-LHES

PREÇOS EXTREMAMENTE BAIXOS
DURANTE ESTA CAMPANHA
(DE 1 A 30 DE OUTUBRO)

EIS ALGUNS EXEMPLOS:

CALÇAS 75$50 — Fazenda, xadrez
CALÇAS 45$00 — P/ Senhora — lindas
COLANS 7$50 — P/ Senhora
PANOS LENÇOL 39$50 — 60 000 metros — c/ 2,30 m largura
BIKINIS 9$50 — P/ Senhora
MEIAS 22$50 — P/ Senhora — altas
MEIAS 4$50 — Nylon
CHAPÉUS DE CHUVA E SOMBRINHAS 75$00
COBERTORES 97$50 — Duble-face e jaquar
COBERTORES 84$50 — Xadrez
TRUSSES 12$50 — P/ Homem, algodão
MARQUISETES 17$50 — Terylene, fantasia
CEROULAS 29$50 — P/ Homem
TOALHAS 12$40 — Turcas
CAMISOLAS 97$50 — Boa lã
CAMISAS 69$50 — Polyester

PANOS CRUS, SARJÃO, RISCADOS milhares de metros
ALCATIFAS, CARPETES, das melhores marcas,
a preços mais baixos que nas fábricas

«DIÁRIO DE LISBOA»

O «Dário de Lisboa» encontra-se àvenda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

ESTÁGIO EM OEIRAS

PARA APRENDER A ENVELHECER

Até ao próximo dia 25, está a decorrer na Colónia de Férias do Forte das Maias, em Oeiras, o I Estágio Cultural para a Terceira Idade, organizado pela Secção Cultural dos Serviços Sociais das Forças Armadas e aberto aos beneficiários desses Serviços.

Os objectivos deste estágio e de outros que se seguirão, estão sintetizados num documento do responsável pela iniciativa, brigadeiro João de Deus Mendes Quintela, que diz o seguinte:

«Toda a idade é um momento que se intercala, entre um passado e um futuro. E o passado não é mais do que um alicerce destinado a concorrer para viver o momento presente e também para edificar o futuro (...) Queremos a aceitação de uma Terceira Idade activa, intimamente ligada à vida profissional, social e política do País. Queremos que a velhice não faça mais rugas no espírito que no rosto. Queremos que as pessoas idosas nunca sintam a impressão de estarem ultrapassadas. Queremos que todos saibam envelhecer.»

O programa desta semana cultural é constituido por dez reuniões, sobre temas variados, desde o domínio das comunicações no mundo actual» até ao «mistério de nascer», passando pela audição de uma gravação de «A Ceia dos Cardeais» e de música gravada de Pablo Casals. Haverá ainda uma excursão a Runa, um concerto pela Banda da Força Aérea e um encontro com Vitorino Nemésio.

O mais novo dos participantes, em número limitado, tem 65 anos de idade.

COM PARTIDA DE SETE RIOS

MARCHA POPULAR ATÉ À BURACA PARA RECUPERAR A RENASCENÇA

«Rádio Renascença a funcionar, já», «República, Renascença, ao serviço da luta do Povo», «A Rádio é do Povo, não é do Capital», «Contra o A. M. I., ofensiva popular», «Morte ao fascismo, liberdade para o Povo», «Soldados sempre, sempre ao lado do Povo», «O gado, as máquinas, a terra a quem a trabalha», «Trabalhadores, moradores, soldados, assembleias populares» e «Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos», são as palavras de ordem que a partir das 19,30 começarão a ser gritadas em Sete Rios, pelos manifestantes que vão até à Buraca exigir a imediata reabertura da Rádio Renascença, que tem as portas dos emissores seladas por ordem da Presidência da República.

A grande manifestação de apoio à luta dos trabalhadores da Rádio Renascença, que começou logo depois do 25 de Abril e que, por incrível que pareça, se estende até hoje, conta com o apoio de inúmeros órgãos do poder popular, além da F. U. R., U. D. P., S. U. V. e A. E. P. P. A. Apesar do apoio incondicional da F. U. R., a L. U. A. R. e a L. C. I., organizações que são partes integrantes desta Frente, quiseram manifestar individualmente a sua solidariedade aos trabalhadores da Renascença, em comunicados emitidos ontem.

Por sua vez, ao associar-se à manifestação, o movimento Cristãos pelo Socialismo traz um novo e importante apoio aos trabalhadores da Renascença, «a Emissora Católica», o que demonstra a inexistência de qualquer factor de ordem religiosa nesta luta de ano e meio para colocar a Rádio ao serviço do Povo e da Revolução.

Ao explicar o apoio que sempre deu à luta desenvolvida pelos trabalhadores da Renascença, os Cristãos pelo Socialismo dizem que «fazêmo-lo em nome da pessoa incomparável de Jesus Cristo, filho de carpinteiro, amigo de pescadores, homem do povo, combatente da causa dos fracos e dos explorados, assassinado pelas autoridades políticas e religiosas do seu tempo. Por isso estamos de acordo com a palavra de ordem «A Renascença é do Povo, não é do capital» — só assim ela poderá ser uma verdadeira emissora católica.»

Depois de considerarem o silêncio da R. R. como um facto de significativa gravidade na actual situação política, os Cristãos pelo Socialismo denunciam «a falsificação das palavras e a política enganadora de muitos dirigentes que falam de socialismo enquanto preparam a repressão sobre os trabalhadores, falam de independência nacional enquanto agravam as dependências em relação ao capital estrangeiro».

E concluem: «Nós não brincamos com as apalvras e quando falamos em revolução e socialismo, sabemos o que isso quer dizer: a conquista do Poder pelos trabalhadores».

Ao Serviço Cívico

A F.E.M.L. contrapõe a ocupação das escolas

«Estamos contra o serviço cívico, seja de Vasco Gonçalves, seja de Pinheiro de Azevedo. A actual situação nas escolas é uma prova da falência política dos sucessivos Governos provisórios onde pontificou o P.C.P. social-fascista. Do nosso ponto de vista, não é só o VI, mas o V, o IV e todos os Governos, os responsáveis pela situação de crise nas escolas. O serviço cívico, contra o qual a U.E.C.-P.C.P. se vem agora levantar, foi fabricado no M.E.I.C. social-fascista, pelos senhores Avelãs Nunes e Hespanha. Uma contra corrente reaccionária, liderada pelos sociais-fascistas, infiltrou-se na corrente da Revolução. No movimento camponês, no movimento operário e dos soldados, como nas escolas, a contra corrente será esmagada» — eis um apanhado das declarações proferidas na conferência de Imprensa dada pela F.E.M.L. (Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas) hoje de manhã na sua sede.

Carlos Coelho porta-voz do Comité Estrela Vermelha-Ribeiro Santos, debruçou-se sobre o problema do serviço cívico, referindo a palavra de ordem da F.E.M.L.: «Contra o serviço cívico, Ingresso Imediato! Ocupemos as escolas!», responsabilizando o P.C.P. como responsável pela sua criação. Atacando o decreto de gestão pelo seu «carácter anti democrático», Carlos Coelho disse apoiar a greve dos trabalhadores do M.E.I.C.

O dirigente estudantil defendeu as assembleias de escola como órgãos máximos de decisão dos estudantes. Considerou os 2 milhões de estudantes (da primária à universidade) uma força poderosa para a Revolução, defendendo que a F.E.M.L. que considerou fortemente implantada nas massas estudantis, irá dirigir a luta dos estudantes.

ESTÁ À VENDA "RADIOGRAFIA MILITAR"

Por acordo entre as comissões de trabalhadores da Sociedade Nacional de Tipografia e da Livraria Morais Editora, foi posto finalmente à venda o livro «Radiografia Militar», do major Manuel Barão da Cunha.

Impresso há cerca de um ano, esta obra não saiu à rua por decisão dos trabalhadores da S. N. T., proprietária da distribuidora «O Século».

"COCKTAIL MOLOTOV" CONTRA A LIVRARIA AVANTE

PORTO, 21 — Cerca das 4 horas da madrugada de hoje, foi lançado de um automóvel um «cocktail Molotov» contra a Livraria Avante, na Rua de Aviz, 126. A explosão provocou um princípio de incêndio e destruiu os vidros da montra e das portas, danificando ainda bastantes livros expostos.

A Livraria Avante é pertença da editorial do mesmo nome.

post scriptum

Os novos 11 de Março

O que é o AMI? Antes de mais nada é a confissão pública do que os verdadeiros revolucionários há muito sabem: não é possivel, neste País, a qualquer grupo determinado em defender e manter certos privilégios, realizar os seus desejos manobrando «massas armadas» em seu exclusivo proveito. Os soldados, povo fardado, já não vão nisso, nem nunca mais irão!

Por mais que me digam, foi perante a verificação dessa «surpresa» e depois de tentar, em vão como se viu no 11 de Março, manobrar os «soldadinhos que se congeminou a «brilhante» ideia do AMI. Absolutamente em vão, pois não vai haver AMI, pelo menos para os fins com que logo sonharam certos aproveitadores da ideia.

«Os analistas» da política deste País ainda sonham com mercenários, último recurso para levar a sua avante. Ainda não repararam que a maioria esmagadora dos portugueses não quer tiros. Se para isso estivessem virados, convenhamos, desde o 25 de Abril, até hoje já houve mil e uma razões válidas para que o sangue corresse. E não correu nem correrá, disso podem estar certos os açuladores. Digo mesmo que esta maneira de os portugueses estarem no mundo tem sido e continuará a ser um permanente desgosto para a CIA e C.

Não descansemos, porém. O inimigo não se cansará na procura de novas tácticas para aniquilar a Revolução. A isso o povo saberá responder cada vez melhor.

O VI Governo Provisório é um 11 de Março, tocado noutro tom, mas terá a mesma sorte que o outro. A vigilância popular é cada vez mais necessária.

J. Dias da Silva — Lisboa

A gestão dos transportes

Ouvi com muita atenção a exposição do ministro dos Transportes, Walter Rosa, sobre o problema dos transportes.

Entre vários aspectos referiu o ministro a insuficiência das tarifas e, em consequência, a necessidade de as aumentar, embora brandamente (?) segundo percebi. Mas será a insufiência das tarifas, agravada com os aumentos dos salários verificados «a desejo» dos trabalhadores, a causa fundamental da actual situação dos transportes, a mais importante?

Para nos ajudar a compreender o problema seria útil, direi imprescindivel, que sejamos informados das tarifas praticadas nos diversos países europeus e dos salários médios aí auferidos. A ideia que tenho é que, há pouco tempo, na vizinha Espanha, as tarifas eram sensivelmente inferiores às praticadas entre nós, embora lá o nível de vida seja bastante superior ao nosso.

Até se provar o contrário, pensarei que tal situação resulta em especial da baixa produtividade geral do país, cuja causa principal é a falta de organização (que o ministro referiu) devido à preparação errada ou inexistente dos gestores, em tempos escolhidos por razões meramente políticas, de compadrio! Alguns até seriam muito competentes, mas para defender os interesses particulares em prejuízo dos gerais. E já se terá corrigido esse hábito?

J. M. Oliveira Nunes — Lisboa

A utilidade das regras de três

Foi publicado em vários jornais, aquando da grandiosíssima manifestação dos SUV em Lisboa que a mesma tinha reunido 100 mil pessoas (...)

Eu não duvido que a notícia fosse dada com honestidade pelos jornais, mas permito-me afirmar que isso é falso.

Explico:

— a 10 de Outubro, no Porto, o sr. dr. Mário Soares, entre outras coisas, afirmou perante os manifestantes que aí reuniu para apoiar o VI Governo Provisório, que em Lisboa, para apoiar esse mesmo Governo, tinham saído à rua 150 mil pessoas (...)

Partindo do princípio de que o dr. Soares não mente, justifica-se a minha afirmação da falsidade da notícia dos jornais.

Fui assistir à manifestação dos SUV na Praça do Município e tomei nota do tempo da passagem: 55 minutos, desde que passou o carro que abria a manifestação até ao último dos manifestantes, isto em local relativamente largo e a uma cadência rápida.

Ao desfile do P. S. assisti em frente ao cinema Condes, nos Restauradores, num local em que a manifestação era obrigada a afunilar e portanto a alongar-se por causa das obras aí em curso. Tempo de passagem: 17 minutos certos (...).

Fazendo uma simples regra de três temos que, na manif. dos SUV, iam cerca de meio milhão de pessoas (...)

Helena J. da Fonseca — Amadora

O VIETNAME NA PAZ

III — EM BUSCA DA HARMONIA

VERCORS

Eis aquilo com que o Comité depara, só em Saigão, sem contar com as outras grandes cidades: 200 000 prostitutas, 150 000 drogados, 200 000 polícias, entre os quais muitos torcionários a «reeducar» (palavra que traduz mal o termo vietnamita. «Psicodramas» conviria mais: pelo menos, é através de cursos teóricos que tenta fazer-se compreender as faltas e os erros cometidos). Mais de 500 000 soldados do Exército vencido, e sem se saber o que se há-de fazer deles. 300 000 órfãos. E a multidão de camponeses recuperados por Thieu. É preciso que nos falem disto tudo porque essa massa de gente é pouco visível a quem atravessa a cidade. Não vi mendicidade — à excepção de uma criança que me chamou «papá» (mas eu não tinha nada para lhe dar) e de uma rapariga já não muito jovem que me murmurou (em francês): «Como vai isso? Para onde vais?». Mas sem insistir. No entanto, considero todos esses números bastante inferiores à realidade, até porque pudémos verificar como o exagero é contrário ao carácter vietnamita.

Todas essas criaturas viviam — mal — à custa dos americanos. Partidos estes, como alimentá-los? A cidade tinha normalmente um milhão de habitantes. Agora possui três vezes mais. Felizmente ainda resta algum arroz de reserva, e a administração distribui-o gratuitamente. Mas por quanto tempo? A primeira colheita de arroz só será feita dentro de seis meses. É portanto o Norte que vai ajudar o Sul, apertando bem o cinto.

Somos recebidos no palácio presidencial por Ngoyen Hun Tho, presidente do Conselho dos «Sábios», cimeira do GRP. Rosto aberto, sorridente, fino como o ambar. Às perguntas feitas por vários delegados — a ele e depois aos nossos hospedeiros — obtivémos as seguintes respostas:

Ainda não houve repressão nem castigo e não os haverá — se não se constituirem «complots» anti-revolucionários. Não se trata de uma questão de clemência; é, sobretudo, uma questão de sabedoria e até de obrigação. Após trinta anos de guerra, e de guerra civil, não há família que não tenha membros seus em ambos os campos. Matar ou prender todos aqueles que cometeram faltas e são inúmeros, seria ao mesmo tempo privar de recursos sete ou oito pessoas que dependem de cada condenado. Seriam milhões. Aposta-se no contrário, para resolver o problema da reconciliação nacional, na «harmonia das famílias» (a coesão familiar é muito mais poderosa do que no Ocidente). Contam-nos o caso de um pai que, no Norte, se tornou general e que encontrou o filho capitão no «Exército fantoche». «Tens que ser reeducado», disse-lhe. «E o teu instrutor sou, por acaso, eu».

UMA EDUCAÇAO POLÍTICA NECESSÁRIA

Ao que nos dizem, para muitos essa reeducação nem mesmo seria obrigatória. Para os magistrados, por exemplo. Muitos juízes, sob o regime de Thieu, julgaram com iniquidade e encheram as celas de Poulo-Condor. No entanto só às sessões se o desejarem. Mas são poucos os que faltam. Muitos deles já foram reintegrados em postos subalternos, claro está. Mas nada os impedirá de subir.

Oficiais e soldados do Exército vencido podem receber, se o desejarem, um hectare de terra e um meio hectar para alojamento (no Norte, a superfície por habitante é um décimo de hectar).

Mas a reconciliação levará tempo. E deseja-se que o poder se estabeleça não pelas cúpulas mas pelo povo. Daí a necessidade de este se educar, antes de mais politicamente, no seio de múltiplas organizações: jovens, pioneiros, sindicatos, mulheres, camponeses, operários, etc. Mas sem obrigatoriedade. Caminhar-se-á com lentidão.

Acabará então por haver dois poderes, um ao Norte, o outro ao Sul? Na realidade não: a reunificação está teoricamente feita, os planos económicos, industriais e agrícolas estão desde já previstos para o conjunto do país. Mas as modificações só poderão fazer-se a pouco e pouco, sem tentar o perigo da velocidade exagerada. Vinte anos de regimes opostos produziram inúmeras divergências até mesmo nas consciências, para que se espere reduzi-los através de uma varinha mágica. A propaganda anticomunista foi de uma violência incrível, delirante. As jovens alunas de um convento tinham, por exemplo, sido persuadidas de que, se os «vermelhos» vencessem, obrigá-las-iam a casar com os seus mutilados de guerra. Todas elas tinham consigo veneno. Estarão agora tranquilizadas? Não é tão certo como isso. Apagar os ódios, os preconceitos, as incompreensões, não é tarefa fácil.

QUE RESOLVERA A FRANÇA?

Mas em tudo isto, o que pensam os dirigentes da «terceira componente»?. Dizem-nos sorrindo, que lhes perguntemos. Fá-lo-emos, em Hanói, junto de delegados tais como um padre dominicano e a senhora Ngo Ba Thanh, que teve e tem ainda um grande papel no movimento das mulheres. Segundo eles, já não há necessidade de «terceira componente»; a coisa está ultrapassada e é mesmo anacrónica visto que já não existe «primeira componente», e a união faz-se na consciência nacional.

Acontece às vezes que certos grupos se mostram mais radicais do que actualmente se mostra o GRP.

Se me perguntarem o que penso do futuro deste país, arrisco-me a dizer: como em todas as passagens de um sistema de produção para outro, sob a direcção de um partido único, o perigo está no monolitismo, com o seu cortejo de conflitos internos e de outros inconvenientes.

A FRANÇA E O VIETNAME

Para terminar, queria falar das relações entre a França e o Vietname. Durante todo o tempo da minha estadia senti-me feliz e infeliz por causa disso. Infeliz por causa de todas as possibilidades que a França lá perdeu. Feliz por causa do espantoso afecto, até do amor que os vietnamitas do Norte e do Sul conservam por ela.

Para os vietnamitas ela continua a ser o país de 1789, de 1848, da Comuna. (No Museu de Arte de Hanói vejo uma imagem comovedora: **A liberdade guiando o povo**, de Delacroix, na mão de uma combatente pela liberdade do Vietname).

E a influência francesa mantém-se viva. Tenho a prova neste pequeno facto: Em Saigão, um homem seguiu-nos, e à noite veio jantar à nossa mesa. Era um alto magistrado que estivera preso durante os últimos dias de Thieu e que fizera greve da fome, sendo depois salvo pela libertação. Ao saber que três anos antes ele passara algumas semanas em Paris, perguntei-lhe se tinha contactado com um amigo meu, juiz. O seu olhar brilhou. Não, disse ele, mas com muita pena minha.

Porque os livros desse grande especialista de delinquência infantil tinham marcado a sua vida. Por causa deles, fora durante sete anos juiz da Infância. E agora, que todas as antigas leis tinham sido abolidas e se ia elaborar uma nova jurisprudência, seriam as concepções do seu mestre francês que ele tentaria introduzir, não só no que respeitava a delinquência juvenil, mas também a justiça penal no seu conjunto. Eis uma forma directa da influência francesa.

Poderia citar muitos outros exemplos. No último dia que passei em Hanói, aproximou-se de mim um homem em cujo olhar luminoso brilhava, apesar dos seus cinquenta anos, uma candura juvenil. Disse-me que era tradutor e especialista incontestado de Baudelaire no Vietname. De tanto o ouvir recitar versos do grande poeta, uma criança, filha de um dos seus amigos, acabara por lhe chamar Bô De Liên, e o nome tinha ficado. Também me disse como é grande o culto dos vietnamitas por Joana d'Arc — Ho Chi Minh da França. Escreveu poemas inspirados nela, e também em Marat e em Louise Michel.

Todo o vietnamita cultivado, de mais de quarenta anos, fala francês. É ainda o caso de todos ou quase todos os dirigentes. E sabe-se como Ho Chi Minh desejou manter estreitos elos com a França, elos que só a violência cega e imperialista do almirante-monge Tierry d'Argenlieu rompeu. E conta-se a história de um jornalista que, num dia de batalha, ouviu dizer que, do lado francês, onde a Legião Estrangeira estava cheia de antigos SS, se davam ordens em alemão, enquanto que no campo adversário elas eram dadas em francês.

Atrevo-me a pensar que, depois de tudo o que ouvi sobre as afinidades que aproximam os nossos dois povos, afinidades não devidas ao acaso de sessenta anos de presença francesa mas a qualidades comuns de medida, finura, humor, espírito democrático e amor à liberdade, a influência francesa continua a ser secreta mas ardentemente desejada. Por causa dessas afinidades e, de preferência, por causa de outras menos conformes com o carácter vietnamita. Mas para que continue a exercer-se, será necessário que a França não arruine todos os seus triunfos. Saberá ela fazê-lo?

LIVROS! LIVROS!

Durante muitos anos o Vietname terá a mais premente, a mais vital necessidade de auxílio exterior. Ele não espera que a França lhe dê mais do que pode (toda a gente a quem perguntámos o que pode ser útil ao país, responde: «Tudo, e livros! livros»! Mas quando a França, que votou um crédito de 100 milhões ao apodrecido Vietname do Sul do general Thieu, congela esse crédito para que o virtuoso Vietname do GRP não aproveite com ele, o que podem pensar, mesmo os seus melhores amigos? A língua francesa ainda tem a primazia nas escolas, em parte porque os pais a falam e podem ajudar, porque têm em casa livros franceses. Mas essa preferência tende a baixar, como em toda a parte. Baixará mais depressa ainda, se a França se conduzir mal. Ao passo que um pouco de amizade e auxílio seriam acolhidos, tenho a certeza, com fervor, um fervor cheio de esperança e de reconhecimento, que abrandaria o movimento ou talvez mesmo o detivesse. Eles precisam tanto de ser amados! Irá a França deixar perder esta sua última oportunidade? Eu que, como todos os que conheceram este Vietname onde o heroísmo se alia à doçura, lá deixei uma parte de mim mesmo, sentir-me-ei desolado.

«Le Monde»

Nacional

Representantes da Comissão de Luta dos candidatos ao Ensino Superior: «Nós só reivindicamos o direito de estudar»

ESTUDANTES EM LUTA PELO DIREITO DE ESTUDAR

Os estudantes candidatos ao Ensino Superior começam a organizar-se para que lhes sejam facultadas as inscrições (não propriamente as matrículas) na Faculdade e lhes sejam garantidos os direitos e as regalias de estudantes daquele grau de ensino como o uso das cantinas universitárias para o que exigem o cartão de estudante, imediatamente, a assistência médico-social e o benefício das residências universitárias.

Cerca de 40 mil estudantes acabaram o curso complementar o ano transacto. A outros falta-lhes uma cadeira ou duas para o terminarem. Entretanto, o Serviço Cívico Estudantil, pela palavra de responsáveis do MEIC, terá de ser concebido em novos moldes. A posição dos candidatos ao Ensino Superior (os directamente atingidos) é clara: «O Serviço Cívico só pode ser entendido como tarefa revolucionária dos estudantes, como contributo inestimável para ligação do ensino à vida do nosso povo, como elemento dinamizador de democratização do Ensino Superior, e alargamento deste aos filhos das classes trabalhadoras, integrado numa política revolucionária para a educação e a cultura».

entretanto, amanhã, às 15 horas haverá um plenário dos estudantes-candidatos na Aula Magna da Reitoria para uniformizarem as formas de luta, respeitando no entanto a especificidade dos problemas de cada escola.

No essencial a agenda de trabalhos vai insistir na elaboração de um caderno reivindicativo de todos os estudantes candidatos ao Ensino Superior.

OS ESTUDANTES ORGANIZAM-SE

Decorrem hoje reuniões na maior parte dos estabelecimentos de ensino para se definir uma forma de luta em torno do problema do acesso à Universidade.

Em declarações prestadas ao «DL», elementos da Comissão Provisória de Luta insistiram no problema do «numerus clausus» como solução (falsa solução, segundo os estudantes) para o problema da superlotação e afirmaram que a «ultra rápida abertura de inscrições para o «S.C.» este ano, não só não é uma medida revolucionária como representa uma clara manobra demagógica que tem como objectivo: escamotear o grave problema de superlotação nas faculdades; separar, dividir e enfraquecer os estudantes candidatos e isolá-los dos restantes estudantes; poder assim instituir calmamente o «numerus clausus» que não só nos impedirá a entrada na Universidade este ano, como no próximo».

Por outro lado é desejo dos estudantes-candidatos exigir uma audiência ao MEIC a fim de que este dê uma resposta clara às nossas reivindicações».

Representantes da Comissão Provisória de Luta alertam ainda todos os candidatos para as possíveis tentativas do MEIC em dividir os estudantes cedendo em algumas exigências, desde e de forma que não toquem no essencial: contestar a política de ensino seguida pelo actual Ministério.

Os problemas avolumam-se. Os estudantes-candidatos apenas exigem o direito de estudar. Que lhes abram as inscrições, que a proposta regionalização do ensino seja de todo reformulada de forma a que o S.C. não sirva apenas como meio de acesso ao Ensino Superior, mas fundamentalmente como ligação às massas trabalhadoras sem que venha a colidir com o mercado de trabalho.

De realçar a intenção (nalguns casos já concretizada) de os estudantes candidatos unirem a sua luta aos orgãos de Poder Popular (comissões de trabalhadores, de moradores, etc).

O ano passado o problema arrastou-se. Pela primeira vez se tentava instituir o Serviço Cívico no País. Depois, o SCE foi alvo de boicotes de toda a ordem. Lembramos a actuação de alguns partidos então presentes no Governo (concretamente o PS e o PPD) que apoiaram a criação do Serviço Cívico enquanto as suas organizações juvenis o contestavam a todos os níveis fazendo alianças com o MRPP. O Serviço Cívico, na prática, veio a ser um fracasso. Entretanto o V Governo Provisório decreta a criação de um ano vestibular em que a simultaneidade da prestação do serviço cívico com a docência de cadeiras propedêuticas vem conciliar, viria tornar funcional o princípio da ligação da teoria à prática, do trabalho intelectual ao labor manual.

Os problemas de ensino recomeçam este ano agravados por uma política contestada a níveis mais vastos das camadas estudantis e dos partidos políticos progressistas. Como disse Vitor Alves em declarações recentes, «este ano vai ser em tudo novo».

ENSINO UNIFICADO ATRASA ABERTURA DE AULAS

É a massa de alunos a ingressar no 7.º ano de escolaridade (o 1.º unificado do Ensino Secundário) que está, na maior parte dos casos, a retardar o início das aulas. A comprovar poderemos apresentar números que ultrapassam de longe e irremediavelmente a capacidade de absorção dos estabelecimentos de ensino existentes na capital.

Entretanto, pela condução das RGA's e pelas propostas que têm sido aprovadas, os estudantes tentam uma saída: a ocupação das escolas e porventura de edifícios devolutos, como forma de iniciarem o ano lectivo. Acusam, por outro lado o M.E.I.C. de não estar sumamente interessado numa abertura de aulas, ao mesmo tempo que à resultante da confusão a que se está a assistir no Ensino Secundário poderá conduzir (intencionalmente ou não) ao boicote da experiência do ensino unificado. Em certos meios ligados à Educação, afirma-se mesmo que o Ensino Unificado não irá arrancar antes de Janeiro do próximo ano.

A ocupação das escolas foi aprovada já em Reunião Geral de Alunos pelo Liceu da Amadora (o promotor da ideia), Liceu de Oeiras e Escola Marquês de Pombal. Entretanto as RGA's durante esta semana sucedem-se em todos os liceus de Lisboa.

Pontos a adiantar perante a actual situação das escolas do Ensino Secundário: O M. E. I. C. hesita em abrir as aulas; as escolas estão superlotadas fundamentalmente por causa do 7.º ano de escolaridade, na prática, a via escolar única poderá vir a fracassar.

LICEU DA AMADORA

No Liceu da Amadora ainda não abriram as aulas nem está prevista qualquer data. Neste ano lectivo tem 1300 alunos inscritos a mais, na sua população escolar de 4000. Na sexta-feira passada a Reunião Geral de Alunos decidiu formar uma Comissão de Luta constituída por alunos diurnos, nocturnos (que entretanto hoje se reúnem), professores e funcionários auxiliares.

O M.E.I.C. apresentara uma proposta para funcionar metade do Liceu. Os professores recusaram. Docentes e alunos mantêm-se solidários e aprovam em comum a ocupação prevista para os próximos dias de um prédio de três andares sito na Reboleira.

Recorda-se que foi deste liceu que partiu a ideia da ocupação quer do estabelecimento de ensino, quer de edifícios devolutos. Regista-se que as comissões de moradores apoiam esta forma de luta dos professores e alunos do Liceu Nacional da Amadora.

LICEU DE CAMÕES

Também o Liceu de Camões é uma das escolas mais superlotadas. Ao todo tem 1916 alunos inscritos sem possibilidade de entrada. Cerca de 400 são da zona de Odivelas-Loures onde foi construído um estabelecimento de ensino que, no entanto, não está a funcionar. Está a decorrer neste momento uma Reunião Geral de Alunos para decidirem das formas de luta a serem adoptadas. Receptivas à ideia da ocupação do liceu, esbarram com o oposição dos professores que se recusam a dar aulas enquanto não estiverem encontradas as condições necessárias e suficientes para tal. Recusam-se mesmo à saída dos horários. Sendo uma atitude bem intencionada e de defesa dos mínimos requesitos pedagógicos para o funcionamento das aulas, os alunos, porém, são do parecer que a escola deve ser ocupada para nela funcionarem actividades não propriamente lectivas (prática de desportos, revisão da matéria, etc.) como uma forma de os alunos se integrarem nas escolas e se unirem em torno de formas concretas de luta.

LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Decorre neste momento no P. A. V. uma R. G. A. iniciáda às 15 horas. Ao todo estão inscritos 815 estudantes sem poderem entrar. Uma comissão de pais propõe que o início das aulas se efectue ainda que para tanto funcionem as aulas em três turmas.. A posição dos alunos é diferente. Propõem a ocupação do liceu.

LICEU D LEONOR

São cerca de 800 os estudantes inscritos que o Liceu D. Leonor não pode comportar. Também a esta hora nas suas instalações decorre, desde as 15 horas, uma R. G. A. para discutir a proposta de ocupação da escola lançada pelo Liceu da Amadora.

LICEU D JOÃO DE CASTRO

Enquanto a comissão de gestão do Liceu D. João de Castro mantém contactos com o M. E. I. C. para ocupação de um palacete vago, a necessitar de restauração, 700 estudantes inscritos a mais, principalmente do Ensino Unificado, são incomportáveis para a capacidade daquele liceu. Ontem, começaram a aulas para todos (à excepção do 7.º ano de escolaridade). Amanhã, às 15 horas, será o tempo de discutir em R. G. A. o problema da superlotação.

LICEU D PEDRO V

O Liceu D. Pedro V que, em termos normais, tem capacidade para 1600 alunos regista neste momento cerca de 4000 inscritos. Quase dois mil são do Unificado (ao todo, 27 turmas). Apesar dos problemas pedagógicos que se adivinham, as aulas começaram ontem.

LINHA DE CASCAIS

Na linha de Cascais não se põe o problema da superlotação, chegando-se mesmo ao pormenor de o Liceu de Oeiras ter menos estudantes que o ano passado.

Esta realidade está directamente ligada à construção da Escola de Carcavelos que vem aumentar a capacidade escolar da linha através da existência do Liceu de Oeiras, secção de S. Pedro, Liceu de Cascais e Escola Polivalente de Cascais.

LICEU PEDRO NUNES

Curiosamente, neste ano registaram-se no Liceu Pedro Nunes, menos 900 inscrições que no ano transacto. Este facto estaria ligado ao receio de certos pais em inscreverem os seus filhos num liceu que o ano passado se mostrou o mais contestado da cidade de Lisboa. Por outro lado, segundo informações que reputamos de fidedignas, essas 900 vagas serão preenchidas por estudantes retornados de Angola cujo prazo de matrícula ainda não terminou.

Entretanto, após conversações com responsáveis do M. E. I. C. os militares ali colocados após os graves incidentes do ano passado abandonaram a gestão do liceu. A abertura de aulas está prevista para o dia 3 de Novembro, data em que se espera a abertura da Escola de Cacém com uma população escolar que assustadoramente se aproxima dos 7000 alunos.

ENSINO UNIFICADO

Na maior parte dos casos de superlotação os alunos vindos do preparatório para o unificado (sendo escolhido com mais frequência, porventura pelas suas características sociais, o liceu) têm sido um dos motivos mais imediatos do atraso no início do ano escolar. O M. E. I. C., por sua vez, revela-se incapaz, de momento, de resolver o problema. Face ao exposto aqui fica a pergunta: será possível o funcionamento, este ano, na totalidade do País, do Ensino Unificado? Sendo o decreto sedutor que prática o espera?

ESTUDANTES APOIAM RASP E CICAP

PORTO, 21 (Da nossa delegação) — Em comunicado ontem distribuído, as organizações estudantis da F.S.P., L.C.I., M.D.P./C.D.E. e a U.E.C. declaram «o seu incondicional apoio à luta dos soldados do R.A.S.P. e do C.I.C.A.P., exigindo a concretização imediata do que foi acordado com o general Fabião». Por outro lado «denunciam as manobras repressivas» como as licenças registadas impostas a soldados e oficiais progressistas, ditadas pelo comandante da Região do Norte, que consideram «uma desobediência às determinações do general Fabião e que provam claramente que os oficiais contra-revolucionários só respeitam a «legalidade» e invocam «disciplina» quando elas estão ao serviço dos seus interesses de classe.

Aquelas organizações manifestam-se ao lado dos soldados e das massas trabalhadoras nomeadamente «pelo reforço dos órgãos do Poder Popular, pelo reforço das organizações dos soldados e pela sua interligação revolucionária».

APEADEIRO NA REBOLEIRA

Obras de Santa Engrácia?

Há alguns anos começou-se a construir na Reboleira um apeadeiro. De facto, cidade-dormitório como a sua vizinha Amadora, era-lhe indispensável o apeadeiro, já que a maioria da sua população trabalha noutras localidades e tem de se deslocar diariamente de comboio, o mesmo acontecendo com a camada estudantil.

Na cidade-dormitório, porém, ergueram-se prédios de dezasseis andares, ginásio, grandes casas comerciais, etc., mas o edifício de cimento armado que deveria vir a funcionar, depois de pronto, como apeadeiro, continua em embrião.

Daqui resulta que a população trabalhadora e estudantil tem que acrescentar à sua despesa de transportes diária 4$00 para se deslocar até ao comboio ou camioneta, com todos os inconvenientes da perda de tempo e insegurança.

É portanto justo e urgente que se acabe de construir o apeadeiro da Reboleira.

O QUE É DA COMPETÊNCIA DE PIRES VELOSO?

Enquanto várias comissões de trabalhadores pedem, em vão, para ser recebidas pelo comandante da Região Militar do Norte, este mandou já descongelar muitas dezenas de contas bancárias que o V Governo considerara pertencerem a sabotadores da economia nacional.

Pires Veloso diz que não recebe as comissões de trabalhadores porque «não é da sua competência», mas manda descongelar contas bancárias. Será isso da sua «competência»?

Nacional

Mais de trezentos apoios à "manif" de quinta-feira

Mais de 300 organizações de poder popular já aderiram à manifestação unitária marcada para quinta-feira, que depois da concentração no Rossio, às 19 e 30, segue pela Rua do Ouro até ao Ministério da Administração Interna, para protestar contra a viragem à direita que se observa em Portugal nos últimos tempos.

Ontem, o secretariado provisório distribuiu aos órgãos de Informação um manifesto, no qual as movimentações populares da Amadora, S. Domingos de Rana, Vila Franca de Xira, Barreiro, Alverca, Póvoa de Santa Iria, Sintra, Torres Vedras, Lisboa, Almada, Setúbal, Faro, Oeiras, Évora e Beja, as jornadas de luta dos metalúrgicos, dos trabalhadores rurais alentejanos, e as manifestações populares de apoio a unidades progressistas, nomeadamente Ralis e C. I. C. A. P., todas no seu conjunto mobilizando centenas de milhares de pessoas, são consideradas como «a demonstração mais expressiva da firmeza e determinação das massas populacionais civis e fardadas, que estão empenhadas em plena contra-ofensiva face às manobras da direita e da contra-revolução, assim como na defesa das vitórias já alcançadas.»

. O manifesto continua, dizendo que, embora subsistindo a questão do Poder, «é indiscutível que todo este movimento popular tem já registadas importantes vitórias». E cita como exemplo: a limitação das manobras dos agrários e dos seus lacaios contra os camponeses do Alentejo, a limitação das manobras do grande patronato industrial e dos seus colaboradores governativos contra os trabalhadores metalúrgicos, o impedimento da dissolução do C. I. C. A. P., o impedimento da abolição de órgãos democráticos em certos quartéis, a denúncia do A. M. I. como força repressiva, o impedimento de saneamento de oficiais progressistas em várias unidades, a libertação dos detidos na Trafaria, a contra-ofensiva das massas trabalhadoras para impedir que sejam calados órgãos da Informação ao serviço da classe trabalhadora.

Diz também o manifesto que esta contra-ofensiva tem servido, sobretudo, para o desmascaramento do partido governamental que «falsamente se intitula de Popular Democrático» e que «essas forças fascizantes, não lhes bastando a mentira, a calúnia, a confusão, o divisionismo, a sabotagem económica, armas que utilizam sistematicamente, ameaçam ainda com milícias armadas, jogando também no golpe e na guerra civil. Nos Açores elas encabeçam a reacção que já aí destruiu as liberdades democráticas e quase conseguiu separar essas ilhas do património nacional e entregá-las ao imperialismo, da mesma forma como pretendem entregar Angola.»

. Aderiram ainda à manifestação, a União dos Sindicatos de Lisboa, a Intersindical e o Forte de Almada. Espera-se que, durante as A. D. U.' s que se realizam hoje, surjam novas aderências militares.

JORNAL "O SETUBALENSE"

TRABALHADORES CONTRA SANEAMENTOS À ESQUERDA

SETÚBAL, 21 Os redactores e restantes trabalhadores do jornal «O Setubalense» ocuparam, ao princípio da madrugada, a Redacção daquele semanário, na sequência de um processo de luta que tem vindo a ser desenvolvido por todos os trabalhadores progressistas com o apoio da população da cidade, Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Comité de Soldados do R.I.S.

O recurso à ocupação das instalações redactoriais do jornal encontram-se consubstancialmente, se assinala que «o fascista e capitalista Carlos Bordalo Pinheiro considera que a linha do jornal é muito de esquerda» e, por isso, resolveu «sanear três redactores» (Manuel Abrantes, Fátima Brinca e Rogério Severino).

Refere ainda o texto que «este saneamento é condição base para que o fascista Bordalo Pinheiro pague os ordenados aos trabalhadores», mas que estes, «conscientes que este saneamento à esquerda constitui um avanço reaccionário», de igual modo que as Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Comité de Soldados, não permitirão «o avanço da direita e das forças reaccionárias».

Decorre, neste momento, nas instalações do jornal um plenário, com a presença de representantes das C.T., C.M. e Comité de Soldados para decidir das formas de luta mais imediatas e incisivas por forma a solucionar a questão. Não está posta de parte a hipótese do semanário passar a ser orientado e gerido pelos trabalhadores com a concomitante expulsão do seu proprietário, face à atitude tomada que vem na sequência de uma reportagem feita na última sexta-feira sobre a manifestação de apoio, nesta cidade, aos militares progressistas.

Em comunicado divulgado na altura, o Comité de Luta de «O Setubalense» salientava que o director «tinha um medo terrível do Poder Popular». O texto desta madrugada termina com palavras de ordem como «Imprensa Revolucionária ao serviço da classe operária», «O Povo de Setúbal apoia os trabalhadores progressistas» e «saneamento imediato do fascista Bordalo Pinheiro».

Caparica escolhe comissão de moradores

Efectua-se hoje, pelas 21 horas, no Cinema Copacabana, a eleição da Comissão de Moradores da Costa da Caparica.

Este acto vem culminar todo um trabalho de preparação e organização levado a cabo pela Comissão Dinamizadora, ratificada pela população em Agosto findo.

Muitas dificuldades e obstáculos se levantaram à acção desta Comissão, nomeadamente por parte daqueles que não estão interessados no avanço do poder popular.

Recorde-se entre outros factos a realização de uma reunião fantoche de veraneantes, que teve a participação do ministro Salgado Zenha e que se propunha sabotar a constituição de uma Comissão de Moradores verdadeiramente representativa nesta vila piscatória.

Gráficos de Beja

BEJA, 21 — Em reunião plenária dos gráficos do distrito de Beja com a direcção do seu sindicato, efectuada nesta cidade, tendo sido analisada a luta que os trabalhadores do «Diário do Alentejo» têm vindo a enfrentar face à situação que lhes foi criada pelo abandono da administração daquele jornal, deliberaram por unanimidade dar o seu total apoio e manifestar toda a solidariedade à justa luta dos seus camaradas daquele diário, incentivando-os a prossequir nos objectivos que visam a saída do «Diário do Alentejo», para que o jornal continue a ser um baluarte dos trabalhadores alentejanos e a defesa das conquistas por estes alcançadas.

PRACISTA

Para a zona de Lisboa, bem relacionado e conhecedor do ramo de tecidos de algodão, precisa grande unidade têxtil produtora de artigos já introduzidos na praça e com valor elevado de vendas.

Pedem-se todas as informações detalhadas, firmas que representa ou representou e «curriculum vitae».

Resposta a este jornal ao n.º 1613.

Ora diga-nos

Comeu conservas de peixe esta semana?

Os portugueses devem comer conservas. De peixe. Porque são boas, e porque o País não pode ficar com elas, para sempre, em armazém. Aquelas pessoas que passam muito tempo como sardinhas em lata (no «metro», por exemplo) aconselha-se uma experiência nova: o sabor gostoso do atum ou o pitéu incomparável das lulas em conserva. E você, já comeu conservas esta semana?

Responde Isabel Rodrigues Varanda, modista: **Não, não calhou** (mas sabe que, só de peixe, há quarenta variedades?) **sim, tenho ouvido dizer** (e não desconhece que, consumindo conservas, ajuda o País?...) **com certeza!** (promete que vai comer conservas?) **esta semana não garanto. Mas prometo...**

Francisco Ramos, empregado de escritório, tem um problema: o médico proibiu-o de comer conservas (mas porquê!?) **princípio de trombose...** (bem, mas lá em casa...) **impossível. A minha mulher sofre do coração.** (E não tem pena de não comer conservas?) **Se tenho! Antigamente, todos os dias, era garantido: uma latinha de sardinhas e uma cebola que o merceeiro dava. Aquilo era um petisco que não falhava. Só pagávamos a lata.** (Consulte outro médico...).

Finalmente, Fernando Soares, gerente de uma mercearia, diz-nos que a campanha publicitária é boa mas não teve, ainda, os seus frutos: **temos vendido a mesma coisa** (e vocês têm aqui todos os tipos de conservas?) **temos umas vinte variedades** (e o que é que se vende mais?) **os atuns bons. Depois, as lulas, os chocos e os polvos** (e você, já...) **já comi a minha esta semana.**

COMUNICADO
MÉTODO MILTON

NO SENTIDO DE TRANQUILIZAR AS MAES que utilizam o MÉTODO MILTON, e o público em geral
ALTER, S. A. R. L.

Informa que na sequência das investigações empreendidas pela Delegação de Saúde de Lisboa, ficou demonstrado NÃO SER MILTON O RESPONSÁVEL PELOS ACIDENTES GASTRO-INTESTINAIS, ocorridos na Maternidade de Oeiras e relatados no jornal «A Luta» do passado dia 8, mas sim CONFORME CLARAMENTE ESCLARECE A DIRECÇÃO-GERAL DE SAÚDE, UMA DEFICIENTE E INSUFICIENTE UTILIZAÇÃO DO PRODUTO, USADO EM DOSE TRÊS VEZES INFERIOR À ACONSELHADA.

O MÉTODO MILTON é usado na esterilização de biberões e tetinas há mais de 25 anos em numerosos hospitais e maternidades na Europa, África, Ásia e em milhões de lares.

A fama de MILTON COMO O ESTERILIZADOR MAIS SEGURO E EFICAZ, veio trazer às mães portuguesas a higiene da mais moderna maternidade, ATRAVÉS DE UM MÉTODO SIMPLES E DA MAIOR CONFIANÇA.

Estudos efectuados em numerosos hospitais e institutos de investigação, incluindo o Instituto Pasteur em França, PROVARAM QUE O MÉTODO MILTON GARANTE AOS BEBÉS UMA PROTECÇÃO, INSUPERÁVEL POR QUALQUER OUTRO MÉTODO DE ESTERILIZAÇÃO, INCLUINDO A FERVURA.

MILTON NÃO É TÓXICO pelo que uma eventual utilização de uma quantidade excessiva não teria quaisquer consequências para a saúde e desenvolvimento do bebé.

Naturalmente — E CHAMAMOS A ATENÇÃO DE TODAS AS MÃES PARA ESTE FACTO — a utilização de uma dose SUBSTANCIALMENTE MAIS BAIXA QUE A RECOMENDADA, CONDUZIRÁ A UMA ESTERILIZAÇÃO DEFICIENTE.

MILTON é marca registada de RICHARDSON MERREL, INC., comercializado em Portugal por ALTER, S. A. R. L.

Nacional

VON HASSEL (U.E.D.C.) DESDE ONTEM EM PORTUGAL

Encontra-se desde ontem em Lisboa o presidente da União Europeia das Democracias Cristãs, Kai-Uwe Von Hassel.

Von Hassel, que é igualmente vice-presidente do Parlamento da República Federal Alemã, veio a Portugal a convite de Diogo Freitas do Amaral, presidente da comissão política do C.D.S., Partido do Centro Democrático Social, e acompanhado de Heinrich Box, secretário-geral-adjunto da U.E.D.C. Os dois demoram-se entre nós até amanhã, por volta do meio-dia.

Do programa da estadia em Portugal dos dirigentes democratas-cristãos, destacam-se um encontro (que ontem teve lugar) com o general Costa Gomes, uma audiência (hoje) com Henrique de Barros, presidente da Assembleia Constituinte, outra (ainda hoje) com o primeiro-ministro Pinheiro de Azevedo, e outra com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira.

Amanhã, antes de partir com destino a Bona, Von Hassel e Heinrich Box dão uma conferência de Imprensa no aeroporto da Portela.

"MANOVRAS" DO VI?

O PCP CONTESTA A NACIONALIZAÇÃO DA COMPANHIA DAS LEZÍRIAS

Uma «manobra», eis como o Partido Comunista Português classifica a decretada nacionalização da Companhia das Lezírias. Uma «manobra» que se integra numa «falsa reforma agrária», adianta o P.C.P., num comunicado emitido no fim-de-semana tomando posição perante a situação criada pelos mais directos responsáveis do VI Governo Provisório.

«Uma medida que interessa fundamentalmente a todos os que trabalham as terras da Companhia» — pode ler-se no texto da D.O.R.L. que a S.I.P. distribuiu, e «consumada nas costas dos trabalhadores, sem sua participação e sem o seu conhecimento».

Explicando a sua tomada de posição, diz o P.C.P.: «Grande parte das imensas terras ainda na posse da Companhia situam-se na mais vasta e fértil mancha de terras de aluvião do País. Dispõe ainda a Copanhia de extensas áreas de matas integradas numa das maiores e mais ricas manchas florestais de Portugal.» Três perguntas: «Porquê um decreto de «nacionalização» feito de endo País. Dispõe ainda a Compadas Lezirias, se já existem leis da Reforma Agrária que prevêem exactamente a expropriação de propriedades agrícolas bem menores que as da Companhia? Porquê tanta pressa em subtrair ao processo da Reforma Agrária uma área superior a 24 mil hectares? Porquê tanto sigilo, que nem sequer os trabalhadores directamente interessados foram ouvidos»?.

Concretamente: «A nacionalização» da Sociedade Anónima «Companhia das Lezírias» saltando por cima das leis da Reforma Agrária implica indemnizações de participações financeiras (acções), que hoje não são mais do que papel sem valor real. No último balanço da «Companhia» a estes papéis é atribuído um valor de cerca de 100 mil contos. Ora, muitos destes papéis, são acções da Companhia já nacionalizada (C.R.G.E. e outras)». Mais: «Vários agrários e capitalistas entre os quais só duas famílias, os Calheiros Lopes e Espírito Santo e Melo, são detentores de mais de 50 por cento do capital da Companhia das Lezírias, preparam-se, em consequência deste decreto do Governo, para embolsar milhares de contos a que já tinham perdido as esperanças. Note-se que estas famílias são ainda grandes agrários e industriais em Benavente e noutras regiões».

PROTECÇÃO ÀS CASAS SENHORIAIS?

«Esta nacionalização — prossegue o P.C.P., continuando a pôr entre «comas» a designação — «constitui, também uma manobra para safar grandes proprietários de terras encravadas nos domínios da Companhia, subtraindo-os assim aos critérios da intervenção global no âmbito das leis da Reforma Agrária». O decreto em questão, considera-o o P.C.P. um «primeiro passo para aplicação de um idêntico critério proteccionista às grandes casas senhoriais do Tejo e Sado, tais como Herdades de Palma, Rio Frio, Comporta, Barrosinha, e muitas outras onde desde há meses se observam fortes manobras sociais-democratas para formação de patrões, encarregados e alguns criados da lavoura».

«Além destas manobras — diz ainda o P.C.P. — verificam-se tentativas de dividir os trabalhadores permanentes contra trabalhadores temporários, trabalhadores de Vila Franca de Xira contra trabalhadores ribatejanos doutras regiões, assalariados agrícolas contra os milhares de seareiros que vêm à lezíria por falta de trabalho nas suas regiões. Contra estas manobras divisionistas, que visam enfraquecer a luta dos trabalhadores para manter o poder daqueles que sempre os exploraram, a D.O.R.L. do P.C.P. apela para a vigilância e a firme unidade de todos os que trabalham as terras da lezíria».

PARA A REFORMA AGRÁRIA

Quem passasse ontem, de manhã, em Arroios, freguesia de Lisboa, veria, não sem algum espanto, montes de garrafas e de jornais à porta de muitas casas. Mal refeito desse espanto, o passeante ocasional depararia, depois, caso o seu caminho passasse pela Alameda D. Afonso Henriques, com uma montanha de papéis e alguns milhares de garrafas por sobre a relva da referida Alameda, no local onde confina com a Avenida Almirante Reis. Assinalando o monte de desperdícios, um grande letreiro «pela Reforma Agrária».

Quê?, diria o domingueiro caminhante. E, levado pela curiosidade, perguntaria a quem estava a receber os jornais e as garrafas vazias: Que é que isso tem a ver com a Reforma Agrária?

. Então dar-lhe-iam um comunicado da Comissão de Moradores de Arroios, no qual se denunciam as manobras tendentes a travar a Reforma Agrária, se apontam as dificuldades dos rurais alentejanos na obtenção de adubos, as faltas de dinheiro que, na altura das sementeiras, têm uma importância decisiva. Por isso, a Comissão de Moradores de Arroios se lembrou de pedir aos habitantes dessa freguesia que pusessem os seus jornais velhos e as suas garrafas vazias à disposição dessa comissão, que os venderia, revertendo o produto da venda a favor dos que lutam pela Reforma Agrária. .

Passámos por lá no fim da manhã. O povo respondeu em massa. Até uma velha televisão foi ofertada...

Se a Reforma Agrária não foi já para a frente tanto quanto poderia ter ido, de quem é a culpa? Do povo (de Arroios e não só), não é com certeza!

Inglês com herdade no Alentejo

LONDRES, 21 — (F. P.) — O embaixador da Inglaterra em Lisboa, Nigel Trench, diligenciará junto do Governo português em consequência da ocupação de uma herdade de 500 hectares no Alentejo do cidadão britânico Patrick, Wardle, anunciou ontem o Ministério Inglês dos Negócios Estrangeiros.

O porta-voz do "Foreign Office" acrescentou que a Embaixada inglesa já interveio junto do Ministério Português dos Negócios Estrangeiros e do Copcon.

Segundo noticias chegadas a Londres, Wardle e sua família foram obrigados a abandonar a sua casa e a propriedade agrícola.

É a primeira vez que houve uma tal acção contra uma propriedade inglesa em Portugal, salientando-se em Whitehall que o Governo português se comprometeu a respeitar os bens estrangeiros.

SINDICATO DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DE CALÇADO, MALAS E AFINS DOS DISTRITOS DE AVEIRO E COIMBRA

COMUNICADO DA ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

Camarada :

Mais uma vez estamos a ser levados, mais uma vez estamos a sentir quanto a burguesia manda e comanda.

Mais uma vez o Ministério do Trabalho entrava a nossa luta com novas exigências sem justificação.

A própria proposta do Ministério que longe de nos satisfazer, mesmo assim corre o risco de ir por água abaixo, mediante as pressões e ameaças do patronato. Chegou o momento de avançarmos em frente, acabemos com as considerações, pois está visto que se nós lhe dermos a mão torcem-nos o braço.

Temos que lutar contra o patronato que por todas as formas nos procuram dividir, contra o Ministério que pressionado pelos Grémios e Associações patronais, lá retêm o Contrato e contra o Fundo de Fomento de Exportação que faz promessas aos patrões.

Em face disto avancemos já, não tenhamos medo de sermos poucos. Apelamos para todos os operários que adiram e apoiem a nossa justa luta pelo Contrato Colectivo de Trabalho.

Estamos conscientes da justiça das nossas reivindicações.

EM FRENTE POR UM CONTRATO COLECTIVO JUSTO !

CAMARADA ESTÁ ATENTO AOS COMUNICADOS DO TEU SINDICATO !

VIVA A CLASSE OPERÁRIA !

A Equipa de Informação

VII CONCURSO INTERNACIONAL VIANNA DA MOTTA
(piano)

de 24 de Outubro a 1 de Novembro de 1975

Reitoria da Universidade de Lisboa

Informações: Tel. 764667

Bilhetes à venda na Reitoria da Universidade de Lisboa. Só para as provas finais, também nas Casas Valentim de Carvalho no Edifício Castil e na Rua Nova do Almada, 97.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 25-Cave — Lisboa 1
Telef. 57 20 45

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa, convoca para a próxima 5.ª feira, dia 23 de Outubro, pelas 17.00 h. uma Assembleia de Delegados, que se realizará na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, sita na Rua Silva Carvalho n.º 225, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Esclarecimentos sobre a situação decorrente do novo horário de Trabalho.

2 — Formas de luta a adoptar perante a posição assumida pelo Governo face à nossa justa reivindicação:

3 — Tentativas de divisão da classe através de ingerências partidárias na nossa luta.

COMPARECE!
A NOSSA LUTA NÃO AVANÇA SEM A TUA PRESENÇA!
SÓ UNIDOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

PANIFICAÇÃO

Os protestos do público exigem solução radical

Os trabalhadores da panificação alteraram o horário da venda do pão das 9 às 14 e das 17 às 20 horas. Esta alteração resulta da abolição do trabalho durante toda a noite que vigorou até ao momento presente.

O público reagiu mal a este novo horário, pensando uma larga maioria que se trata de uma medida que em nada beneficia o consumidor.

Uma das razões evocadas foi a impossibilidade dos que começam a trabalhar antes das 9 horas terem pão fresco ao pequeno-almoço.

Em alguns casos, verifica-se que mesmo às 9 horas, o pão não é distribuído em várias padarias, especialmente nas que não têm produção própria e que dependem da fábrica central. Também os distribuidores de pão ao domicílio, restaurantes e casa de «comes e bebes» são altamente prejudicados pelos novos horários, pois o seu salário depende do número de pães vendidos, o qual sofre uma baixa sensível com o actual horário.

A luta dos trabalhadores da panificação, condenada pelo Conselho de Ministros, há longos meses que se arrasta, enfrentando as manobras divisionistas dos patrões que tentam fazer pressão com o descontentamento do público.

São apresentadas várias soluções para este grave problema, que passam pela sugestão de turnos de trabalho ou cedência, por parte dos trabalhadores, de uma ou duas horas na entrada para o serviço. Contudo, a complexidade do problema só poderá encontrar uma solução adequada face a uma mudança radical que passe pela produção, distribuição e abastecimento do pão, actualmente dependentes da máquina capitalista.

MENINA RAPTADA

Uma rapariga de cinco anos foi internada em estado grave no Hospital de Santa Maria, depois de ter sido raptada em Carnaxide, na tarde de sábado, por um desconhecido que, após violentá-la, a abandonou na escada de um prédio da Avenida das Forças Armadas.

Apesar das diligências efectuadas, a Polícia Judiciária ainda não recolheu elementos que permitam a identificação do indivíduo e, consequentemente, o prosseguimento da investigação.

Nacional

REFORMA AGRÁRIA

PEZARAT NEGA TER HAVIDO OCUPAÇÕES SELVAGENS

. Na sequência do Encontro, em Benavila (Avis) dos Trabalhadores das Herdades Colectivas e novas Cooperativas do Distrito de Portalegre, ocorrido no último domingo, o Centro da Regional da Reforma Agrária daquele distrito decidiu convocar uma reunião, ontem à noite, no edifício do liceu. Já no Encontro de Benavila tinha sido denunciado o ambiente de tensão criado pelos grandes agrários que tentam desesperadamente, através da intriga e da mentira lançar os pequenos e médios agricultores (aliados imprescindíveis no avanço da Reforma Agrária) contra os assalariados rurais. Aproveitando-se do sentimento de posse que liga os camponeses à terra os latifundiários em concluio com os negociantes de gado e outros intermediários tecem boatos de toda a ordem para convencer os pequenos e médios agricultores de que os trabalhadores rurais lhes pretendem roubar as terras e os gados.

Isto acontece sobretudo em Elvas e Monforte. Aqui a reacção ataca em força.

Até já apareceu um grupo armado que se auto-intitulava de «Junta de Salvação Agrária» e que utilizava a intimidação como meio de levar os trabalhadores a abandonarem as herdades ocupadas. Os assalariados rurais, apesar de alguns deles terem sido baleados, não cederam aos métodos fascistas dessa organização. Porém entre os pequenos e médios agricultores, menos esclarecidos e pela sua condição de classe, conseguiram semear o pânico e a confusão.

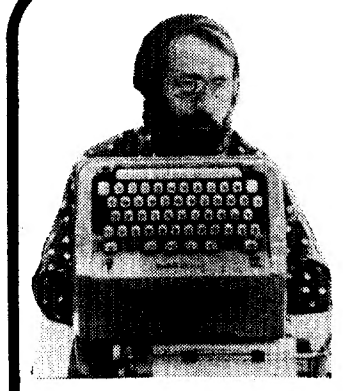
A reunião, de ontem à noite participaram o dr. António Bica, secretário de Estado da Estruturação Agrária, o dr. Florindo Madeira, governador civil, o brigadeiro Pezarat Correia, comandante da Região Militar do Sul e representantes do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores. Esta reunião, tinha por fim o esclarecimento da situação confusa que se vive actualmente em certas zonas do distrito de Portalegre.

O dr. Pedro Espanha salientou: *Há uma campanha alarmista que tem levado os pequenos agricultores, rendeiros e seareiros, a abandonar as terras, vendendo aos intermediários, por preços irrisórios a maquinaria e o gado.*

O brigadeiro Pezarat Correia manifestou a sua satisfação por verificar que ali não tem havido «ocupações selvagens». Que a pequena propriedade tem sido respeitada. De facto o comandante da Região Sul deve ter-se apercebido da falsidade de certas informações que lhe chegam aos ouvidos.

Na reunião foram ainda abordados outros problemas nomeadamente o do desemprego que em algumas zonas do distrito, especialmente onde não se registaram ocupações, atinge um grau elevado. Em Elvas, por exemplo, há 300 desempregados enquanto em Avis há falta de mão-de-obra. Para resolver o problema o dr. António Bica sugeriu aos trabalhadores que ocupassem as herdades, cuja expropriação está prevista pela Lei da Reforma Agrária. E apelou aos trabalhadores para elucidarem os pequenos agricultores sobre quem são os seus verdadeiros inimigos.

O secretário de Estado da Estruturação Agrária e o brigadeiro Pezarat Correia deslocam-se hoje a Elvas para analisarem a situação criada pelos grandes agrários e tomarem as medidas convenientes no sentido de neutralizerem aqueles que tentem impedir o avanço da Reforma Agrária.



O repórter de serviço

NUNO GOMES DOS SANTOS

A POLITIQUICE

. O general Fabião disse, no Porto: *Os S.U.V. são importantes.*

O tenente-coronel Costa Brás disse a «O Jornal»: *Considero os S.U.V. uma forma adulterada e viciada de uma pretensa democracia no seio militar, e enquadrados num objectivo claramente político e partidário.*

Noutro ponto da mesma entrevista, disse Costa Brás: «Não deixa, no entanto, de *ser para mim surpresa e desgosto, por imprevisível há um ano, que, num misto de cansaço físico obstinação, irrealismo e desespero, tenha (o general Vasco Gonçalves), subscrito a saudação do V Governo à criação da virulenta F.U.R., tenha dito o que disse na manifestação que ela organizou em Belém com fim evidente e que tenha dito o que disse no famigerado comício de Almada.*

De Vasco Gonçalves, disse, há dias, o general Otelo: *. Claro que as forças reaccionárias não o têm poupado a toda a espécie de críticas, levantando contra ele aleivosias e boatos dos mais torpes, com que pretendem difamá-lo, mas tudo isso é natural e faz parte das armas habituais usadas pela reacção.*

E eu, aqui de serviço, faço minhas as palavras de Costa Brás, falando-lhe de frente, espelhando a sua frase, devolvendo-lha, inteira: *. É verdade que as F.A. deverão ser apartidárias e abandonar a politiquice.*

Exactamente. A politiquice, tenente-coronel. Não a política.

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 4 - 1.º — Lisboa-1
Telefones : 77 02 74 - 76 32 76 - 77 00 66

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os motoristas de táxis e letra «A» do distrito de Lisboa, para uma ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA a realizar no próximo dia 25 de Outubro de 1975, sábado, pelas 15.00 horas no SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, sito na Avenida Visconde de Valmor, n.º 34 - 2.º em Lisboa com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS :

— Tomada de posição face à contraproposta do Ministério dos Transportes.

QUEREMOS UM SALÁRIO JUSTO... NÃO AOS SALÁRIOS DE FOME ! ! !
OS TÁXIS PARA QUEM TRABALHA ! ! !
ABAIXO O REACCIONARISMO DO PATRONATO ! ! !
EM FRENTE PELOS TRANSPORTES AO SERVIÇO DO POVO ! ! !
PORTUGAL NÃO SERÁ UM CHILE DA EUROPA ! ! !
UNIDOS VENCEREMOS ! ! !
COMPARECE... PARTICIPA ! ! !

P'LA DIRECÇÃO
João Sequeira Branco

A.I.P. organiza "mostra" de alimentação

PORTO, 21 — Estão a decorrer no Pavilhão do Palácio de Cristal, nesta cidade, os trabalhos de montagem da 3.ª Exposição Internacional de Alimentação Agrícola-Industrial, organizada pela Associação Industrial Portuense, e que, simultaneamente com a 1.ª Mostra do Vinho Português-Vinexpo-75, será inaugurada no próxima sexta-feira, às 17 horas, mantendo-se aberta ao público até 2 de Novembro.

Além de numerosas firmas comerciais ligadas aos sectores de alimentação em geral, e em especial ao sector vitivinícola (incluindo adegas cooperativas) estarão representados: o Fundo de Fomento da Exportação, o Instituto Português de Vinho do Porto, a Comissão Vitivinícola da Região dos Vinhos Verdes, e o Instituto Português das Conservas de Peixe (que neste momento empreende uma campanha nacional de promoção, destinada a apoiar a Indústria portuguesa). Este sector emprega mais de 8000 trabalhadores, em cerca de 120 fábricas instaladas no Norte e no Sul do País.

JORNADA ANTIFASCISTA DE CONVÍVIO E LUTA

. PORTO, 21 — Moradores e trabalhadores revolucionários, soldados e público em geral, participaram, na tarde do passado sábado, no pavilhão do Académico, numa jornada-convívio, convocada pelo conselho municipal do Porto. A confraternização serviu também para festejar as últimas vitórias alcançadas pelos militares no CICAP e no RASP.

O convívio decorreu com grande animação e durante o mesmo foi aprovada uma moção de repúdio contra as medidas de que estão a ser alvo soldados e oficiais milicianos que estiveram no RASP e aos quais, no regresso aos seus quartéis, foi aplicada licença registada, contrariando a decisão tomada pelo general Fabião.

Participaram no convívio vários intérpretes de canções de luta, como José Jorge Letria, Pedro Barroso, Luísa Basto, Luís Viegas, Barata Moura, Samuel, o guitarrista Carlos Paredes e o actor José Viana.

ESPIRAL

CASA AFRICANA apresenta semana woolmark

Na abertura da estação Outono/ /Inverno admire as novas linhas da moda da Casa Africana, particularmente em confecções e malas.

A partir de 16 de Outubro na Rua Augusta, 161-171, Lisboa.

Avalie por si próprio a qualidade, o conforto, a novidade, a classe dos artigos em Pura Lã Virgem com o controlo Woolmark, para senhora, homem, criança e bebé.

Ao país o que é do país
prefira artigos Woolmark fabricados em Portugal

Anchovas enroladas! Será que estendidas não cabiam na lata?

Bem... caber, cabiam, mas é das tais coisas: uma tapazinha com uma anchova bem enroladinha, sempre tem outra apresentação. E os olhos também comem...

Trabalho

O ANCIÃO NA GRÉCIA ANTIGA

Foi militar? Tem mais de 65 anos? Então, faça estágios culturais. Este é o convite da secção cultural dos Serviços Sociais das Forças Armadas.

E no intuito de preencher uma lacuna existente em Portugal, organizou estágios culturais para a terceira idade, abertos aos beneficiários daqueles serviços sociais.

O primeiro turno começa precisamente hoje no Forte das Maias (Oeiras), no decorrer do qual serão abordados diversos temas, como problemas de saúde e higiene, o domínio das comunicações do mundo actual, as elegrias da velhice e o ancião na Grécia Antiga. Haverá também recitais (gravações) de Villaret, Pablo Casals e um concerto pela banda de Música da Força Aérea. O turno encerra no próximo dia 25. A idade mínima de inscrição é de 65 anos e os estágios estão abertos a casais, solteiros ou viúvos. Neste primeiro turno, constituído por 19 estagiários, o casal mais idoso é formado pelo marido com 85 anos e a mulher com 77, predominando no conjunto as idades compreeendidas entre os 60 e 70 anos.

OS 40 CONTOS DOS EX-DIRECTORES

Está a decorrer esta tarde na Cantina da Central Norte, um plenário dos trabalhadores dos TLP convocado pela Comissão de Trabalhadores, com vista à resolução «de assunto tão importante como é o caso dos ex-directores e outros elementos suspensos que auferem desde 31 de Janeiro de 1975 ordenados no valor de 40 contos e ainda à análise do cumprimento imediato do corte dos ordenados desses «senhores».

A convocatória já recebeu o apoio das direcções dos Sindicatos dos Telefonistas, Técnicos de Desenho, Escritórios, e delegados sindicais dos Metalúrgicos e Telefonistas.

A GOLPADA

Os trabalhadores da Função Pública não chegaram a escolher os estatutos no passado sábado na FIL. Nessa altura foi atribuída a culpa do boicote à lista C. Lista apoiada pelo PCP (M-L). Num comunicado, o PCP (M-L) protesta contra as «golpadas»... dos outros, claro! Atacando todas as outras listas, dedicam um especial «carinho» aos «social-fascistas que convocaram a assembleia. Estes lacaios do social-imperialismo russo, como sabem que não têm o apoio da maioria do Povo Português, tentam, através de golpadas mais sujas manter o controlo sobre as organizações de massas». Depois de protestar contra o boicote da assembleia, acaba por considerar que o facto da assembleia não se ter efectuado: «Foi uma coisa boa».

A PORTARIA É LEGAL

«A portaria de regulamentação de trabalho para a indústria metalomecânica, já publicada, é um diploma legal e, consequentemente o seu cumprimento é rigorosamente obrigatório» — afirma num comunicado o secretário de Estado do Trabalho, dr. Marcelo Curto. E sublinha não pode deixar de «considerar-se incitamento à desobediência colectiva».

Esta posição do secretário de Estado do Trabalho e, consequentemente, do Ministério do Trabalho, deverá ser objecto, esta tarde, de uma violenta tomada de posição por parte dos patrões da metalurgia, no decorrer da conferência de Imprensa que se está a realizar no Hotel Flórida.

OS TRABALHADORES PERANTE O VI

CRESCEM OS SINTOMAS DE DESAGRADO

Os trabalhadores das grandes empresas continuam a manifestar-se desfavoravelmente quanto ao VI Governo Provisório, através de documentos de análise e protesto, em que são severamente criticadas as medidas até agora adoptadas.

Tal é o caso, por exemplo, dos trabalhadores da Profabril, que, no último plenário da empresa, aprovaram um extenso documento de análise da presente situação político-militar e económico-social, caracterizada pelo levantamento de «sérios obstáculos ao avanço para uma sociedade socialista».

Os assalariados da Profabril asseguram que o VI Governo «não está ao lado do povo trabalhador», o que é patente na demora da homologação de «documentos essenciais que garantem a concretização e o avanço de conquistas já alcançadas pelos trabalhadores», na «tentativa de imposição de uma censura aos órgãos de Informação», nas «hesitações no prosseguimento de medidas objectivas para a concretização da reforma agrária», no «comprometimento com países capitalistas através de negociações de empréstimos que põem em risco a independência nacional».

Este documento acusa, ainda, o Conselho Superior da Revolução «de ser, com a sua actual constituição, um órgão restritivo ao avanço da Revolução, já que a maioria dos seus membros carece de idoneidade revolucionária que dê garantias ao povo trabalhador de que os objectivos por que se vem batendo não serão traídos».

Colocados perante esta situação, os trabalhadores da Profabril reagiram, exigindo formalmente que o Governo «sirva verdadeiramente os objectivos de uma revolução socialista», assumindo a obrigação de manter, assegurar e consolidar as conquistas revolucionárias alcançadas pelo povo trabalhador. Do mesmo modo, exigem a remodelação do Conselho da Revolução, com reintegração dos oficiais progressistas afastados, fim dos saneamentos à esquerda nas unidades militares, saneamento dos oficiais reaccionários e dissolução imediata do A. M. I.

Também os trabalhadores do Hospital de Santa Maria, na última assembleia geral, analisaram as linhas de força da actual situação política, tirando conclusões. de idêntico teor. No entanto, vão mais longe nas suas pretensões, ao exigir, nomeadamente, a «imediata demissão do VI Governo Provisório», e a pronta formação de um «Governo revolucionário que adopte uma política definida de ataque ao capital, e permita avançar no sentido da tomada do Poder pelas classes trabalhadoras, sob a direcção da classe operária».

Igualmente se impõem medidas urgentes «para evitar que forças políticas sociais-democratas continuem a conspirar contra a classe operária, abrindo caminho a uma tentativa de golpe fascista», bem como o «controlo das estações emissoras de rádio e de TV por órgãos representativos das massas populares, colocando-as definitivamente ao serviço da Revolução».

Por seu turno, os trabalhadores da Sorefame, em assembleia geral, constataram «que o actual Governo é formado, na sua esmagadora maioria por forças de direita e reaccionárias», o que transparece na «maioria das medidas até hoje tomadas». Consideraram, ainda, que, «nas actuais condições só um Governo com forte representação e apoio das massas trabalhadoras pode garantir a continuação e avanço do processo revolucionário», pois «nas condições concretas de Portugal não há lugar para um Governo social-democrata».

Formalizando o seu repúdio pela maioria das decisões tomadas pelo VI Governo, os trabalhadores da Sorefame manifestaram a disposição de «unir as suas forças a todos os trabalhadores, soldados, marinheiros e restantes forças progressistas do País para, em conjunto, lutar pelo esmagamento da reacção e pela formação de um Governo que realmente nos garanta o avanço do processo revolucionário».

Também em carta ao ministro do Trabalho, de solidariedade com os dirigentes sindicais dos metalúrgicos, os operários da Sorefame, depois de concluirem que «os interesses que defende e representa serão todos menos os do povo trabalhador a que pertencemos», sugerem: «Demita-se, sr. ministro, e, já agora, leve consigo o sr. Marcelo Curto!...»

SINDICATOS DE AVEIRO EXIGEM

PUBLICAÇÃO IMEDIATA DAS PORTARIAS APROVADAS PELO V GOVERNO

Os problemas actuais do movimento sindical português foram analisados numa reunião efectuada em Aveiro, no sábado, entre os sindicatos dos Chapeleiros, Metalúrgicos, Tapeteiros, Artes Gráficas, Manufactores de Papel, Mineiros, Cerâmicos e elementos do secretariado da Intersindical. No final, os sindicatos decidiram:

. «1 — Que devem ser imediatamente publicadas todas as portarias acordadas na vigência do V Governo, e que mais não são que conquistas reais e efectivas da classe trabalhadora. O seu não imediato sancionamento só poderá ser interpretado pelos trabalhadores como uma manobra lesiva dos seus interesses e portanto passível de uma tomada de posição dura e inflexível, por parte destes.

2 — Manifestar o seu repúdio a todo o tipo de acções que reflictam divisão da classe trabalhadora, entendendo como tal, a manobra que se vislumbra, na política do actual Ministério do Trabalho em criar um organismo de apoio à vida sindical que mais não é que uma tentativa de ingerência descarada no movimento sindical unitário português. Os trabalhadores já demonstraram que não permitirão qualquer ataque à sua mais querida vitória, a unicidade sindical.

3 — Manifestar o seu total e franco apoio à reforma agrária e declarar que porão ao alcance de todos os trabalhadores do campo a sua força organizativa, desencadeando, se necessário, todas as lutas no sentido de não permitir qualquer recuo na sua prossecução.

4 — Apelar para a unidade de toda a classe operária e todo o campesinato — aliança histórica — no sentido de ser constituída uma muralha onde a reacção, o fascismo e todos os seus dilectos filhos, quebrem definitivamente os dentes».

"PREVIDÊNCIA" CONTRA INTERSINDICAL

Tanto a Comissão de Luta da Caixa Nacional de Pensões como a Comissão Negociadora da Convenção Colectiva de Trabalho-Instituições de Previdência publicaram comunicados, de teor semelhante, em que respondem a um outro da Intersindical, que denunciava determinadas situações relativas à luta que vem sendo desenvolvida pelos trabalhadores da Previdência. Num dos comunicados afirma-se que a Intersindical «tenta dividir os trabalhadores, lançando os trabalhadores beneficiários contra os trabalhadores da Previdência, que também são beneficionários».

No comunicado da Comissão de Luta da Caixa Nacional de Pensões afirma-se que o encerramento das Caixas ao sábado só será efectivado quando for assegurada a existência de um período de funcionamento das 8 às 20 horas, aumentando de sete horas e meia para doze, o período de utilização dos seus serviços. Aquela Comissão afirma ainda que sempre se tem batido pela concessão de assistência médica para todos os trabalhadores sem excepção, o não pagamento de vinhetas (senha de consulta), e o controlo feito pelos trabalhadores de cada posto clínico quanto ao número de consultas feito por cada clínico.

Por outro lado, neste comunicado, quanto aos graves problemas financeiros decorrentes da falta de pagamentos e contribuições, afirma-se que «esses problemas se devem também, e em grande parte, aos milhões de contos investidos em acções e obrigações de empresas e certificados de dívida pública, investimentos esses, para os quais os beneficários nunca foram ouvidos e aos quais a Intersindical e as Comissões Administrativas não deram a importância que o problema merece».

INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACEUTICOS:

NOVOS ELEIÇÕES A 15 DE NOVEMBRO

De acordo com uma moção aprovada na última assembleia do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, foi ratificada a decisão anteriormente tomada pela mesa da assembleia, no que respeita à impugnação das últimas eleições, e em que se defende o cumprimento dos estatutos. A mesma moção marcou novas eleições para o dia 15 de Novembro e repudiou, de forma enérgica, a entrega deste processo (de impugnação) aos tribunais, porquanto esta medida é antidemocrática e pretende roubar aos trabalhadores a sua capacidade de decisão no órgão soberano do Sindicato — a Assembleia Gerall — fazendo por via administrativa e ultracupulista o que os fascistas faziam antes do 25 de Abril.

A luta dos jornalistas «contra a ofensiva pelo controlo da Informação pelo ministro da Comunicação Social» foi objecto de uma proposta manifestando a «total solidariedade» e garantindo todo o apoio à «luta em que estão empenhados».

Outra proposta, aprovada por aclamação determinou que aquele organismo sindical contribua com 50 contos, quantia equivalente a 5$00 por sócio, como auxílio concreto no apoio à Reforma Agrária.

Mais uma moção aprovada: de apoio à «luta unitária dos trabalhadores, soldados marinheiros, sargentos e oficiais progressistas que por todo o País se opõem rigorosamente à tentativa de renascimento do fascismo, traduzida nos saneamentos», «nas tentativas de repor a Banca ao serviço dos capitalistas», na ausência de apoio à Reforma Agrária» e no «amordaçamento e na constituição de forças repressivas de carácter fascista (AMI) cuja função é reprimir as forças progressistas e as justas lutas dos trabalhadores».

Trabalho

UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO DENUNCIA ENTRAVES DA BANCA

Em reunião geral de Sindicatos realizada na União dos Sindicatos do Porto, foi analisado e aprovado um documento sobre assuntos que se prendem com as dificuldades postas pelo ministro das Finanças à passagem de credenciais às comissões de trabalhadores, para conseguirem j u n t o da Banca o financiamento necessário à aquisição de matérias-primas e ao pagamento de salários, a recusa de crédito aos trabalhadores que se tem vindo a acentuar progressivamente nestas últimas semanas, e a recusa de apoio às lutas dos trabalhadores, actualmente praticado pelo comando da R. M. N.

Assim, a U. S. P. aponta, no documento aprovado alguns exemplos concretos, como o descongelamento de contas de sabotadores económicos, ordenado pelo brigadeiro Veloso. O documento, afirma, a propósito: «Conhecemos actualmente a existência de largas dezenas de contas mandadas descongelar por ordem do brigadeiro Veloso. Como argumento para esta atitude do Q. G. (ofício n.º 176 Proc.º 20307 de 30 de Setembro — 5.ª Repartição), entende o comando da Região Mifitar do Norte»...que já houve tempo suficiente para que o processo corra os seus trâmites no tribunal...».

O comunicado continua: «Mas, por outro lado, também é certo que os trabalhadores têm recebido a mais frontal recusa de colaboração do brigadeiro Pires Veloso, na solução dos seus problemas. Em ambos os casos, sob pretexto de que tais assuntos não são da competência das entidades militares. Ou seja: porque não se quer meter em problemas, o sr. brigadeiro Pires Veloso recusa-se a apoiar os trabalhadores, alegando que os seus problemas não pertencem ao seu foro. É claro para os trabalhadores que, atendendo às evasivas do sr. brigadeiro, o descongelamento das contas bancárias de patrões reaccionários não pertence do mesmo modo, ao foro militar do sr. brigadeiro. Ao fazê-lo, no entanto, o sr. brigadeiro coloca-se clara e objectivamente ao lado de todo o patronato reaccionário.»

. No mês corrente, no Banco Pinto e Sotto Maior — adianta o documento — os delegados sindicais e a comissão administrativa puseram entraves a um empréstimo de 300 contos, solicitado pela firma Sociedade de Papelaria, Lda., destinado a direitos vencidos pelos trabalhadores, apesar destes assegurarem um destino correcto através do controlo operário. Quanto ao reparo feito sobre a diferença de actuação, em relação a casos idênticos passados há meses atrás, receberam como resposta evasivas e reticências. E o resultado é que, até ao momento, o empréstimo tão necessário e urgente, não se concretizou.

Os trabalhadores das Confecções Arlequim, actualmente uma cooperativa, encontram dificuldades para a concessão de um crédito de 400 contos pedida aos Bancos Borges e Irmão e Português do Atlântico, numa tentativa de defenderem os seus postos de trabalho e o pão para os seus filhos.

De facto — sublinha o documento — a Banca não esteve ainda totalmente ao serviço dos trabalhadores. Não só porque nunca foi possivel criar novos critérios de crédito decisivamente virados para os interesses das classes mais desfavorecidas, mas também porque as estruturas bancárias, tal como ainda existem, estão montadas segundo um esquema capitalista.

Daí, «a necessidade da urgente reestruturação da Banca em moldes tais que, após ter obtido a aceitação geral, através de amplos debates, nos quais os trabalhadores possam amplamente manifestar a sua opinião, possa servir como suporte fundamental de uma sociedade sem explorados e sem exploradores.»

. Prosseguindo, o documento, afirma: «Dado o actual contexto político, o patronato sente-se mais protegido para poder retirar mais facilmente dos Bancos quantias que, posteriormente, utiliza para fins pessoais que nada têm a ver com o desenvolvimento das empresas e que, pelo contrário, servem para financiar as mais diferentes acções contrarevolucionárias. No que se refere à actuação da Banca, devemos salientar que certas comissões administrativas de Bancos puderam ajudar os trabalhadores a resolverem os respectivos problemas.

Nesta reunião geral de Sindicatos, realizada no dia 17, foi ainda aprovada uma proposta onde se regista com apreensão as posições direitistas cada vez mais acentuadas em alguns Ministérios do actual Governo, especialmente os do Trabalho e Finanças, e se repudia «veementemente qualquer responsabilidade que forças contrarevolucionárias pretendem imputar aos trabalhadores no propagandeado «caos económico». Exige-se um «inquérito urgente à actividade governamental destes responsáveis com o fim de esclarecer se o agravamento da crise económico-financeira herdade do fascismo, é fruto de inadmissivel incompetência ou de criminosas acções contrarevolucionárias a imporem exemplar punição»; reafirma-se «a firme determinação dos trabalhadores de porem toda a sua capacidade de trabalho ao serviço da Revolução rumo ao socialismo.»

Finalmente, a proposta saúda todos os militares progressistas e alerta todos os trabalhadores para a presente crise político-militar, provocada pela reacção, e exorta-os à vigilância e resistência contra os sabotadores do processo revolucionário em curso.

CONSTRUÇÃO CIVIL

ULTIMATO AOS PATRÕES

«No caso das associações patronais continuarem a protelar as negociações sobre o contrato colectivo vertical da indústria da construção civil, os Sindicatos do sector exigem ao Ministério do Trabalho que aquele contrato seja regulamentado por via administrativa» — informa num comunicado a Comissão Negociadora do Contrato Vertical da Construção Civil, após a reunião ontem efectuada no Ministério do Trabalho, entre os representantes dos Sindicatos signatários daquela proposta contratual, representantes das associações patronais de norte a sul e o secretário de Estado do Trabalho.

Para o reinício das negociações, os representantes dos trabalhdores fizeram um ultimato: terão de recomeçar até ao próximo dia 28, findo o qual os trabalhadores encetarão novas formas de luta. Registe-se que a proposta de contrato vertical foi entregue às associações patronais em Maio de 1975, não tendo qualquer justificação mais adiamentos.

COMUNICADO «FALSO E DEMAGÓGICO»

Por outro lado, a Comissão de Redacção dos Sindicatos da Indústria da Construção Civil emitiu um outro comunicado, na qual esclarece: «O Ministério do Trabalho distribuiu aos órgãos de Informação um comunicado demagógico e falso em que visa pôr trabalhadores contra trabalhadores, nomeadamente quando afirma que o «Ministério do Trabalho está consciente da possibilidade de determinadas forças políticas se aproveitarem do justo descontentamento dos trabalhadores da construção civil para os virarem contra o VI Governo Provisório» e ainda quando pretende fazer supor que é de iniciativa do Ministério do Trabalho a convocação dos Sindicatos para o recomeço das negociações».

«A posição dos Sindicatos presentes na reunião de ontem foi peremptória em exigir ao senhor secretário de Estado do Trabalho um desmentido formal daquilo que o próprio Ministério mandou publicar.

Face ao esclarecimento do senhor secretário de Estado do Trabalho sobre o alcance do mesmo comunicado, não julgando necessário qualquer desmentido, as direcções sindicais esclarecem desde já que a iniciativa do recomeço das negociações partiu dos próprios sindicatos e que a luta dos trabalhadores só a eles diz respeito e só a eles compete julgar quem está por eles ou contra eles».

DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS

OS TERMOS DA ALTERNATIVA

À actual direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa só resta uma alternativa: ou cumpre o seu próprio programa, os estatutos e as deliberações dos sócios em assembleia geral ou então terá de ser destituida, mais dia menos dia — afirmaram ontem alguns delegados sindicais dos trabalhadores de escritório, durante uma conferência de Imprensa em que foi analisada a crise que afecta o seu Sindicato.

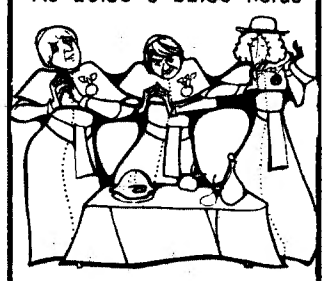
Todo o trabalho de luta da classe está paralisado, segundo se afirmou. Como exemplo, citou-se o caso das verticalizações dos Contratos Colectivos de Trabalho, particularmente o da construção civil, em cuja elaboração não têm participado os delegados da direcção dos Escritórios.

A actuação dos dirigentes, maioritariamente identificados com o M. R. P. P. mereceu alguns comentários. O ponto relativamente ao apartidarismo, que figura no programa da direcção, votado pelos sócios, tem sido sistematicamente violado — afirmou-se. «O sindicato é muito cobiçado, porque tem muito dinheiro em caixa, que pode servir para cobertura de outras actuações, que não são sindicais». Por isso, há pessoas, que votaram na lista vencedora, nas eleições, que começam a sentir-se «defraudadas».

Os delegados sindicais denunciaram, tambem, a suspensão de 13 funcionários — que ainda não foram readmitidos, apesar da deliberação, nesse sentido antidemocrático, numa palavra, não cumprimento do programa de acção em que os sócios votaram.

A actuação da direcção do Sindicato dos Escritórios será analisada amanhã, em assembleia geral expressamente convocada para o efeito, e que se realiza no Pavilhão dos Desportos, às 20 e 30.

ADÓQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
HOJE
Às 20.30 e 22.30 horas



ACTA DOS GARDIANS
2.º MÊS DE ÊXITO!
Amanhã:
Descanso da Companhia
(não ac. men. 18 anos)

BOICOTE INTERNACIONAL

Canceladas 105 encomendas à Lisnave

«A Lisnave registou de Janeiro a Agosto deste ano 105 cancelamentos. Em consequência de tudo isto, cerca de 400 trabalhadores estão diariamente de braços cruzados, sem trabalho» afirmou ontem um dos elementos da Comissão de Trabalhadores da Lisnave, no decorrer de uma conferência de Imprensa. Participou também a Comissão de Trabalhadores da Setenave.

O boicote parte dos países capitalistas e sociais-democratas, que justificam os cancelamentos das encomendas com a instabilidade política portuguesa, principalmente depois do 11 de Março. Actualmente, regista-se uma redução de 40 por cento na capacidade anual de produção dos estaleiros.

O problema da Setenave é ainda mais grave, pois encontra-se em fase de financiamento totalmente preenchido pela Banca nacionalizada.

Para além do boicote, existe outro factor não menos importante para a actual crise destas duas empresas: a crise internacional do capitalismo, que se reflecte particularmente nos transportes marítimos. Por exemplo, a frota petrolífera da Noruega, uma das maiores do mundo, está neste momento semi-utilizada: 27 por cento dos navios estão parados.

Como solução, aponta-se o «controlo» operário da produção e a planificação global da economia; os trabalhadores da Lisnave e da Setenave integram a Comissariado da Metalomecânica Pesada. O projecto de decreto-lei que instituía este órgão foi rejeitado na generalidade pelo VI Governo Provisório, prosseguiram os trabalhadores, que manifestaram repúdio e desconfiança quanto à acção deste gabinete.

Padeiros do Norte contra "falsos paternalismos"

O novo horário da panificação continua a motivar as mais diversas tomadas de posição. De um lado, o Conselho de Ministros e o P. S. a reprovar a decisão dos trabalhadores para conseguirem o trabalho diurno; do outro, os Sindicatos que insistem na sua decisão, pois consideram que o novo horário não prejudica ninguém.

«É falso que este projecto dos trabalhadores — afirma num comunicado o Sindicato de Panificação de Lisboa — não tenha respeitado os interesses dos consumidores, o novo horário de trabalho tem precisamente em vista o melhor abastecimento do consumidor.»

. Mais violento é o comunicado do Sindicato da Panificação do Porto, quando acusa o Governo de nada perceber quanto às estruturas da indústria da panificação. «Pretende insinuar o Governo que não foram consultadas as maiorias da população para que aprovassem a mudança de horário. Terá porventura, o Governo consultado alguém para divulgar tal comunicado?». E mais à frente: «Não pretenderão os senhores ministros tapar os olhos ao povo com falsos paternalismos fazendo crer a esse mesmo povo que as crianças e os doentes serão prejudicados no consumo do pão, o que é totalmente falso? Não seria mais aconselhável — conclui — preocuparem-se com a Medicina social, a carência de hospitais, com os deficientes centros de ensino e, ainda, com aquele problema, que achamos muito grave, das más condições de higiene e não só, em que o pão é fabricado?». Idêntica posição foi assumida pelo Sindicato da Panificação do Conselho do Barreiro.

SINDICATO LIVRE DOS PINTORES DA CONSTRUÇÃO NAVAL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA E SETÚBAL

RUA DO ARSENAL, 84, 2.º-D — TELEF. 323161 — LISBOA-2

2.ª CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 26 do corrente (Domingo), pelas 9.30 horas no refeitório do Estaleiro da H. Parry & Son, Ld.ª em Cacilhas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º INFORMAÇÕES SOBRE A PORTARIA;
2.º APRECIAÇÃO E APROVAÇÃO DO EXERCÍCIO DE CONTAS DE MAIO/74 A AGOSTO/75.

NOTA: A Assembleia funcionará decorridos 30 minutos, após da hora marcada com qualquer número de associados.

Lisboa, 20 de Outubro de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **José Maria M. Oliveira Velho**

— É INDISPENSÁVEL A APRESENTAÇÃO DO CARTÃO DE ASSOCIADO —

Nacional

AINDA O VINHO DO PORTO

MONOPOLISTAS DE GAIA "PISAM" A REGIÃO DURIENSE

«Há que rever rapidamente os preços de uvas e mostos de tal forma que eles sejam pagos ao pequeno e médio produtor pelo menos ao nível da vindima passada». O deputado do PCP à Assembleia Constituinte, Avelino Gonçalves, preconizou naquele hemiciclo, há dias, esta medida para salvar a produção da época e minimizar as dificuldades daqueles que têm sido os grandes prejudicados de há anos a esta parte.

Os despedimentos dos pequenos vinicultores, operados dasmaisdesencontradasformas têm, também, dificultado enormemente todo o processo. Essa é a actuação dos monopolistas de Gaia, que é considerada extremamente grave. Trata-se dos «despedimentos» pelas casas exportadoras que o fascismo impulsionou, designadamente a «Sandeman», a «Croft», «Cockburn», «Smith», «Calém» e outros. Não compram as uvas aos pequenos produtores — como o faziam antes — e desrespeitam compromissos assumidos oficialmente.

São milhares os pequenos vinicultores sem instalações de vinificação e armazenagem, como no-lo referia, em Pinhão, Mário Pinheiro emquadrado nesse conjunto. Procuram desesperadamente quem lhes compre as uvas, enquanto a terceira empresa, acima referida, despediu vinicultores em três freguesias de Foz do Coa e, a primeira, em Guiães e Ermida, no concelho de Vila Real. A «Sandeman» repetiu a graça, como a «Croft» em Vacalar e Folgosa, em Armamar. Mas há mais.

Claro que essas «casas fortes» continuam a comprar uvas aos grandes produtores e ao preço de 10 contos e pipa. Menos seis que na última vindima e numa actuação criminosa que, pelo menos, tem dois objectivos: colocar os pequenos vinicultores em situação desesperada e, assim, provocar uma baixa de preços, e provocar uma onda de descontentamento que permita a manipulação dos pequenos agricultores contra a Revolução e as medidas progressistas que foram tomadas pelo Governo anterior, como, concretamente, no que se refere ao decreto sobre os «saneamentos das cooperativas».

A questão do Douro identifica plenamente as forças que estão com a Revolução e as que estão contra. O comportamento de determinados partidos (PPD, CDS e PS), denegrindo a luta dos trabalhadores em prol dos monopólios e dos latifundiários da região é extremamente significativa. No essencial, destina-se a perpetuar a importância do imperialismo britânico na exploração vinícola da região duriense e, ao mesmo tempo, beneficiar os interesses que hoje a Alemanha Federal e a Holanda têm aí.

Não podemos esquecer que as casas que hoje esses partidos apoiam, e que, por seu turno, recorrem ao produto dos grandes proprietários e produtores, eram grandes proprietários, também, e com elevados interesses na exportação.

Corrupção, favoritismo, exploração, agiotagem e roubo eram os «trunfos» desses proprietários e privilégios que esses mesmos donos hoje não querem perder. É aqui que a luta se circunscreve e do lado oposto, apostados em levar essa prática, ainda hoje corrente (embora em menor grau e intensidade) estão os trabalhadores da região, os pequenos e médios produtores.

AGUARDENTE O MOSTO E AS UVAS

Já há tempos, o ministro do III Governo Provisório, dr. Rui Vilar, tinha avisado: A Imprensa reaccionária da Europa estava a mover uma campanha contra Portugal a propósito do Vinho do Porto». A campanha e o boicote estavam a cargo da social-democracia europeia e neles embarcaram partidos que, na altura, estavam no Governo de coligação.

O vinho do Porto tornou-se, então, peça da campanha anticomunista e componente da caluniosa propaganda orquestrada por reaccccionários a propósito da venda de vinho à União Soviética e, simultanemante, uma ardilosa tentativa para empalidecer o boicote social-democrata ao vinho da região duriense.

Um comunicado do Instituto de Vinho do Porto assinalava que era necessário «suportar os custos de intervenção no mercado dos vinhos, praticado pelos organismos vitivinícolas regionais e, ainda, proporcionar fundos de maneio à Casa do Douro para esquemas de protecção ao pequeno e médio produtor».

E referia-se, igualmente, ao elevado preço da aguardente, como medida para criar uma barreira forte ao benefício de mostos de baixa qualidade (os mesmos mostos, dada a sua baixa graduação alcoólica exigiriam uma tal quantidade de aguardente que tornava o vinho do Porto produzido, em função do preço da aguardente, altamente caro).

E a questão põe-se (e já muitas outras vezes foi posta na discussão que a propósito foi travada, quer na região duriense, quer no País, a nível de Constituinte): o elevado preço da aguardente afectaria os pequenos produtores, como então foi afirmado?

. Avelino Gonçalves na Assembleia: «Seria verdade se os pequenos vinicultores transformassem eles próprios as suas uvas em vinho e procedessem à sua beneficiação. O que acontece contudo na imensa maioria dos casos, é os pequenos e médios produtores venderem a suas uvas e mostos às casas exportadoras e comerciantes, que são de facto os atingidos com a subida do preço da aguardente. É claro que todos os produtores que fabricam eles próprios o Vinho do Porto e são principalmente os grandes que o fazem são também afectados. Mas os grandes prejudicados são os mixordeiros, os que fabricavam Vinho do Porto à custa de mostos de baixa qualidade, sobretudo a partir de uvas que vinham de fora da região demarcada do Douro. Lembremos por exemplo o escândalo da Sociedade Clemente Meneres com cerca de 80 pipas de vinho beneficiado proveniente de uvas produzidas em Romeu e Avantos do concelho de Mirandela, bem longe da região demarcada».

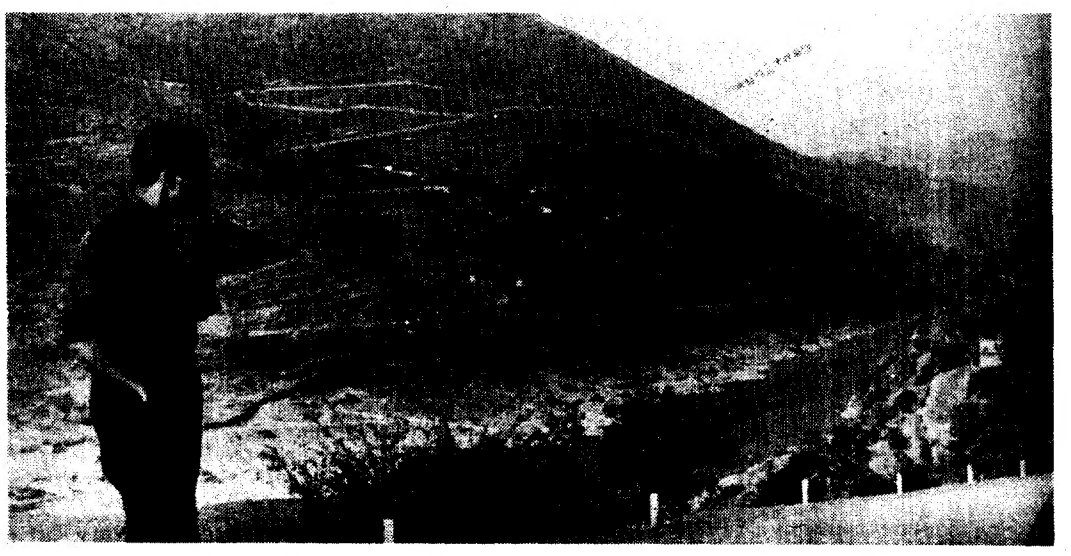
O elevado preço de aguardente vai atingir de forma degradante os pequenos e médios produtores, porque, para defender os monopolistas de Gaia procuraram manter o preço final do Vinho do Porto à custa da baixa de preços dos mostos e das uvas. E, aqui, o povo deste País protesta porque não está de acordo. E, aqui, os trabalhadores da região, os pequenos e médios produtores contestam a medida, porque são eles os visados, é a eles que o «legislado» pretende — e consegue — prejudicar.

A revisão imediata dos preços de uvas e mostos, como inicialmente salientamos, impõe-se para dignidade e justiça de quem trabalha e cuida dos bardos das videiras por entre escarpas e fraguedos em condições onde a técnica é pobre e os resultados oscilantes.

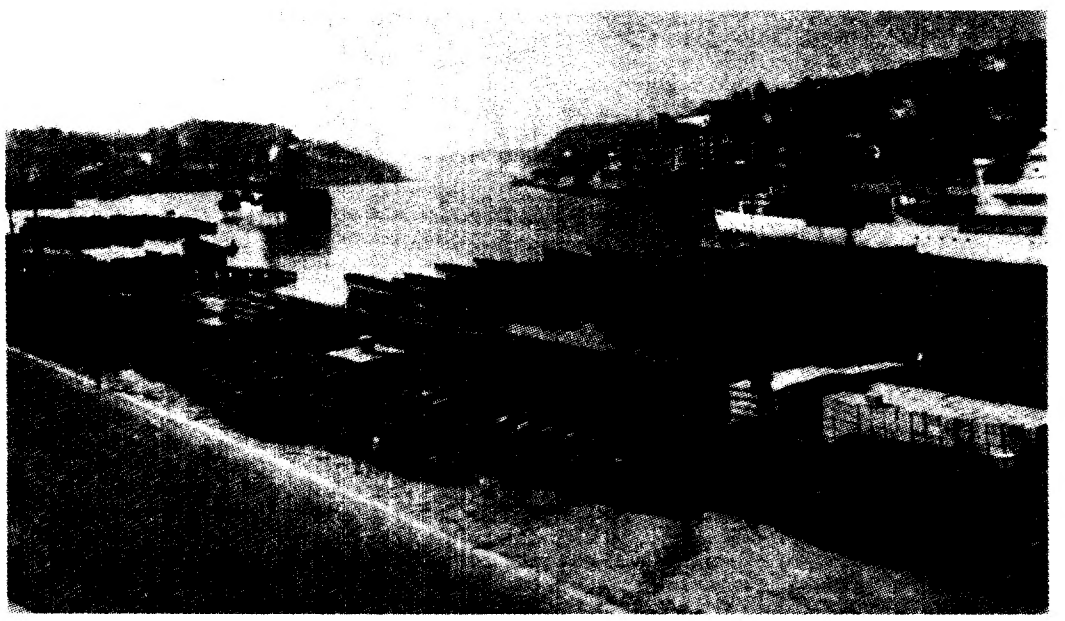
UM MILHAR DE CONTOS

É inegável que o vinho do Porto é, hoje como ontem, um dos poucos produtos que fazem entrar divisas no País, mesmo que acidentalmente afectado por gananciosos que, não há muito tempo, compraram uvas em Mirandela (fora da região demarcada) a que juntaram aguardente sintética e catalogaram como vinho do Porto. Foi o grande escândalo depressa asfixiado pelas autoridades fascistas, que levou o importador alemão a duvidar do produto e a refrear as suas compras.

É um vinho que, por si, quase cria o mito da emancipação e, reflexamente, «movimentos de libertação». Aliás, o mesmo acontece na Madeira, e também pelo vinho da ilha. O leite



As «casas fortes» continuam a comprar as uvas aos grandes produtores



Há muitas e muitas décadas que Vila Nova de Gaia é o centro exportador de vinho do Porto. Ali se congregaram os monopolistas do precioso líquido, estendendo-se hoje o seu domínio, por diversas formas e a cumplicidade de grandes produtores, a toda a região duriense

Avelino Gonçalves: «os grandes prejudicados são os mixordeiros»

e o resto é história em que se envolvem os grandes produtores e latifundiários (melhor: grandes minifundiários) na mira de prosseguirem a senda de exploração que mais desnivelou a distância entre exploradores e explorados durante cinco décadas.

Os comportamentos desses senhores nem ambíguos são. Aquando do debate da questão na Assembleia Constituinte, o dr. Luís Roseira, deputado pelo PS, acusava o Governo Central de inoperância em diversos aspectos. Esse mesmo senhor e outros ilustres membros do PPD e CDS já tinham passado pela Comissão Liquidatária da Casa do Douro e na Comissão de Reestruturação do sector do Vinho do Porto.

Tiveram a coragem de denunciar a presença nessas comissões de homens ligados à JNV e às Casas Exportadoras de Gaia. O ex-deputado do PS afirmou, até, que o inimigo principal eram «os ingleses de Gaia» e que 4 por cento desses lavradores tinham arrecadado perto de 40 por cento da produção.

Mas esse mesmo ex-deputado, juntamente com Fernando Pinto, do PPD e outros ex-candidatos a deputados pelo CDS estiveram em 1 de Junho na Régua (Araújo Correia confirma o que aqui escrevemos neste aspecto) para meter na Comissão de Gestão da Casa do Douro os lacaios dos grandes produtores e monopolistas de Gaia.

E isto para provar que «para lá do Marão manda a Reacção»?

Vamos ainda a factos: em 3 de Setembro 8 dos 11 trabalhadores rurais da Quinta do Casal em Godim (Régua) são avisados que a partir do dia 6 estavam despedidos. Não havia motivo justo para tal atitude numa quinta de 200 e tal pipas e onde os assalariados trabalham diariamente 8 horas com um salário de 100$00 ou 4 por dia a 60 escudos.

Muitos deles, aí, trabalham aos sábados e domingos sem qualquer remuneração suplementar. Não têm garantias de trabalho e estão sujeitos às maiores arbitrariedades. Tanto a Previdência como a assistência médica se processam por forma extremamente deficiente.

Não é difícil falar dos problemas do Douro: difícil é, acima de tudo, apontar soluções e, sobretudo, levá-las à prática sem afectar os privilégios dos «senhores da região» quando a luta de classe é um facto e o seu processo se encaminha, irreversivelmente para a vitória dos trabalhadores e da Revolução.

Fica este desafio quando se pensa exportar directamente o vinho do Porto, os bancos se encontram sem liquidez e a região não pode dispensar a entrada de divisas para um produto em que um milhar de contos é o mínimo que se pode «exigir».

JULIO RODRIGUES

ENSINO SUPERIOR: A HERANÇA DO V GOVERNO

O CONTEÚDO DO ENSINO E A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA UNIVERSIDADE

Pelo dr. ANTÓNIO HESPANHA

É muito claro para todos que as coisas não correm bem, do ponto de vista pedagógico e dos conteúdos do ensino, na nossa Universidade.

Não correm bem, desde logo, porque há uma distância enorme entre as exigências dos perfis profissionais necessários ao país (que, de resto, nem sempre estão claramente definidos) e os perfis académicos formados pela Universidade. Precisávamos de que as instâncias encarregadas do planeamento económico e social tivessem uma imagem clara das necessidades em recursos humanos superiormente qualificados. Precisávamos que o Gabinete de Estudos e Planeamento do MEIC traduzisse essa imagem em termos de ensino superior — isto é, que elaborasse, a partir de aí perfis académicos e estabelecesse correspondentes metas educacionais, tanto em termos qualificativos como em termos quantitativos; parte desse trabalho começou a ser feito antes do 25 de Abril, mas agora, é claro, tem que ser todo refeito, *tinha que ter sido já* começado a refazer. Finalmente, precisamos que se criem centros de reflexão pedagógica capazes de orientar, de forma reflexiva e científica, a actividade escolar da Universidade que, até agora, decorre sob o signo do mais completo amadorismo e espontâneismo.

Claro que pedir tudo isto um ano passado da Revolução é quase pedir a Lua. O País, ele mesmo, não está ainda arrumado e, quanto a futuro, dentro desta massa de estender em que se está a tornar a «via socialista» não se se pode saber se vamos ser Cuba, a Albânia, a Jugoslávia, a Argélia ou... a Suécia. E, é claro, cada um destes modelos políticos tem a sua matriz profissional.

Quanto à organização pedagógica, se ela se basear — como deve — numa reflexão sobre as condições concretas da escola e da sociedade portuguesas, temos ainda que deixar amadurecer um bom bocado a via experimental, com todos os riscos que ela faz correr.

DAR TEMPO AO TEMPO

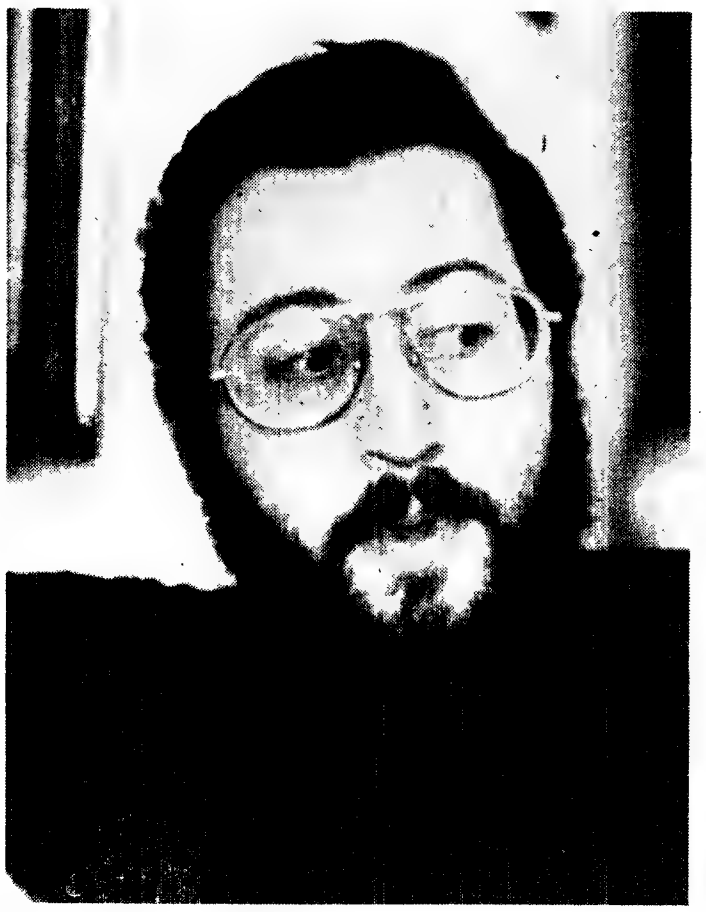
É por isso que — sem deixar de ter consciência de que estava quase tudo por fazer e, também, sem desconhecer os aspectos extremamente negativos da nossa situação universitária, sobretudo, em função de um «óptimo» próprio de sociedades estabilizadas) — nunca deixei de encarar o estado pedagógico da universidade com uma forte dose de naturalidade e de confiança. Tinha um pouco o sentido de que se estava a passar *aquilo que tem de ser,* aquilo que teve que ser noutros lados onde ainda por cima, o Governo tinha meios de acção política mais eficazes e onde a máquina do ensino superior tinha uma dimensão muito inferior à da nossa: Cuba fez a revolução em 1959 e só em 1962 aparecem as *bases gerais* da reforma do ensino superior, a Argélia tornou-se independente em 1962 e só em 1971 é anunciada idêntica reforma. E em França e Alemanha — onde apenas houve o solavanco de 1968/9 — quantos anos demorou a recuperação de uma certa ordem universitária?

Por outro lado, a visão que se tem do que se passa nas universidades portuguesas não deixa de ser, em muitos aspectos, a visão emocional de quem está de fora e só é desperto pelo anormal e escandaloso. E muitas vezes, a visão emocional daquele que foi universitário durante a paz podre do fascismo e que, apesar de eventualmente antifascista, não deixa de estar afectivamente preso à sua experiência universitária, sobrevalorizando os aspectos (quantas vezes meramente formais) da «ordem e da seriedade» e mitificando o significado científico e cultural duma universidade «arrumada».

Na verdade, a «ordem», a «eficiência» e a própria «seriedade», por muito necessários que sejam, nunca deixam de ser *meios*, na Universidade ou fora dela. Não têm um valor em si mesmos; são factores positivos ou negativos consoante a estratégia global em que se integram. E, se não se integrarem em estratégia nenhuma, constituem objectivos ridículos e sem sentido. Isto é talqualmente assim no domínio do ensino. Passagens administrativas? Claro que não. Exames rigorosos sobre as matérias desadaptadas, desactualizadas, bizantinas? Claro que também não, e com a mesma força. Ensino permissivo? Claro que não. Ensino selectivo, de uma selecção cega quanto aos objectivos e cega quanto às discriminações sociais que pode reproduzir? Claro que também não.

Isto tem sido ultimamente dito muitas vezes (nem sempre com a mesma legitimidade, nem sempre a cobrir objectivos honestos... e, por isso, quase que perdeu a força persuasiva. Mas, se cada um de nós que frequentou a Universidade olhar para o seu próprio caso e ponderar a utilidade real, concreta (não só em termos de adestramento técnico, mas também em termos de formação de uma consciência desperta), do curso que tirou a pulso de exames e de provas de selecção rigorosa... Para que serviu, na maior parte dos casos, esse «alto nível» do ensino que tantas barragens visavam salvaguardar? Muita gente não se deu ainda conta, na verdade, de que o «nível» do ensino não é nada de abstracto que as matérias ensinadas em si mesmas contenham e que o rigor dos exames só por si salvaguarde, mas algo que depende da adequação dessas matérias aos fins sociais que a acção educativa visa atingir. Isto, porque o *aprender não é um desporto, mas uma actividade funcional.*

É evidente que tudo o que fica dito não invalida muito do que se pode dizer, em contrário, a favor do espírito de trabalho e de rigor que deve caracterizar a actividade universitária; não invalida, sobretudo, nada do muito que pode ser dito a favor deste espírito numa universidade que tenha encontrado já o seu papel social, ou melhor, numa universidade para a qual a sociedade já tenha encontrado funções e tarefas. O que quis realçar foi que, enquanto essas funções



e essas tarefas não forem encontradas e claramente definidas (e podem sê-lo sectorialmente), o rigor e a selecção têm uma importância muito relativa.

Claro que há um outro aspecto do problema e este é, na verdade, muito chocante. É que, numa sociedade em que, como na nossa, um título universitária é uma poderosa catapulta para o êxito e para o privilégio social, a permissibilidade do ensino universitário torna privilégios já de si injustos em privilégios escandalosos. Quem já se revoltava pelos direitos conferidos pelo canudo, obtido à custa do «empinanço», há-de pensar dos mesmos direitos conferidos pelo canudo (que nem por isso é menos canudo...), obtido por «frequência de assento»? E foi o que aconteceu nestes dois anos lectivos de 1974/5 e 1975/6, em que argumentos como os que desdobrei atrás encobriram o oportunismo mais oportunista (de muitos estudantes e professores, uns à procura do canudo, outros à procura da auréola). Entretanto, e enquanto, por exemplo, as Faculdades de Direito e de Letras de Lisboa e as Faculdades de Medicina de todo o País licenciavam estudantes num ano (!), o trabalhador alentejano, beirão ou minhoto passou os dias todos do mês, dos meses todos desse mesmo ano de enxada nas mãos, sem que, ao fim, essas mãos tivessem afagado o pergaminho com o «doutor» à frente do seu nome...

COLHER OS FRUTOS

Ora bem, neste domínio da organização pedagógica das universidades é esta — não há volta a dar-lhe — a herença de cinco Governos. Uma herança de ausência, dirão alguns; uma herança de experiências, dirão outros. De experiências de que agora se poderão colher os frutos.

As próprias escolas já os estão a colher. Algumas delas produziram, no final do ano lectivo de 1974/5, análises lúcidas e impiedosas da sua actividade escolar, a partir das quais se pode fazer um bom trabalho de reorganização; lembro-me, por exemplo, do grosso «dossier» que me foi entregue pelo Conselho Directivo do I. S. E. Em muitos pontos em que os erros já estavam a dar frutos desastrados — como no caso da classificação em «apto» e «não apto», da muitas vezes irrealista pretensão de avaliação contínua ou da proliferação de disciplinas opcionais — eram sensíveis os movimentos de «marcha atrás». A atenção aos aspectos de administração pedagógica ia sendo também, progressivamente maior, quando as escolas se deram conta que uma secretaria mal organizada pode destruir todo o trabalho pedagógico feito nas salas de aula ou de seminário. (Em àparte: quem já se deu conta que uma secretaria de universidade caótica pode produzir — tem produzido... — mais «passagens administrativas» do que o plenário mais «enragé»?...).

As lições desta grande experiência iam agora começar a ser colhidas, sistematicamente, pela secretaria de Estado do Ensino Superior. Já no final do ano lectivo — e depois de grande atraso provocado pela crise consequente à queda do IV Governo — foi enviado a Conselho de Ministros um projecto de decreto-lei, estabelecendo regras mínimas de organização pedagógica, nomeadamente no respeita a exames e classificações. Não se tratava de normas muito exigentes ou definitivas, mas era uma primeira chamada formal (pois já houvera outras anteriores, geralmente desobedecidas...) à ordem, neste domínio que tem a ver com a igualdade dos cidadãos e que, por isso, envolve interesses eminentemente públicos. O Conselho de Ministros, dado que já se iniciara o período dos exames, preferiu editar estas normas como «resolução». Apesar desta desvalorização formal, o seu não cumprimento foi absolutamente excepcional, ao que penso.

QUI CUSTODIAT CUSTÓDIOS?

Mas, está claro, estes problemas não se resolvem por decreto, a menos que ao decreto se siga a sindicância e o pedido concreto de responsabilidades aos professores (que são funcionários do Estado...) que se põem de mal com o Ministério por amor do plenário. Na verdade, com o que o Ministério de confrontou muitas vezes foi com a espantosa demissão do corpo de professores que não soube, muitas e muitas vezes, encontrar uma aitude colectiva de serena resistência que defendesse a dignidade do seu papel na escola. Os mesmos professores que conclamavam a autonomia universitária contra o dirigismo do MEIC, chegada a altura da provação, amortalhavam cuidadosamente essa autonomia e esperavam que o Ministério que os defendesse, por decreto, por despacho, por comunicado, das exigências dos estudantes; sem verem que, nas circunstâncias presentes, não há força mais eficaz nas escolas do que aquela que estas consigam, no interior de si mesmas, mobilizar, em defesa da dignidade da sua função social. Foi isto que no Ministério se disse muitas vezes, porque sempre nos custou a admitir que alguém possa guardar mais eficazmente a dignidade de cada um do que o próprio. Claro que também havia ou outros, aqueles para quem não havia nunca a hora da provação, os que aceitavam de boamente a nota votada pelo plenário, os que assinavam os termos de classificação com um colaborante «tomei conhecimento (da nota decidida pelos examinados)», os que compraram com todas as piruetas «democráticas» o direito de viver em sossego (muitas vezes sobre um rosário de matrafias e de indignidades cometidas durante o fascismo).

Mas havia também — e honra lhes seja — os que não transigiram com a desonestidade, com o oportunismo e com as meias tintas cómodas. Esses eram, regra geral, a elite universitária que já vinham do tempo do fascismo, que então se habituara a resistir e a combater na defesa dos ideais democráticos e que agora, noutro contexto e com outros opositores continuou essa luta por valores que crê estarem no centro de um modelo democrático da universidade. São homens da tèrnpera, por exemplo — realço-o porque foi e é meu mestre, em todos os sentidos — , de Teixeira Ribeiro, que lá continua, ele também, a ignorar os caminhos fáceis e a procurar, para a sua universidade, caminho da dignidade e do serviço mais autêntico à Revolução. Vem a propósito lembrar, nesta altura, estes homens porque, se não são herança do V Governo, foram isso sim, exemplo para cinco Governos.

Estrangeiro

BRASIL:

A crise económica mais grave desde o começo da ditadura

DIÓGENES OLIVEIRA
Exclusivo
Prensa Latina-«DL»

Nos últimos tempos, principalmente depois da substituição de Medici por Geisel, a Imprensa brasileira reflecte constantemente a preocupação das autoridades no respeitante à indústria automóvel, suas proporções e rumos que vai seguindo. Evidentemente que a maior preocupação consiste nos maiores gastos com a importação de petróleo e os lucros das vendas de automóveis no exterior. Esta mesma preocupação manifesta-se no tocante ao colapso de todo o sistema ferroviário.

O Brasil fabrica muito mais automóveis de passeio que tractores e camiões, atendendo a que é uma linha mais lucrativa, fácil de comercializar e satisfaz as tradições e forma de vida da burguesia urbana.

A análise dos problemas originados pela indústria automobilística não é mais que o exame da deslocação e deformação de todo o modelo de desenvolvimento económico brasileiro. Implica um estudo sério e pormenorizado de tudo quanto se tem feito no campo económico desde 1964, assim como a revisão dos conceitos adoptados desde a forma em que se desenvolveu o processo de acumulação de capitais até ao facto de converter o país em mero lugar de produção das multinacionais com uma estrutura económica desvinculada das necessidades reais das grandes massas, que, por este motivo, vivem à margem do processo.

As condições de dependência geradas pelo capitalismo quase afastam a possibilidade de o actual governo analisar criticamente o sistema, abordando com realismo alguns dos efeitos mais desastrosos destas deformações económicas.

O Governo Geisel enfrenta uma crise económica sem precedentes desde a instauração da ditadura militar, gerada pelos problemas analisados. Mas a solução para as suas atribulações espera-a ele do exterior, ou seja aumentando a dependência do país.

Não obstante, a diplomacia brasileira registou algumas mudanças no respeitante à condução da política externa. A aproximação com os países árabes, e a consequente condenação da política de Israel no Médio Oriente é determinada pelo afã de garantir o abastecimento de petróleo. A aproximação com alguns países da África, principalmente as ex-colónias portuguesas, persegue a procura de mercados externos. O reconhecimento da República Popular da China obedece a esta mesma tendência. Estas modificações mostram em definitivo que as classes dominantes, pressionadas pelos problemas que enfrentam, tiveram que abandonar de certo modo a anterior política anticomunista por outra mais flexível e inteligente em defesa dos seus interesses económicos.

O modelo de desenvolvimento económico seguido pelo Brasil nos últimos onze anos está intimamente relacionado com os problemas gerais das matérias-primas. A indiscutível riqueza do país nesse sentido possibilitou que os Governos ditatoriais obtivessem alguns êxitos na política de captação de capitais estrangeiros.

Os desvios originais do processo de desenvolvimento do sistema capitalista no Brasil remontam à época em que o país estava sob a influência económica da Inglaterra.

A Inglaterra era então grande exportadora de carvão, carris, locomotoras e capitais interessados em vias férreas.

Empresas inglesas construiram no Brasil uma rede ferroviária extensa, mas em condições antieconómicas que obrigaram o Governo a subvencionar as concessionárias estrangeiras por quilómetro de carris construído. Apesar do seu aparente incremento, as redes ferroviárias do país foram altamente deficitárias.

A «Central do Brasil» e a «Companhia Paulista» chegaram a apresentar «deficits» que escandalizaram o país, enquanto outras tinham orçamentos que nem sequer cobriam os gastos do combustível. E com o andar dos tempos, estas companhias transformaram-se em gigantescos problemas, fontes de perdas para o tesouro nacional e de desmoralização para o próprio sistema de transporte ferroviário.

Um elemento essencial para avaliar da viabilidade de um meio de transporte é a densidade do tráfego económico que o utiliza. E a realidade de então era a de que não havia nada para transportar. Mas o chamado «milagre» que se operou na economia brasileira modificou essa realidade.

Em meados do século, além de grande exportador de petróleo, os EUA eram também grandes exportadores de camiões e automóveis para os quais eram necessários os hidrocarburantes, as peças sobressalentes e os acessórios.

O Brasil precisa de importar mais de dois terços do petróleo que consome e, neste sentido, o sector de transportes absorve mais de 50 por cento das importações de combustíveis.

A partir de então, o país, encaminhou-se para uma política de construção rodoviária, com o abandono total do transporte ferroviário, até permitir o seu actual derrube. Quando se instalou a indústria automóvel no Brasil, as estradas adquiriram um grande nível de desenvolvimento, enquanto a rede ferroviária sofria uma significativa redução.

Contudo a carência de dados mais actualizados não altera esta orientação, pois continua a verificar-se o absoluto predomínio do transporte rodoviário e a diminuição progressiva das linhas ferroviárias.

A distribuição da carga, segundo os meios de transporte no Brasil e outros países, pode confirmar, por uma simples comparação que a estrutura do sistema de transportes é determinada pelo desenvolvimento da sua economia. O quadro seguinte, do ano de 1972, constitui um bom exemplo, dado que a tendência deformada no caso do Brasil se destaca entre os outros países industrializados.

Distribuição da carga segundo os meios de transporte

Países	Rede ferrov.	Estrad.	Hidrov.
EUA	50%	25%	25%
URSS	83%	4%	13%
França	55%	28%	17%
RFA	53%	18%	29%
Japão	38%	20%	42%
Brasil	14%	82%	4%

Por outro lado, a evolução das redes ferroviárias no Brasil foi em 1966, de 32,463 km; 1970, 31,848 km; 1972, 31,379. Estes dados confirmam a diminuição das linhas. No entanto o crescimento das obras rodoviárias nos mesmos anos foi o seguinte: 1966, 913,199 km; 1970, 1 039 779 km; 1972, 1 217 725 km.

O transporte rodoviário cresceu no Brasil não só à custa do desenvolvimento ferroviário, mas também em detrimento do transporte marítimo, o qual diminuiu a sua participação de 26,4% em 1950 para 12,2% em 1970.

Com um litoral marítimo de cerca de 7500 quilómetros de extensão, que bordeja as áreas mais ricas e povoadas do país, parece inconcebível que se tenha abandonado o incremento do transporte marítimo e fluvial.

As redes ferroviárias apresentam desvios e deslocações ainda maiores. Em 1960, por exemplo, os gastos estatais representaram 38,77% dos investimentos totais do Governo no sector dos transportes, enquanto as estradas absorveram 29,2% dessa quantidade.

Dez anos mais tarde, os gastos no transporte ferroviário representam apenas 20% do total dos investimentos estatais no sector, enquanto a participação das redes rodoviárias nesses investimentos subiram mais de 56%. Os investimentos em transporte marítimo e fluvial diminuiram ainda muito mais.

DESEQUILÍBRIO DA ESTRUTURA

Este aspecto da deformação económica do Brasil piorou consideravelmente pondo em total desequilíbrio a estrutura do sistema de transporte. O crescimento da produção automobilística e a quantidade de fábricas que se instalaram no país são um facto realmente singular. Basta assinalar a produção dos últimos anos, que passou de 224 575 veículos em 1966, para 416 047 em 1970 e 726 000 em 1973. Só a Volkswagen produz actualmente 1700 unidades por dia e planeia aumentar essa produção até 3000 diárias, depois da próxima construção de uma nova fábrica em Taubaté, Estado de São Paulo.

Na realidade, o desenvolvimento de todo o complexo industrial brasileiro baseia-se quase exclusivamente na indústria automobilística qualificada pelo regime como o «sector mais dinâmico da nossa economia», «indústria de ponta», etc. Contudo observem-se quais são as firmas mais conhecidas deste sector no Brasil (quase todas situadas no parque industrial do ABC, na chamada «Grande São Paulo»): Volkswagen do Brasil, SA, a maior empresa privada do país; Ford Willys do Brasil, SA; Mercedes Benz do Brasil, SA; General Motors do Brasil, SA.

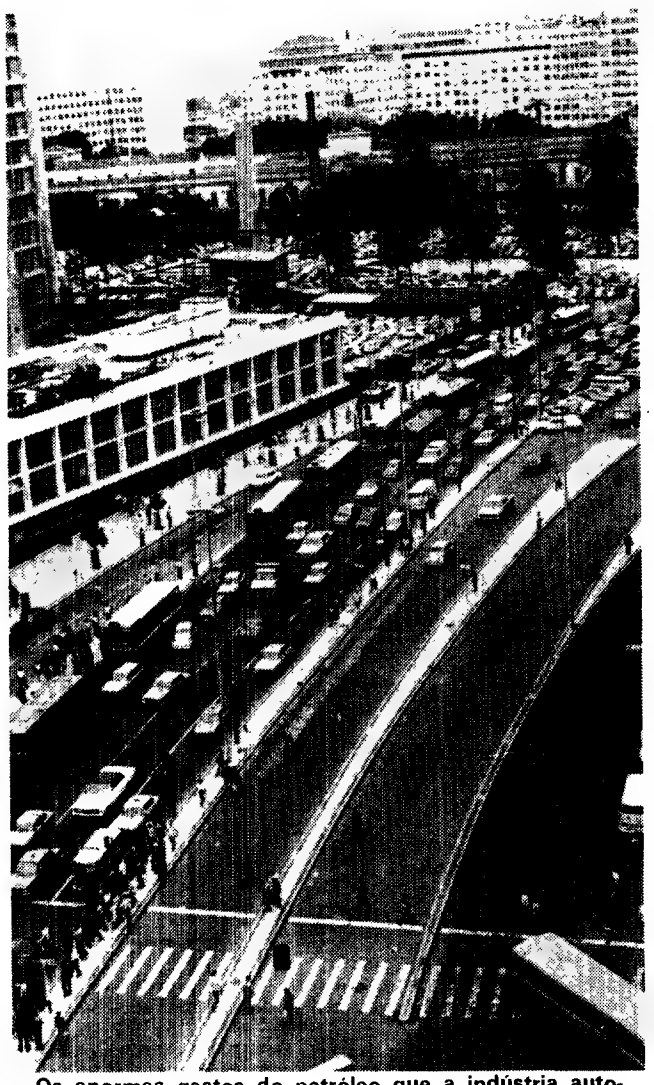
Os nomes das empresas identificam facilmente os seus países de origem e predominam na gama dos modelos que fabricam os automoveis de passeio sobre os camiões e os tractores.

Um sector industrial de lugar tão destacado no conjunto da economia, ou, mais bem dito, que é a própria base de todo o processo de industrialização, não pode deixar de ter consequências imediatas em todo o sistema de transportes e demais vias de comunicação do país.

Daí o completo abandono das redes ferroviárias. Os camiões adquiriram uma supremacia absoluto e começaram a ultrapassar a toda a velocidade as velhas locomotoras a carvão ou «diesel». A construção de estradas adquiriu carácter prioritário, de verdadeira febre nacional.

Todos os generais que se sucederam no poder depois do golpe de 1964 seguiram essa política. Ressuscitaram inclusivamente um lema, velho e gasto, dos inícios da República quando o país necessitava de abrir caminhos do interior para o mar a fim de exportar a sua produção agrícola: «governar é fazer estradas».

O cúmulo foi quando Medici, no Governo anterior, faeendo um grande aparato publicitário que consumiu enormes recursos, decidiu construir a famosa estrada «transamazónica», desde a fronteira do Peru até à costa atlântica. Milhares e milhares de quilómetros através da selva, com ramais para o sul e outros para o Norte em direcção às Guayanas.



Os enormes gastos do petróleo que a indústria automóvel requer serão pagos com o recurso a créditos exteriores, num círculo vicioso que vai agravando a dependência em relação ao imperialismo

«A grande obra de integração nacional», como se chamou ao projecto, não responde, de facto, às necessidades mais urgentes do desenvolvimento do país e encontra-se hoje, a menos de um ano da sua conclusão definitiva, obstruída pela selva em largos e diferentes troços do seu trajecto.

O sumptuarismo do «milagre brasileiro» cedeu lugar à realidade de uma economia que mesmo analisada nos marcos capitalistas chegou a um impasse. Primeiro por não existir uma economia desenvolvida que se baseie num grande mercado interno, pois ainda que exista, a população não está incorporada à economia de mercado devido ao seu baixo poder aquisitivo.

Por outro lado, depois de se instaurar universalmente a via férrea como meio de transporte, este superou todos os outros nas economias a maior parte da tonelagem das mercadorias em circulação.

Torna-se difícil agora para os condutores da política económica explicar por que é que um país como o Brasil, com a extensão continental que tem, deu prioridade ao transporte rodoviário em detrimento dos outros, quando se sabe perfeitamente que é muito mais dispendioso. E mais difícil ainda é explicar esta situação num período como este, no qual a crise do petróleo provocada pelas multinacionais transtornou inclusivamente as economias dos países industrializados da Europa.

Nos fins do ano passado, a Imprensa brasileira fez-se eco da vasta campanha publicitária oficial sobre a descoberta de importantes jazigos de petróleo na plataforma submarina do litoral do Estado do Rio de Janeiro.

Para as pessoas menos informadas, a auto-suficiência pareceria a tábua de salvação da economia, mas isto é apenas uma das condições prévias para o desenvolvimento. Contudo, hoje, apenas alguns meses depois do grande acontecimento, já se pode ter uma ideia mais precisa dessa descoberta, suas dimensões e consequências.

Na realidade, o jazigo de «Garoupa» não está ainda em exploração, o que, segundo cálculos da Petrobras, acontecerá dentro de dois ou três anos. A produção prevista para este campo será da ordem dos 200 mil barris diários, quando o consumo nacional nessa data será de cerca de um milhão de barris por dia.

Além disso, o volume total das reservas de «Garoupa» calculam-se em 600 milhões de barris, que mal chega para cobrir o consumo do país de dois dias.

Estrangeiro

Começa hoje a marcha sobre o Sara espanhol

. MARRAQUEXE, 21 (R) — A marcha pacífica de Marrocos para o Sara Ocidental (espanhol) começa hoje em Ksar Es Souk, uma cidade montanhosa na orla do deserto a 1200 quilómetros da disputada fronteira — declararam fontes governamentais nesta cidade.

Os marroquinos pareciam ter apressado os preparativos para a marcha, que envolverá 350 000 pessoas desarmadas se tudo correr de acordo com o plano.

Até agora, a resposta ao apelo do rei Hassan para voluntários tem excedido todas asprevisões. As autoridades declararam que se inscreveream 644 370 pessoas nos primeiros quatro dias.

Por todo o Marrocos as pessoas formaram filas em escolas e repartições administrativas para se inscreverem para a marcha, que se destina a permitir a Marrocos apoderar-se do território rico em fosfatos a sul da sua actual fronteira.

O primeiro-ministro Ahmed Osman, cunhado do soberano, estará em Ksar Es Souk para dar as despedidas ao primeiro contingente a partir.

FERVOR PATRIÓTICO

A província de Ksar Es Souk tem importância simbólica para os marroquinos porque foi aí que nasceu a actual dinastia.

O próprio rei Hassan deverá assistir amanhã à partida dos manifestantes de Marraquexe.

Serão transportados em autocarros, camiões e comboios para Tarfaya, uma localidade no deserto apenas a 30 quilómetros da fronteira.

As operações de inscrição decorreram no meio de cenas de intenso fervor patriótico ontem em Marraquexe acompanhadas por tambores e gritos estridenes de multidões entusiastas.

As autoridades aceitaram apenas voluntários que se encontrassem fisicamente capazes para aquilo que poderá ser uma longa e árdua caminhada através do deserto do Sara.

Cada caminhante recebe os artigos essenciais para a viagem: facas, garfos, jarros, pratos e toalhas. Terão de levar a sua própria colher, prato de sopa, bandeja, abridor de garrafas e equipamento para fazer chá.

FIRMEZA MARROQUINA

Autoridades governamentais recusaram revelar a data exacta em que os caminhantes atravessariam a fronteira, embora anteriormente tivesse sido marcada para o dia 28.

Um informador governamental indicou que qualquer que fosse a decisão do Conselho de Segurança das Nações Unidas após o seu actual exame da questão, Marrocos estava decidido a apoderar-se do Sara, quer através do envio dos caminhantes ou levando a Espanha a concordar em se retirar.

O informador disse que Marrocos apenas cancelaria a marcha se a Espanha aceitasse efectuar negociações bilaterais directas para estabelecer os termos da entrega.

Autoridades marroquinas salientaram que após 12 anos de ineficazes resoluções da O.N.U. sobre a disputa, desejavam firmes garantias de negociações com Madrid.

REUNIÃO DO GABINETE ESPANHOL

MADRID, 21 (R) — O gabinete espanhol efectuou ontem, à noite, uma sessão de emergência para discutir a planeada gigantesca marcha de 350 000 civis marroquinos desarmados sobre o disputado Sara Ocidental, rico em fosfatos e administrado pela Espanha.

Um lacónico comunicado revelou posteriormente que o gabinete discutirá «os problemas relacionados com a descolonização do Sara» e a sessão do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a questão.

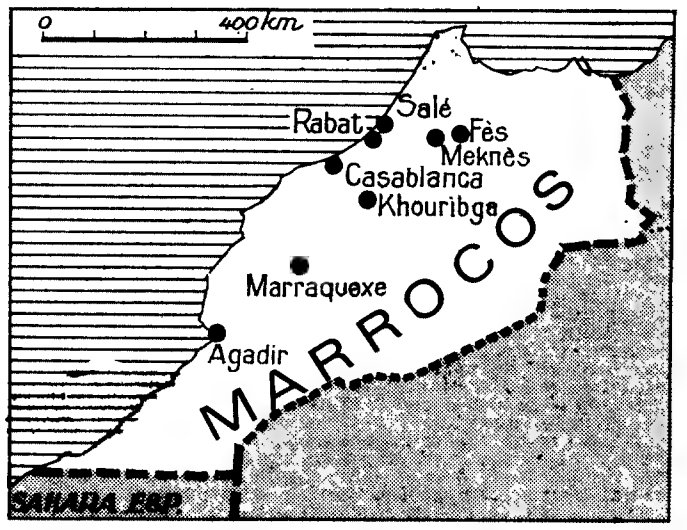
A Espanha está empenhada numa importante iniciativa diplomática na O. N. U. para evitar a marcha, mas o Conselho de Segurança adiou a noite passada a sua sessão sem apreciar formalmente o caso, a fim de permitir que se efectuem conversações privadas entre os delegados. Voltará a reunir-se hoje.

Antes, o embaixador espanhol Jaime de Pinies declarou no Conselho de 15 nações que o seu país não aceitaria qualquer responsabilidade pelas consequências se a marcha se concretizasse.

Círculos diplomáticos espanhóis tornaram claro que o Sara Ocidental, que possui ricos depósitos minerais, mas uma população inferior a 80 000 almas, «não vale uma gota de sangue espanhol».

O objectivo da Espanha tem sido o de dar a independência à colónia no deserto sob os auspícios da O. N. U., à face das reivindicações territoriais de Marrocos e da Mauritânia, os Estados vizinhos.

Grupos políticos do Sara Ocidental opõem-se tanto à soberania marroquina ou mauritanense como ao colonialismo espanhol.



Mais de meio milhão de marroquinos ofereceram-se como voluntários para amarcha pacífica sobre o Sara Espanhol. território situado a sul de Marrocos e que o rei Hassan reivindica em nome do seu país. O Conselho de Segurança das Nações Unidas reuniu-se à pedido da Espanha, que considera que a marcha põe em perigo as medidas para a autodeterminação, em vias de aplicação, com o apoio da O. N. U.

Marroquinos tentaram entrar em Ceuta

MADRID, 21 — (ANOP) — Cidadãos marroquinos, manifestando o seu apoio à planeada marcha pacífica sobre o território do Sara Ocidental proposta pelo rei Hassan II, tentaram ontem entrar no enclave espanhol de Ceuta, situado na costa setentrional africana — revelou a agência noticiosa espanhola Europa PRress.

A mesma agência informou que o grupo de manifestantes foi dispersado pela pollícia fronteiriça marroquina.

Este incidente originou o encerramento da fronteira durante cerca de 40 minutos — acrescentou a Europa Press.

Marrocos reclama os enclaves espanhois de Ceuta e Melilha, duas cidades portuárias do Norte de África, que se encontram na posse de Espanha desde o século XV e são habitados por uma população predominante espanhola, de descendência européia.

HUMILHANTE RETRATAÇÃO DE IAN SMITH EM PRETÓRIA

PRETÓRIA, 21 — (R.) — As relações entre a Rodésia e a África do Sul parecem ter regressado hoje ao normal, após a humilhante retratação pública feita pelo primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, perante o seu poderoso aliado John Vorster.

Os dois chefes de Governo conferenciaram ontem, durante quatro horas, discutindo a afirmação de Smith numa entrevista que concedeu recentemente à Televisão de que a política de desanuviamento de Vorster e de alguns chefes de Estado Africanos bloqueara uma solução do problema constitucional da Rodésia.

Um comunicado conjunto, emitido após as conversações, dizia que Smith tinha pedido desculpas a Vorster por qualquer embaraço que a sua entrevista à Televisão tivesse causado. As discussões foram francas — notava.

O comunicado prosseguia: «Iam Smith voltou a salientar que as observações que fez numa entrevista dada à Televisão não se destinavam, de qualquer forma, a criticar o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, pelas suas diligências louváveis para conseguir a paz na África Austral».

O comunicado dizia ainda: «De facto, Smith tem-se mostrado desejoso de apoiar as diligências de Vorster».

Para Smith, que regressou já a Salisbury, a retratação foi, quase de certeza, um dos momentos mais humilhantes da sua carreira política.

Embora muitos observadores duvidassem da habilidade de Vorster em conseguir uma retratação pública, Smith, mostrou-se naturalmente ansioso de preservar os laços de amizade com a África do Sul.

Ministros do Gabinete Sul-Africano tinham exigido uma retratação completa e chegou a haver mesmo sugestões em certos círculos de que quaisquer futuras iniciativas sul-africanas quanto ao problema da Rodésia não deveriam incluir Smith.

A reacção inicial de Vorster à entrevista de Smith, transmitida na Grã-Bretanha e na Rodésia e a que se deu grande publicidade na África do Sul, foi a de que as observações do dirigente rodesiano «Não correspondiam à verdade».

No entanto, pensa-se que a atitude de Vorster para com Smith endureceu quando o chefe rodesiano asseverou que as suas observações na Televisão foram mal interpretadas pela Imprensa mundial.

Segundo a transcrição da entrevista, Vorster e dirigentes negros africanos, empenhados na política de desanuviamento, foram acusados pela continuação do impasse na questão rodesiana.

Quando Smith regressou a Bulawayo, ontem, à noite, recusou-se a fazer declarações aos repórteres que o aguardavam.

Em Salisbury, observadores disseram existir uma corrente geral de simpatia por Smith.

O "FRANCE SOIR" MODIFICADO

. PARIS, 21 (R) — O «France Soir», o vespertino de maior venda em França, mudou ontem de estilo numa tentativa de recuperar leitores.

«O vosso jornal tem hoje uma face nova. Foi modificado com o objectivo de tornar mais agradável e prática a sua leitura», afirma-se aos leitores num editorial na primeira página.

O «France Soir» pede aos leitores para darem a sua opinião acerca do novo formato.

A nova mudança é dar a cada página do jornal um novo título, que vai desde «acontecimentos principais» na página três — a mais importante a seguir à primeira — até «vida mundana», nas cinco páginas seguintes, dedicada aos eventos sociais.

O desporto passa a ter maior cobertura, publicando-se três páginas nas segunda-feira quinta e sábado.

O jornal tem perdido leitores desde o começo dos anos 70, com as vendas declinando de um milhão para 700 000 exemplares por dia.

Conspiração para matar Ford

LOS ANGELES, 21 — (R) — Um grande júri federal inculpou dois homens acusados de conspirar para matar o presidente Gerald Ford fazendo explodir dinamite num esgoto quando aquele fosse a passar e abatendo-o a tiro na confusão resultante.

De acordo com o procurador geral Edward Levi, o atentado deveria ter sido praticado em 5 de Setembro em Sacramento, capital da Califórnia no mesmo dia e cidade onde Lynette «Squeaky» Fromme, uma adepta do aprisionado dirigente sectário Charles Manson, foi capturada depois de apontar uma pistola carregada à Ford.

A polícia de Santa Barbara, próximo desta cidade, declarou que um dos homens, Gary Desure, de 32 anos, fugira de um hospício para doentes mentais em Montana, onde se encontrava detido depois de ter ameaçador matar o antígo presidente Richard Nixon.Desure e Preston Mayo, de 24 anos, deverão ser ouvidos na próxima terça-feira e enfrentam uma pena perpétua se forem condenados por conspirar para matar Ford.

Foram presos em Santa Barbara em 26 de Agosto depois de o proprietário de um motel naquela cidade apresentar queixa de que aqueles haviam roubado um aparelho de televisão a cores.

O detective de Santa Barbara, Robert Zapata, declarou ontem que depois de os prender, Desure revelou a alegada conspiração.

O detective Zapata afirmou que os homens projectavam deslocar-se a San Francisco, assaltar um armeiro e roubar dinamite, armas e uma mira telescópia.

Interrogado acerca dos pormenores exactos da conspiração, disse:

«Não tinham efectuado na realidade um plano preciso na altura».

«Planeavam escolher um local onde pudessem disparar sobre o presidente ou obter planos sobre o sistema de esgotos de Sacramento para poderem colocar cargas de dinamite num local onde o presidente poderia ir pelos ares».

Zapata disse ter perguntado aos homens porque desejavam matar Ford. «A única coisa que me souberem dizer foi que o presidente era pelos ricos e eles eram pelos pobres. Eram de opinião que os pobres não estavam a receber um tratamento justo» — afirmou.

Franco doente?

MADRID, 21 (FP) Vários especialistas, nomeadamente cardiologistas, estão reunidos neste momento no Palácio do Pardo em Madrid e aguarda-se a divulgação de um boletim sobre o estado de saúde do generalíssimo indica um fonte fidedigna na capital espanhola.

O chefe de Estado espanhol, convalescente de uma gripe, foi afectado na semana passada por uma arritmia cardíaca que teria sido vencida. Contudo, circulam rumores sem confirmação oficial de que os médicos especialistas estariam preocupados com as complicações cardíacas causadas pelo tratamento e cansaço provocado pela gripe neste doente, que daqui a mês e meio faz 83 anos de idade.

Segundo esses rumores, uma nova crise cardíaca na noite passada, mas já debelada, foi a causa da convocação dos cardiologistas e outros especialistas .

Acordo em Moscovo

Venda de cereais dos E.U.A. à U.R.S.S.

WASHINGTON, 21 — ANOP) — O presidente Gerald Ford anunciou ontem que os Estados Unidos e a União Soviética assinaram um acordo de cinco anos para a venda de cereais norte-americanos à União Soviética, embora continuem a desenrolar-se negociações com vista à compra de petróleo soviético por parte dos Estados Unidos.

O acordo sobre a venda de cereais, negociado em Moscovo, prevê uma compra de um mínimo de seis a oito milhões de toneladas anuais por um período de cinco anos, com início em 1 de Outubro de 1976.

Gerald Ford afirmou que este acordo representa mil milhões de dólares em rendimentos de exportação.

O acordo prevê igualmente para os Estados Unidos uma «cláusula de saída», no caso da produção cerealífera do país registar uma quebra acentuada.

Em resultado deste acordo, Ford levantou um embargo ao carregamento de cereais com destino à União Soviética, que foi imposto em Agosto último, depois das autoridades soviéticas terem comprado um total de 9,8 milhões de toneladas de trigo e milho aos Estados Unidos.

O chefe do executivo norte-americano justificou por fim o acordo de venda de cereais à União Soviética, asseverando que este proporcionaria ao país um fluxo de pagamentos provenientes do estrangeiro mais estável e um comércio externo mais activo, com maiores garantias de rendimentos para os agrários norte-americanos e crescentes oportunidades de emprego para o sector dos transportes terrestres e marítimos.

Espectáculos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

Sordi, o tráfico de armas e o colonialismo português

Enquanto há Guerra, há Esperança
Título original: «Finché c'e Guerra, c'e Sperança
Realização: Alberto Sordi, 1974 (Itália)
Argumento: Alberto Sordi e Leo Benvenuti
Fotografia (eastmancolor): Sergio d'Offizi
Música: Piero Piccioni
Intérpretes: Alberto Sordi, Silvia Monti, Alessandro Cutolo, etc.
Distribuição: Mundial Filmes
Estreia: Cinema Mundial.

Uma verdadeira revelação, esta obra que Alberto Sordi aparece a assinar como realizador, autor da ideia e intérprete (a que se deverá juntar, seguramente, funções de produtor). Dispostos a irmos ver mais uma comédia de costumes de um estilo a que os italianos nos habituaram há longos anos, **Enquanto há Guerra, há Esperança** ultrapassa as perspectivas mais optimistas, não tanto como realização (onde o trabalho de Sordi se situa a um nível de mediania banal), mas sobretudo pelo corajoso ataque que o filme representa. No caso português, todavia, este filme adquire um significado duplo, dado que ele é uma acusação frontal à nossa política solonialista, de antes de 25 de Abril. Aliás não é esta a primeira vez que Sordi aparece envolvido em obras que denunciavam a situação colonial portuguesa. Já em 1968, contando com o auxílio das autoridades portuguesas, fora a Moçambique rodar, sob a ordens de Ettore Scola, uma comédia que posteriormente se revelaria bem contundente para com a política africana de Marcelo Caetano: **Riusciranno I Nostri Eroi a Ritrovare l'Amico Misteriosamente Scomparso in África?** (obra que, logicamente, nunca se estreou em Portugal até ao presente, e que esperamos o venha a ser agora).

Pois **Enquanto há Guerra, há Esperança** roda em redor de um traficante de armas, que compra aqui para vender mais adiante, ao melhor preço. Negócio onde não entra, está bem de ver, qualquer tipo de escrúpulos, ou moral. A primeira parte do filme enuncia uma situação, desenvolvendo os tentáculosquemovimentamnasombra este negócio sujo até mais não poder. Com base nos lucros assim auferidos, à família de Piero Chiocca (Alberto Sordi), vive sumptuosamente. A mulher passa as noites no «bridge»; os filhos nas motos e nas **boites**; os familiares no doce **farniente**.

Um dia, porém, Chiocca vai até África vender aviões de guerra às tropas portuguesas. E estas revendem-lhe armas usadas, impondo uma única condição que de antemão sabem ser desrespeitada: que Chiocca não as vá vender «ao inimigo». O que vem a acontecer. E quando o traficante penetra no acampamento de guerrilheiros, descobre-se no meio de um bombardeamente que ele próprio conduzira. Bombas e «Napalm», a metralha por todo o lado, de mistura com corpos mutilados e queimados. O horror. De regresso a Itália, a vergonha da família, que o tenta renegar, o desprezo dos conhecidos? Aparentemente. Mas a sede do lucro, o hábito da vida de luxo, tudo isso serão realidades mais fortes que os escrúpulos. E Chiocca continuará o seu negócio de morte, armazenando liras e crimes na consciência.

Rodado no Senegal (as sequências passadas em África), **Enquanto há Guerra, há Esperança** é assim uma denúncia violenta de um tráfico medonho, e uma não menor denúncia do bem-estar que o provoca e justifica. Para Sordi, autor por completo deste filme inquietantemente trágico e vigoroso, vai a nossa admiração. Sem alardes de vedetismo, ele acabou de rodar um documento. Impiedoso.

Histórias Extraordinárias
Título original: Histoires Extraordinaires
Realização: Roger Vadim, Louis Malle e Federico Fellini, 1967 (França)
Intérpretes: Jane Fonda, Peter Fonda, Brigitte Bardot, Alain Delon, Terence Stamp, etc.
Distribuição: Doperfilme
Estreia: Cinema Monumental

Três contos de Edgar Allan Poe estão na base destas **Histórias Extraordinárias. Metzengerstein**, dirigido por Vadim (com os manos Fonda) e **William Wilson**, de Louis Malle (com Bardot e Delou) são dois episódios a esquecer. O de Vadim é simplesmente lamentável. O de Malle, antes isso que pior.

Resta-nos uma obra-prima do cinema fantástico. Referimo-nos ao terceiro **sketch**, assinado por Federico Fellini. **Toby Damnit**. Fellini aproveita os quarenta minutos de que dispõe para uma reflexão barroca e desmedida sobre o universo do cinema. Desta feita é um actor inglês que chega a Roma, a convite das autoridades eclesiásticas, para rodar o primeiro **western** público, **uma forma de tornar actual a lição do evangelho, de modernizar a sua mensagem**. Depois da recepção no aeroporto e da travessia de Roma (que prefigura já a Roma desmedida de **Roma**), Terence Stamp irá ocupar o lugar de honra de uma cerimónia de entrega de prémios, no fim da qual recita Shaskespeare e acaba por confessar uma mentira que ele próprio é. A sequência final é uma longa fuga em Ferrari por labirínticas ruas que só poderão conduzir à morte. Que lhe é acenada por uma angélica rapariguinha de branco vestida, empunhando um sedutor balão, saltitando por sobre o abismo.

Fabuloso é o ambiente recriado, o fantástico que se insinua, a endemoninhada atmosfera do espectáculo e do embuste, atravessada pela vampiresca figura de Toby Damnit, que a luz magoa e o álcool adormece. O universo de Bosch e o mundo maravilhoso do circo, Magrite e Dali, são referências possíveis. Mas a única certeza é o talento invulgar de Fellini, de novo confirmado. Quarenta minutos que valem horas. Uma obra-prima, numa sessão com hora e meia de complementos inúteis. Vá depois do segundo intervalo. Mas vá que vale a pena.

POLÓNIA:

O TEATRO E A CRÍTICA TRATADOS A SÉRIO — 2

Mesa-redonda com o crítico Roman Szydlowski

— Trata-se de um problema que está neste momento em estudo na Associação Internacional de Críticos, a formação profissional dos críticos, não é verdade?

. R. S. — Sim, discutimos bastante esse problema. Preparámos um inquérito e queremos organizar um colóquio sobre o assunto, provavelmente na União Soviética, pois penso que o sistema de formação de críticos e lá, especialmente em Leninegrado onde há uma Faculdade para especialistas (teoria do drama, crítica, edição de livros de teatro, jornalismo da especialidade, etc.) bastante boa. Pela minha parte, não tenho a certeza que a formação do crítico possa ser feita exclusivamente através do ensino universitário porque há gente de talento que não precisa de passar por lá. Por exemplo, na Polónia há um bom crítico que foi actor. Era um mau actor, e houve um concurso organizado por uma revista literária a que ele concorreu com uma crítica bastante interessante. Deram-lhe então a possibilidade de trabalhar nesse campo e ele tornou-se um bom crítico.

— O teatro ganhou duas vezes: perdendo um mau actor e ganhando um bom crítico!

OS CRÍTICOS E OS ACTORES

Quais são as relações entre os actores e os críticos?

R. S. — Depende. Tenho um amigo que escreve no jornal «Vida de Varsóvia» que é em principio contra todos os contactos com a gente de teatro. É muito rígido nesse aspecto. Pela minha parte, tenho muitos amigos no teatro.

— Costumam fazer debates entre os actores e os críticos?

. R. S. — Foi uma das primeiras iniciativas da nossa Associação. No entanto, entraram numa rotina e tornaram-se embaraçosos: ou não passavam de uma mera troca de cumprimentos ou as pessoas de teatro não se mostravam muito satisfeitas com a nossa franqueza. Agora só faremos esses debates na província. Como há uma certa distância entre nós e os artistas da província, os debates resultam e a gente de teatro, fora de Varsóvia, está satisfeita com esse hábito.

— Uma coisa curiosa é o facto de haver na Polónia quatro ou cinco revistas de teatro.

R. S. — Cinco. O facto é para nós bastante importante.

— Na Polónia os críticos são profissionais?

. R. S. — Eu sou apenas crítico de teatro. Durante certo tempo dirigi a secção cultural do meu jornal mas desde já muitos anos que apenas escrevo sobre teatro.

Tem, portanto, um trabalho regular?

. R. S. — Sim, Vou todos os dias à Redacção onde estou duas ou três horas a planificar o trabalho, a discutir, etc.

— Por isso, pode dedicar-se inteiramente ao trabalho de crítica teatral?

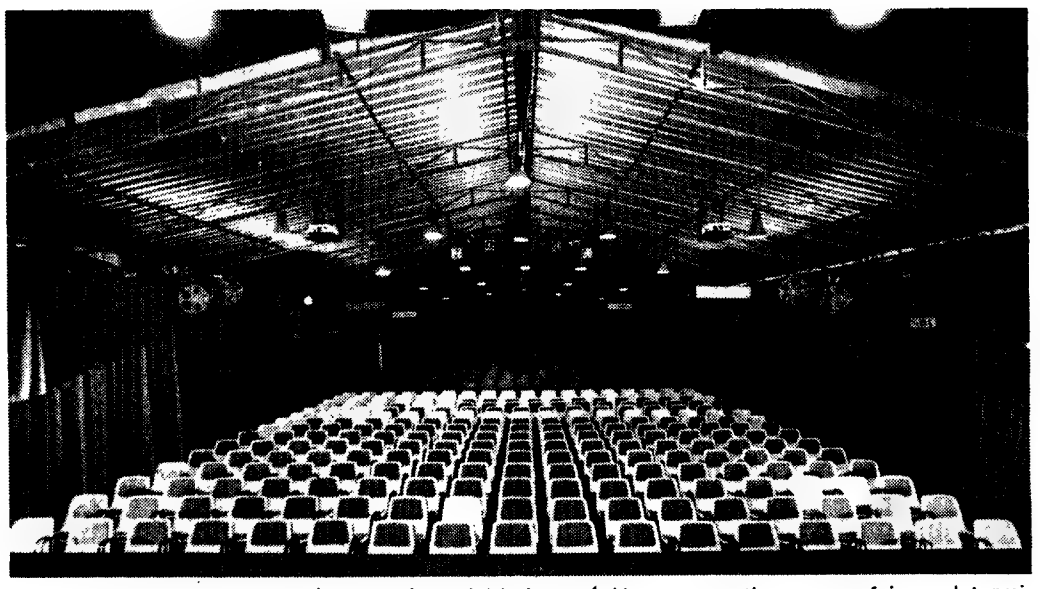
. R. S. — Não sou só eu. Há em toda a Polónia uns trinta ou quarenta críticos profissionais. Temos cinco revistas teatrais; todos os jornais têm um crítico permanente, ou até mais do que um. É o caso do jornal onde trabalho que tem outro crítico, além de mim. Partilhamos o trabalho porque temos muito que fazer. Há em Varsóvia 24 teatros e, por isso, temos estreias três ou quatro vezes por semana. Além disso, viajamos por todo o país, praticamente todos os meses. Organizamos excursões de críticos ao estrangeiro. Começámos em 1959 e fomos a França, Inglaterra, União Soviética, etc. Penso que um crítico não pode compreender bem o seu teatro se não vir o dos outros. É certo que vão à Polónia companhias estrangeiras mas é mais interessante vê-las trabalhar com o seu público.

— Veja agora o nosso caso. Pela minha parte sou professora. Levanto-me todos os dias às 8 da manhã e quando vou ao teatro sou obrigada a deitar-me tarde. O que nos vale (infelizmente) é haver apenas sete ou oito teatros e três ou quatro espectáculos novos por mês. E, claro, é-nos praticamente impossível ir ao estrangeiro só para ver teatro.

R. S. — Por isso, gostava de debater convosco certas possibilidades que a Associação Internacional de Críticos de Teatro proporciona pois o nosso objectivo consiste em melhorar as relações entre nós, o que poderá ser útil para todos os colegas. Há duas possibilidades: podemos organizar encontros bilaterais entre duas organizações de críticos, por exemplo, e além disso organizariamos colóquios internacionais que permitissem aos críticos ver bastantes espectáculos.

(Continua)

Um barracão cada vez mais teatro



. A cooperativa de teatro «Ádóque» tem vindo a efectuar melhoramentos na sua sala de espectáculos, ao Martim Moniz, custeados com o produto do trabalho dos seus elementos, dado que o «Ádóque» não tem qualquer espécie de subsídio ou apoio (ressalvando-se aqui o apoio efectivo que tem recebido dos órgãos de Informação).

As últimas remodelações deste teatro a assinalar foram a aquisição dos «fauteils» de toda a plateia que apresentam condições de conforto que faltavam na época passada. Também um novo sistema de amplificação sonora foi instalado permitindo que de todos os pontos da sala os espectadores possam ouvir perfeitamente o que os actores dizem em cena.

Na estreia da «**CIA**», o velho toldo de lona esburacado constituía a grande preocupação do grupo. «E se chove?» Perguntavam-se uns aos outros. Mas não. Não choveu na estreia. Nem choverá jamais no barracão do «Ádóque» porque entretanto o velho toldo foi substituído por um tecto de material isolante térmico e acústico e hoje o «fantasma» da chuva já não atormenta este grupo de trabalhadores de teatro.

Acentuemos que os lucros desta cooperativa se destinam justamente e exclusivamente à criação de melhores condições de trabalho para as equipas técnica e artística bem como para melhoramentos no sentido da comodidade dos espectadores.

Ao longo dos seus treze meses de actividade o «Ádóque» tem vindo a transformar o teatro desmontável que tomou de aluguer numa sala de espectáculo confortável apesar de praticar, como foi sua determinação desde o início, preços de bilhetes inferiores aos habituais neste género de espectáculo.

"ESTADO DE SÍTIO" NA CLÁSSICA DO IMPÉRIO

. «Estado de Sítio», de Costa Gravas, um filme que se funda num episódio autêntico da luta travada na América Latina pelos revolucionários contra os governos secretamente (às vezes nem tanto...) apoiados pelos E.U.A., vai ser exibido na quarta-feira clássica do Império, pelas 18.30.

Deste género de filmes disse Gravas:

. «O filme político exige, para cumprir o seu objectivo, se não modificar a realidade, pelo menos influenciar os espectadores e informá-los. Precisa, portanto, de utilizar a forma do espectáculo tradicional — construção dramática e utilização de actores — para que as pessoas se sintam tocadas e o filme sirva para qualquer coisa».

Actores deste importante filme: Yves Montand, Renato Salvatori e Evangeline Peterson.

JAZZ EM CASCAIS

Nos dias 21, 22 e 23 de Novembro, à semelhança do que vem acontecendo de há cinco anos a esta parte, realiza-se em Cascais o Festival Internacional de Jazz. O Festival é da responsabilidade de Luis Villas-Boas e Duarte Mendonça e tem o patrocínio da Direcção Geral de Turismo e da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Angola-Seguros de Automóveis

A Comissão de Coordenação e Reestruturação da Indústria Seguradora informa todos os proprietários ou utentes de veículos automóveis circulando actualmente em Portugal com contratos de seguro emitidos em Angola que se deverão dirigir às Companhias de Seguros no prazo máximo de 30 dias, a fim de regularizarem a sua situação.

Geral

A CAÇA ÀS ESPÉCIES INDÍGENAS

Iniciou-se no dia 5 a época venatória às espécies que o regulamento classifica de indígenas perdiz, lebre, coelho, sisão e abetarda, época que tem o seu fim no último domingo de Dezembro. A caça a estas espécies obedece a vários condicionalismos convindo salientar que cada caçador não pode caçar, por dia de caça, mais de oito perdizes, uma lebre e um sisão. O coelho, animal que quando em elevada densidade é considerado nocivo à agricultura, não está sujeito a este condicionalismo. A caça da abetardada continua proibida de harmonia com o disposto no artigo n.º 266.º do Decreto n.º 47 847, de 14 de Agosto de 1967, visto não ter sido publicado até hoje o regulamento, em portaria, dos locais e período em que tal caça poderá ser praticada e os processos que nela poderão ser utilizados.

Tanto a estas espécies como às restantes a prática da caça só pode ser praticada aos domingos, quintas-feiras e dias de feriado nacional. As linhas de caçadores não podem exceder 5 unidades na caça de salto sendo proibido caçarem paralelamente e no mesmo sentido duas ou mais linhas de caçadores que se possam avistar salvo se as pontas mais próximas distarem mais de 500 metros uma da outra. É proibido utilizar mais de dois cães por caçador, excepto na caça dos coelhos em que cada caçador ou grupo deles pode utilizar matilhas com o máximo de 10 cães no continente e 12 nas ilhas adjacentes.

Esclarece-se que durante o período da caça as espécies indígenas podem continuar a ser caçadas cordornizes e pombos de salto e patos à espera.

Adverte-se que é proibido o uso do furão e de espingardas automáticas ou semiautomáticas de tiro a chumbo com capacidade superior a três tiros. Também é proibido o uso de carabinas de pressão de ar em qualquer espécie de caça.

Elucida-se ainda que, de harmonia com o disposto no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 407-C/75, foram extintas todas as coutadas com excepção das reguladas pelo Decreto-Lei n.º 733/74, que criou as coutadas com fins turísticos. Portanto é livre o exercício da caça nos terrenos das antigas coutadas criadas sob a capa autenticamente sofisticada pois se tratava de um verdadeiro monopólio da riqueza venatória, de medida de protecção e de fomento da caça que mais não constituía do que uma fonte de privilégios de características feudais, como também o eram os aramados, outra forma de esbulho da caça aos pobres que entre nós foi praticada, extintos pelo Decreto-Lei n.º 354-A-74.

NABAIS DA CUNHA

Tribunal de Família de Lisboa

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo e 1.ª secção deste Tribunal (Proc. 577/75, correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu **Matias dos Santos Pádua**, descarregador de navios, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Rua Leite de Vasconcelos n.º 66-1.º dt.º Lisboa, para no prazo de VINTE DIAS, depois de decorrido o prazo dos éditos, contestar, querendo, a acção ordinária - divórcio litigioso que lhe move sua mulher Maria José Gomes Correia Fádua, empregada de escritório, residente na Rua do Sol ao Rato, n.º 69-1.º Lisboa, e ainda para, dentro do mesmo prazo deduzir, oposição ao pedido de assistência judiciária formulado pela autora.

O pedido de divórcio é com o fundamento na alínea f) e h) do art.º 1778.º do Código Civil.

O pedido de assistência judiciária é com base na insuficiência económica da autora.

Lisboa, 6 de Outubro de 1975

O Juiz-Corregedor do 2.º Juízo

Armando Lúcio Vidal

O Escrivão de Direito

Manuel Maria Martins Ribeiro

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
Tel. 55513 (AR REFRIGERADO)
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo à tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA

Poema Eduardo Damas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Paião
MILÚ ★ CARLOS COELHO ★
AIDA BAPTISTA ★ OCTÁVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atracção nacional
HELENA TAVARES
no «compère» CARLOS MIGUEL
O internacional VIP BALLET 18 esculturais bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

METALÚRGICOS! TRABALHADORES!

Realiza-se na próxima Quinta-Feira, dia 23, às 19,30 horas no Rossio, uma manifestação convocada pelas Organizações Populares da Zona de Lisboa.

A Direcção do Sindicato convida todos os trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica a aderirem em massa a esta manifestação unitária.

A reacção, actuando descaradamente, tenta, por todos os meios, liquidar as conquistas revolucionárias alcançadas pelas massas trabalhadoras.

Militares reaccionários e governantes da mesma cor, servindo interesses das classes burguesas, têm desenvolvido uma política conservadora que não serve o processo revolucionário. A recente actuação do Ministro do Trabalho contra os metalúrgicos é um exemplo, entre muitos, desta política contra os interesses dos trabalhadores.

Como resposta a esta política reaccionária, as massas populares e as classes trabalhadoras manifestam-se de Norte a Sul do País, reforçando as suas organizações de classe.

Fiel à linha do seu Programa de Acção, a Direcção do Sindicato apoia a Grande Manifestação Unitária e apela para que todos os trabalhadores e forças democráticas participem nesta manifestação pelo avanço e reforço das Assembleias Populares.

— AVANÇAR, AVANÇAR ORGANIZAÇÃO POPULAR!
— CRIAR, ORGANIZAR ASSEMBLEIAS POPULARES!
— OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS, UNIDOS VENCEREMOS!
— GOVERNO DE DIREITA NÃO, REVOLUCIONÁRIOS PARA O CONSELHO DA REVOLUÇÃO!
— REACCIONÁRIOS FORA DOS QUARTÉIS JÁ!
— NÃO AOS SANEAMENTOS À ESQUERDA!
— LEIS DO V GOVERNO CÁ PARA FORA JÁ!
— EM FRENTE, EM FRENTE COM A REFORMA AGRÁRIA!
— NACIONALIZAÇÃO CONTROLO DA PRODUÇÃO!
— MORTE AO ELP E A QUEM O APOIAR!
— SOLDADOS, MARINHEIROS SEMPRE SEMPRE AO LADO DO POVO!
— FORÇA, FORÇA NORTE E A REVOLUÇÃO SERÁ MAIS FORTE!

Lisboa, 20 de Outubro de 1975

A DIRECÇÃO

Hoje

Fernanda Borsatti e Artur Semedo intérpretes de «Sua Excelência»

I PROGRAMA

19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e infantis.
19.30 **Programa Musical**
20.00 **Das Artes e Ofícios**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **A Gente que Nós Somos** — rubrica do Departamento de Programas Político-Sociais.
22.00 **«Capitão Kloss»** — série filmada de origem polaca.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série **«O Regador Mágico»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição apresentada às 20 e 30 no I Programa.
22.00 **Teatro** — «Sua Excelência» — uma peça de Gervásio Lobato. Adaptador: Artur Semedo. Realização: Pedro Martins. Intérpretes: Artur Semedo, Luís Filipe, Canto e Castro, Armando Cortez, Carlos Miguel, Carlos Valente, Victor de Sousa, Cunha Marques, Carlos César, José de Castro, Mariana Vilar, Ivone Silva, Guida Maria, Leonor Poeira, Fernanda Borsatti, Manuela Maria, Óscar Acúrcio e Pereira Saraiva.
23.40 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Capitão Kloss» (22.00)

II PROGRAMA

Teatro — «Sua Excelência» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período — 12.45:** Abertura e Encontro; **13.15:** Telejornal — 1.ª edição; **13.30:** «Os Robinsons Suíços» — série filmada; **14.00:** Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto. **2.º Período — 19.00:** Abertura e transmissão directa da TV Húngara do desafio de futebol Vasas-Sporting; **20.45:** Vamos Jogar no Totobola — prognósticos para o próximo concurso; **21.00:** Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.30:** Responder ao País; **22.30:** «Lucien Leuwen» — série filmada — 3.º episódio — 1.ª parte — com Bruno Garcin, Nicole Jamet e Antonella Lualdi. Realização de Claude Antant-Lara; **23.00:** Programa Musical; **23.30:** Telejornal — 3.ª edição; **23.45:** Fecho

II PROGRAMA

. . . . **21.00:** Abertura e a série filmada «Os Robinsons Suíços»; **21.30:** Telejornal — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa; **22.00:** Concerto; **22.30:** «Callan» — série de espionagem com alto teor de realismo, e na qual Callan é o espião de bons sentimentos. O actor Edward Woodward é o protagonista; **23.00:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Com toda a franqueza

Por NEVES DE SOUSA

ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA

Achamos que é extremamente saudável o desejo, manifestado em todas as ocasiões pelos responsáveis pelo Desporto, em que se defenda a posição dos árbitros, de quantos descem a terreiro para dirigir encontros desportivos onde se colocam em equação valores financeiros de alta monta. Há que poupá-los, nos seus erros. Há que protegê-los, nos seus momentos de fraqueza. Há que evitar o assanhar das iras das multidões quando, por isto ou aquilo, caem em desgraça perante as plateias.

Mas, para que tudo isso suceda, há necessidade dos próprios árbitros se compenetrarem que, dar a mão à palmatória após um erro não é nada que desnobreça o Homem. Nada que o atire para a valeta do desprezo. Nada que o calque perante a opinião pública. Antes pelo contrário: se, errar é próprio do Homem, também é natural que o ser humano reconsidere sobre antigos procedimentos e acorra a penetenciar-se, logo que surja o momento oportuno. E isso não aconteceu com Alder Dante, juiz do jogo de futebol sábado passado desenrolado nas Antas onde, perante o pasmo de largos milhares de pagantes, defraudou o «placard», averbando dois «golos» portistas que apenas existiram na sua imaginação: e, quando ontem (em «Record») lhe surgiu a hipótese redentora, não esteve com meias medidas e voltou (como sujeito birrento) a fazer finca-pé nas asneiras cometidas!

. Mas, veja-se primeiro como largo sector da Imprensa especializada viu as «proezas» deste «infernal» Dante:

. Mário Zambujal, no «Mundo Desportivo», conta assim o 1.º «golo»:

. «Uns bons três metros atrás da defesa verde-branca, num «off-side» que foi das coisas mais nítidas da hora e meia de nevoeiro, Murça, o n.º 2, não esteve com acanhamentos: enquanto o fiscal-de-linha, Baptista Fernandes, levantava a bandeirola, peremptório e sem papas no braço, Murça continuou a correr, o árbitro continuou sem apitar, Damas acabou por sair sem grande convicção, a bola foi para o fundo da baliza.

Que terá levado o árbitro a apontar o centro do terreno, fechando os olhos ao sinal, pronto e firme do seu parceiro de equipa? Não deverá ter sido o brado imenso e tonitruante com que a bancada festejou o tento, milhares de olhos e gargantas apontando, elas sim, a bola para o centro.

Um golo, enfim, não pode ser eleito por votos.»

. E descreve o «segundo golo» deste modo:

. «Golo» entre aspas e «marcador» entre aspas porque não houve golo nem marcador.

«O jogo reservara para o minuto 13 da segunda parte, na sua sucessão de folhetim, o episódio porventura mais caloroso e surpreendente. Raros espectadores poderão ter visto, vencendo a distância e o nevoeiro, se sim ou não, se a bola entrou na baliza de Damas ou passou ao lado, prendendo-se na rede — pela face de fora.

«Confesso que não vi. Mas pelo imediatismo das reacções ficou a convicção de que, não senhor, golo não fora. Passou tempo demasiado até que os portuenses, incluindo Gomes, manifestassem, no gesto tradicional, a alegria de um golo. Foi por demais vigorosa, inconformada e convincente a revolta dos sportinguistas, para que se acreditasse ser a negativa de uma situação tão real e concreta como é essa de a bola ter ido ao fundo da baliza. Enfim, um «penalty», um «off-side», a mão na bola ou bola na mão, são temas velhos para desacordos. Não propriamente este de ter sido um remate torto ou direito, ter a bola passado entre os postes ou ao lado de um deles.

«Passou ao lado.

«O próprio Oliveira, jogador do F. C. Porto, que estava lá dentro, contou depois como foi. O árbitro, que também estava lá dentro, não viu, no entanto, como Oliveira, ou simplesmente não viu, consultou o fiscal-de-linha, que idem-idem, e escoados que foram quatro minutos de discussão, lá mandou, outra vez, a bola para o centro.

Seria duplo, no entanto, o prejuízo do Sporting. Um golo falso e uma expulsão real. Valter, excitado, não terá talvez usado o vocabulário mais conveniente e o árbitro, se não fora bom de vista foi atento de ouvido e retirou-o da circulação.

«Era muito.

Em «A Bola», escreve Vítor Santos:

«Alder Dante — um árbitro «a descoberto», portanto, ingénuo a errar, como se viu, uma vez mais, neste jogo das Antas.

Que diabo!

Um golo (?) obtido através de um «off-side» de vinte metros! Um golo (?) em que a bola não «cumpriu» o «pequeno pormenor» de entrar na baliza!

. E tudo isto resolvido por si, sozinho, sem o apoio dos fiscais-de-linha (visível o levantar da bandeirola do fiscal que acompanhava o ataque do F.C. Porto no lance do primeiro golo portista e aceitável, mesmo sem nevoeiro cerrado, o alheamento do fiscal do lado do peão no golo (?) em que a bola não entrou, lance feito «nas basbas» do juiz-de-campo), numa tal candura de errar que, pelo menos cá para nós, desmotiva a exauturação pública e feroz de um homem que, segundo a lógica simplista do Zé da Bola, transformou um resultado de 0-3 em 2-3.

«Alder Dante — o árbitro.

Da nossa óptica um «Pascoal bonzão», cândido a fazer coisas certas, cândido a fazer coisas erradas, como, para apoteose, descontar apenas 4 minutos dos 9 que o jogo esteve interrompido por causa das reclamações «leoninas» quanto ao segundo golo do F.C. Porto.

...Pois é. O Sporting acabou por ganhar o jogo e, enfim, a coisa passa e esquece. Mas já viram bem — o sr. Alder Dante também... — o que seria se os «leões» empatam marcando dois golos legítimos e sofrendo dois falsos, mesmo «da Costa», como alguns dos neopolíticos da vida nacional?»

A. Costa, no prezado colega «Diário de Notícias»:

. — «Se, lá de cima, da tribuna, o lance do 2.º «golo» portista deixou dúvidas, estas já não as tiveram camaradas nossos da reportagem fotográfica, que garantem não ter entrado a bola na baliza de Damas. E a atitude dos jogadores portistas, ao saltarem de alegria só quanodo Alder Dante apontou para o centro, é sintomática e iniludível...

Manuel Cardoso, em «Diário Popular»:

— «No primeiro golo dos «azuis-brancos», quanto a nós em «fora-de-jogo» (como já afirmámos) só há uma hipótese para se poder considerar legal: ter o esférico embatido no pé de algum jogador «leonino» (o que não vimos). Mas, nesse caso, o juíz de linha terá errado ao levantar a bandeira, induzindo Damas em erro.

Adiante, escreve aquele nosso camarada:

. — «No lance do segundo golo nortenho, Gomes rematou, sesgado, a bola tocou as malhas laterais (?) do lado de fora. Gomes não deu o menor sinal de golo e, então, com surpresa geral, o árbitro indicou o centro do terreno. Gerou-se um certo «sururu», o árbitro manteve a decisão e expulsou Valter. (...) A arbitragem de Alder Dante, de Santarém, como se infere, foi positivamente catastrófica na decisão de alguns lances, mas aquele de validar o segundo golo ao F.C. Porto é de bradar aos céus...

Em «O Seculo», escreve Manuel Neto:

. «É importante realçar que a turma leonina obteve três golos limpos, sem qualquer margem para dúvidas, e o terceiro dos quais foi alcançado em inferioridade numérica, isto é, já depois de Valter ter sido expulso. Em contrapartida, os portistas, que até jogaram muito bem, diga-se também em abono da verdade, marcaram dois tentos, mas ambos suscitaram grandes dúvidas, sobretudo o segundo, que só o foi na imaginação do sr. Alder Dante e do seu auxiliar que acompanhou o ataque do Porto. E nem sequer poderá ser invocada uma desculpa de que foi o nevoeiro ou outra coisa parecida. O segundo golo do Porto, toda a gente viu, mesmo os adeptos portistas, foi obra apenas de um deficiente acompanhar da jogada do ataque «azul e branco» e de uma deformação visual que o nevoeiro, só por si, não poderá justificar. Sim, porque se não havia condições de visibilidade para que o jogo chegasse ao seu termo, o juiz da partida apenas tinha um caminho a seguir e que, aliás, a própria lei determina — suspensão imediata.»

. Lá mais para diante, pode ler-se (em «O Seculo»):

. «Num lance de ataque, Gomes foi mais lesto e emendou para a baliza. A multidão deu largas à sua euforia, pois era o golo da igualdade. Acontece, no entanto, que a bola, que ficou anichada mesmo junto ao ferro, no fundo da baliza, não entrou, isto é, ficou anichada mas pela parte de fora. Daí a confusão geral que não do juiz da partida e respectivo auxiliar, peremptórios em assinalar o tento. Gomes o autor do «golpe», forneceu-nos a primeira indicação de que, realmente, não tinha sido golo, ao levar as mãos à cabeça como é seu hábito, para, logo de seguida, ao aperceber-se que o árbitro corria para o centro do terreno dar largas à sua euforia, procurando também ele aumentar a confusão. Os jogadores do Sporting protestaram, e com razão junto do árbitro e do fiscal de linha, mas ambos se mostraram renitentes e o «golo» foi mesmo golo.»

Não vale a pena continuarmos: a Imprensa nortenha afinou pelo mesmo diapasão, a E.N. e o R.C.P. (através dos seus locutores) não se esqueceram de informar que os dois «golos» portistas tinham sido fruto da delirante imaginação de Dante. O próprio «capitão» portuense, o «internacional» Oliveira, declarou a todos os órgãos informativos que o entrevistaram após o desafio:

. *Não foi golo, não senhor. Segui a jogada toda e não tenho a menor ponta de dúvida: não foi golo.*

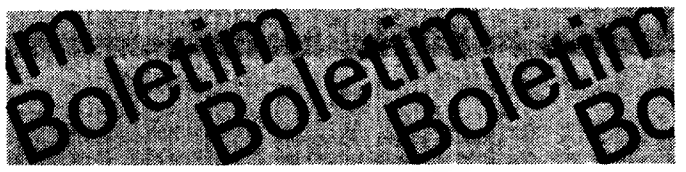
Fala do 2.º «golo»:

. *A bola ficou entre a rede e o ferro. Fui até eu que a fui buscar. E não tenho a menor ponta de dúvida de que não foi golo.*

Agora, leitor, resta *apenas* acrescentar isto: Alder Dante, professor do ciclo liceal (em Almeirim) e árbitro pela Associação de Santarém, antigo futebolista (em Évora) foi ontem entrevistado pelos camaradas de «Record». E, quando tudo fazia prever que, de mão na consciência, ia pedir desculpa ao público pelos erros cometidos, não senhor. Sai-se com esta:

. *O primeiro golo foi legal. Caso contrário não o teria considerado. No segundo, também não tenho qualquer dúvida: foi golo de certeza. A bola entrou mesmo na baliza e não precisei de recorrer a ninguém...*

Amigos: não vale a pena escrever mais nada. Os comentadores do jogo, o público, o próprio «capitão» portista, viram como as coisas se passaram. E estão, todos, todinhos, a fazer neste momento um belo exame a este árbitro de futebol que, por ironia do destino, é condutor de jovens num estabelecimento liceal, ali para Almeirim, a terra dos melões.



Recontro efémero: à partida da Portela o árbitro Dante (primeiro da esquerda, a caminho da Alemanha, onde vai integrar o trio dirigido por Francisco Lobo) e alguns futebolistas do Sporting a quem lesou no património golístico durante o espectáculo nas Antas

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Os jornalistas desportivos, convidados pelo Vitória de Guimarães para tomarem parte, ontem, num colóquio sobre «Massificação desportiva», não compareceram na sessão. Reportando-nos à afirmativa do presidente da assembleia geral vimaranense (clube a festejar o 53.º aniversário) *os jornalistas não puderam participar por motivos profissionais, relacionados com a aproximação de mais uma «noite europeia».*

Conta o «Diário de Notícias» a respeito do Porto-Sporting em futebol:

Antes da primeira apitadela, houve tiros disparados por uma patrulha da P.M., para pôr em respeito os autores da tentativa de invasão, e a pedrada que feriu na cabeça do graduado da P.S.P.

O Ginásio Clube Vila-Condense desistiu de participar nos campeonatos portuenses de voleibol, nas categorias de juniores e juvenis.

Praticantes infantis num horário de provas inacreditável: os regionais lisboetas de ténis de mesa têm sessões, às 4.ªs-feiras, pelas 21 e 15.

ONTEM

Continuou a disputar-se o Torneio de Abertura lisboeta, em hóquei patinado. Desfechos na SÉRIE A: Hóq. Sintra-Oeiras, 1-6; Cascais-P. Arcos, 2-4 e Salesiana-Parede, 5-2. SÉRIE B: Benfica-C. Ourique, 7-1; Ac. Amadora-C. U. F., 8-2 e Sotto Mayor-Sporting, 1-1. Classificações na SÉRIE A: 1.ºs, Oeiras e Salesiana, 6 pontos, 3.º, Paço de Arcos, 4; 4.ºs, Parede e Sintra, 3; 6.º, Cascais, 2. SÉRIE B: 1.º, Ac. Amadora, 6 pontos; 2.ºs, Sporting e Sotto Mayor, 5; 4.º, Benfica, 4; 5.ºs, C. U. F. e C. Ourique, 2.

HOJE

. O Movimento Desportivo de Cultura e Recreio, de Alhandra, inaugura hoje, na sede da Sociedade Euterpe Alhandrense, uma exposição subordinada ao tema «Desporto». Amanhã, haverá um colóquio sobre temas desportivos, com interferência de diversos convidados, seguindo-se a projecção de filmes e um debate sobre experiências desportivas.

Em Lisboa, há basquetebol feminino. Jogos programados para o Pavilhão da Ajuda: Nacional B-Algés e C.I.F. B-Belenenses, às 21; Sintra-Nacional A e Progresso-C.I.F. A, às 22 e 30. No Pavilhão da Luz: Benfica-Académica da Amadora às 21; Casa Pia-Educação Física de Torres, às 22 e 30. No Pavilhão do Estádio Universitário: C.D.U.L.-Sacavenense, às 21. Campeonato de Lisboa da III Divisão: Combatentes-Estrela Alvalade, no Pavilhão da Ajuda, às 22 e 30.

. No Porto e em Lisboa principia hoje a disputa dos campeonatos regionais de ténis de mesa (seniores).

Pelas 21 e 30, colóquio na Associação de Voleibol de Lisboa, prevendo-se que falem os profs. António Antunes Martins, Fernando Luís e Luís Lucas.

PORTUGAL

. . A halterofilia divulga a sua prática no nosso país, mercê de torneios regionais. No Norte, eis os nomes em destaque: Luís Filipe (galo), Nuno Queirós e Manuel Torres (leves), Cabral Silva (pluma), Mário Queirós (médio) e Alfredo Pimenta (meio pesado). No Centro: Raul Dinis (mosca), Horácio Oliveira (pluma), Joaquim Reis (leve), Fernando Costa (médio), Correia da Cunha (peso ligeiro), Albano Pereira (m/pesado), Costa Pedro (pesado) e Rui Gonçalves (s/pesado). No Sul: António Duarte e José Coelho (galo), Vitor Estrela e Silvestre Fonseca (plumas), Eduardo Batista e Carlos Moreira (leves), José Pereira (médio), Raul Silva (m/pesado), José Rosa (p/ligeiro) e Arnaldo Dias (pesado).

Anacleto Pinto e Aniceto Simões participaram, em Amesterdão, numa corrida internacional, tendo tido comportamento meritório. A prova denominava-se Amesterdão-700 e foi disputada na distância de 16 090 metros; o vencedor foi o inglês Dave Black, que gastou o tempo de 47 m 04.2 s; Anacleto Pinto foi o 11.º (48.06) e Aniceto Simões o 13.º (48.10).

Campeões lisboetas de rampa em ciclismo: amadores, Alfredo Gouveia (Sporting); profissionais, António Marçalo (Sporting).

O Salvaterrense (de Salvaterra de Magos) foi proclamado encedor do campeonato regional de voleibol da 3.ª divisão, por ter batido o Almada,

Continuação da pág. 17

Geral

Continuação da pág. 16

no jogo da final, por 3-1. Para o arquivo, aqui ficam os nomes dos jogadores do Salvaterrense: António Lopes, João Lino, Rui Magalhães, Manuel Oliveira, Luís Borrego, José Vasco, Gameiro dos Santos e Pedro Carrapito.

O Clube Atlético de Alvalade promove cursos de xadrez, para captação de novos praticantes. Sessões às 2.ªs, 3.ªs, 5.ªs e 6.ªs.

. . Tiro ao arco — destaque para Ana Vaz, Sebastião Fernandes, Henrique Santos e Luís Baptista na prova Estoril Sol. O troféu José Galvão disputa-se a 25 do corrente, no Jamor.

Uma delegação da Comissão Central de Árbitros de Futebol ofereceu a quantia de esc: 75 305$00 à Associação dos Deficientes das Forças Armadas.

. . Eduardo Saraiva é o preparador físico dos árbitros lisboetas de andebol. Ainda desta modalidade: em breve, haverá um curso para juízes, em Leiria.

. O cavaleiro Pimenta da Gama é, novamente, campeão nacional. Recorda-se que o cap. Gama já lograra o título em 1966 e 1972.

PERGUNTAS

Soube-se ontem, pela boca do praticante Agostinho Oliveira, actual presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol: este agrupamento vai, em breve, ser integrado no esquema da Previdência, através da Caixa de Previdência dos Profissionais de Espectáculos. Quanto ao direito de opção (e segundo a palavra do mesmo dirigente sindical) *a Federação está a tentar modificar os decretos e portarias em vigor.*

Num caso como em outro (é bom de entender) será mesmo como diz o presidente Agostinho?

RARIDADES

. . Ontem, novidade na RTP: apareceu, como locutor do programa desportivo das segundas-feiras, o «cameraman» José Galvão (atleta e monitor do Sport Lisboa e Benfica), que se houve a contento na leitura do texto de que estava incumbido, deixando a perder de vista os antigos companheiros de aventura.

. . Três cicloturistas parisienses partirão, hoje, de Evian (Alta-Sabóia, França) para uma volta ao Mundo que durará cinco anos. Passarão, designadamente, por: Itália, Tunísia, Argélia, Marrocos, Costa Ocidental da África até Pretória, Madagáscar, toda a América (desde a Amazónia até ao Alasca) Japão, Coreia, China, Austrália, Filipinas U. R. S. S., Índia e Próximo Oriente.

. . Os correios do Brasil vão emitir um selo em homenagem do atleta brasileiro João Carlos e Oliveira que, nos Jogos Pan-Americanos (em curso na Cidade do México) superou o recorde mundial do triplo salto, com a marca de 17,89 metros.

. . Vulgar é um jogador sofrer qualquer lesão, no decorrer de um jogo; raro, bastante raro até, é um árbitro lesionar-se. Foi isso que aconteceu no domingo, em Guimarães: por causa do estado do terreno, o árbitro lisboeta Carlos Dinis sofreu uma rotura num dos gemeos, o que não obstou a que cumprisse a sua missão até ao fim. Chama-se a isso espírito de sacrifício e respeito pelos espectadores do espectáculo que dirige.

AGENDA

. Congresso da Federação de Andebol a 1 de Novembro, no I. N. E. F. (Cruz Quebrada). A partir das 15 horas debate-se, entre outros temas, a possibilidade de admissão da Associação de Santarém.

A 26 do corrente tem lugar, na Barragem do Castelo de Bode, o caampeonato nacional de pesca desportiva.

Encontro Nacional de Natação, na Figueira da Foz, de 24 a 26 do corrente.

. A 9 de Novembro está prevista a homenagem ao futebolista Armando, que alinhou no Sporting de Braga e no F. C. Porto.

LÁ FORA

. Resultados da quarta jornada da fase semifinal do campeonato brasileiro de futebol: Flamengo-America (RJ), 2-1; Corintians-São Paulo, 1-0; Curitiba-Vasco da Gama, 1-1; Internacional-Cruzeiro, 1-1; Goiás-Remo, 1-0; Santa Cruz-Guarani, 0-0; Tiradentes-Sport, 0-2; Fluminense-America (RN), 3 0; Palmeiras-Figueirense, 2-2 e Grémio-Atlético (MG), 2-0. Classificação no grupo 1: Fluminense, 7 pontos; Cruzeiro, 7; Guarani, 4; Corintians, 4; Palmeiras, 3; America, (RJ), 2; Atlético, 1; Tiradentes, 1; Curitiba, 1 e Remo, 0. Grupo 2: Internacional, 10 pontos; Grémio, 8; Figueirense, 7; America, 6; Santa Cruz, 6; Sport, 6; Goiás, 5; São Paulo, 4; Vasco da Gama, 4 e Flamengo, 3.

TOTOBOLA JOGUE CONNOSCO

Farense - Benfica	2
Braga-Belenenses	X
CUF - Académico	1
Boavista - Porto	1
Leixões - Setúbal	X
Beira-Mar - Guimarães	X
Atlético-Estoril	X
Feirense - Riopele	X
Paredes - Salgueiros	2
União Leiria - Juventude	2
E. Portalegre - Marítimo	X
T. Novas - Barreirense	2
Lusitano - Olhanense	2

A INFORMAÇÃO EM LUTA

REUNIÃO COM ALMEIDA SANTOS E NOVAS TOMADAS DE POSIÇÃO

Conforme temos vindo a noticiar, o conflito que opõe o ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, aos órgãos de Informação estatizados (ou seja: com administração nomeada pelo Estado) teve ontem mais uma etapa, com o encontro entre o titular da pasta da Comunicação Social e trabalhadores, directores e administradores dos jornais com intervenção estatal e, ainda, o «República».

Posteriormente realizar-se-ia uma reunião conjunta das delegações de trabalhadores dos jornais que se encontraram com Almeida Santos, de onde sairia o seguinte comunicado:

. «Convocada pelo ministro da Comunicação Social realizou-se, como é do conhecimento dos trabalhadores, uma reunião entre aquele membro do Governo, representantes dos trabalhadores, directores, administradores dos seguintes jornais: «Comércio do Porto», «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias», «Diário Popular», «Jornal do Comércio» «Jornal de Notícias» e «O Século».

«Como observadores estiveram presentes os representantes dos trabalhadores do jornal «República». Por deficiência dos serviços do M.C.S., na respectiva convocação, segundo informou o próprio ministro, «A Capital» esteve ausente.

«Retomando o argumento da legalidade já utilizado em reuniões anteriores (caso dos encontros com os trabalhadores da Informação aquando da ocupação militar das estações emissoras e com os administradores dos jornais estatizados efectuadas recentemente), o ministro Almeida Santos voltou, no início da reunião, a reafirmar uma questão de princípio: o cumprimento da actual Lei de Imprensa, enquanto ela existir.

«Ao mesmo tempo, parecendo procurar um consenso entre representantes dos trabalhadores da Informação e o Governo, o ministro, embora em termos não claros, negou que estivessem em causa os ordenados dos trabalhadores.

«Ressalvou, porém, que «se um jornal sistematicamente bate no Governo, este pode não ser muito favorável a ajudá-lo», embora julgasse que o Conselho de Ministros poderia ficar «sensibilizado» a apresentação das ideias concretas sobre a reestruturação do sector da Informação.

«Para convencer o Governo, esclareceu assim, era necessário que ele, ministro, apresentasse em Conselho de Ministros propostas concretas de reestruturação do sector, pelo que pedia o parecer dos trabalhadores, cabendo, no entanto, sempre ao Governo a decisão final.

Os pontos focados pelo ministro no que concerne a reestruturação da Informação foram os seguintes:

. Unificação do tempo de trabalho, formas de apoio financeiro, preços dos jornais, nivelamento de vencimentos, eliminação do pluri-emprego e de subemprego órgão de gestão centralizada das empresas de Informação estatais, capitalização de financiamentos, subsídio ao preço do papel, comercialização do papel, importação de equipamentos técnicos, blocos de produção e plena utilização do parque gráfico, limitação de sobras, reestruturação das empresas de publicidade nacionalizadas ou em vias de nacionalização, jornal ao domingo, limitação do número de páginas, vencimento máximo, horas extraordinárias, reforma, limitação do espaço publicitário, publicação obrigatória da tiragem, obrigatoriedade de assinatura de colaborações e artigos de opinião, fusão dos circuitos de distribuição, tarifas dos C.T.T., fusões ou concentrações.»

. Foi marcada nova reunião com o titular da pasta da Comunicação para o próximo dia 29.

MENSAGEM AO M.U.T.I.

«Como lutar pelo Socialismo se os sectores mais retrógrados e conservadores da burguesia nacional se apoderarem da Rádio e da Televisão e instaurarem na Imprensa o monopólio dos jornais por ela controlados?», perguntam trabalhadores do sector informativo da RTP e da Emissora Nacional, em mensagem enviada ao Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução (M.U.T.I.D.R.).

Falando em «ofensiva contra-revolucionária e social-democrata na Informação», os trabalhadores do sector informativo da RTP e da E. N. que assinam este documento lembram a ocupação da Rádio e TV há pouco ocorrida, o silenciamento do Rádio Renascença e os vários processos movidos ultimamente a jornais «por matéria que alertava o povo português para uma conspiração contra-revolucionária».

Entretanto, aumenta o número de aderentes ao M.U.T.I. Últimos nomes de que temos conhecimento: Maria Helena Sá Mesquita, Jorge Peixinho, Joana Campina, Mendes de Carvalho, Aleixo Ribeiro, Santos Simões, Manuel Alpedrinha, Antunes da Silva, Jaime Gralheiro, Francisco George e Fernando Midões.

CONSELHO DE IMPRENSA

O M.C.S. enviou-nos o seguinte comunicado:

«O Conselho de Imprensa, na sua reunião de hoje (dia 20), apreciou alguns dos principais problemas que afectam os jornais estatizados, os trabalhos em curso sobre o «controlo» da tiragem e difusão, e sobre a classificação das publicações periódicas.

«Em substituição da eng.ª Maria de Lourdes Pintassilgo foi eleito, como elemento cooptado pelo Conselho, o dr. Henrique Santa Clara Gomes».

«O SÉCULO»

A propósito da moção aprovada sem votos contra e com apenas duas abstenções no último plenário dos trabalhadores da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa», de apoio à luta dos trabalhadores do jornal «O Século», escreve este jornal:

. . «Aos camaradas do «Diário de Lisboa» — como aos dos outros órgãos de Informação neste momento em luta pela defesa dos seus direitos e por uma Informação ao serviço da Revolução — dizemos: «Unidos Venceremos!».

FUTEBOL EUROPEU

Tudo pronto para a jornada de amanhã

Tudo e todos a postos para a jornada de futebol europeu que amanhã tem lugar: no Porto já está a equipa do Celtic; em Lisboa já está o conjunto do Ujpest; em Dundee ive já a comitiva do F.C. do Porto, como em Budapeste a turma leonina integra-se já no ambiente daquela cidade banhada pelo Danúbio.

Amanhã, das 16 às 23.30 vamos ter futebol nos três quadrantes da U.E.F.A.: e, o mais curioso é que tanto a Rádio como a Televisão, vão estar atentas na reportagem dos seus enviados especiais. A Emissora Nacional estará presente em todos os encontros em que participam equipas portuguesas, o mesmo acontecendo com o Rádio Clube Português que só faz uma leve alteração: o relato do Boavista-Celtic será transmitido apenas na sua rede de F.M.; os restantes jogos serão irradiados através dos emissores de onda média de Lisboa e Porto.

No que diz respeito à TV, confirma-se a notícia dada em primeira mão pelo «DL»: aproveita a transmissão da Eurovisão do Vasas-Sporting. Apenas uma alteração (de última hora?)) no que diz respeito à figura de comentador: em vez de Alves dos Santos (que tinha lugar reservado junto da comitiva leonina) viajou Nuno Brás.

Como já se disse e escreveu, na altura do sorteio de Zurique, nenhuma das quatro equipas portuguesas tem tarefa facilitada nesta segunda eliminatória dos torneios da U.E.F.A.: sabe-se como o futebol português é avesso ao estilo escocês, como se sabe do jeito do futebol magiar em enlear o tradicional figurino ibérico; daí concluir-se que tanto o Porto como o Boavista, o Sporting como o Benfica, têm tarefas tremendas a cumprir para passarem à eliminatória seguinte.

Enquanto o Porto e o Sporting fizeram viagens tranquilas até às cidades onde actuam, manda a verdade dizer que também as turmas que nos visitam chegaram a Lisboa sem grandes contratempos: os homens do Celtic mostram-se encantados com o estado da relva do Bessa; os jogadores do Ujpest recordam a visita (há dois anos) a este mesmo adversário e o bom resultado que então levaram de Lisboa; o Sporting jantou ontem com os dois Puskas e congratula-se com a recuperação de Da Costa; finalmente o F.C. do Porto está em Dundee desde as primeiras horas de ontem e está confiante.

Futebol em larga escala para amanhã: nas três frentas das competições da U.E.F.A. No que diz respeito às possíveis formações iniciais das quatro equipas portuguesas, elas são:

Benfica: Bento; Artur, Eurico, Messias (Barros) e Barros (Bastos Lopes); Toni, Shéu e Vitor Martins; Nené, Vitor Baptista e Moinhos. Jogo no Estádio da Luz, com início às 21.45.

Boavista: Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Tai; Celso, Alves e Acácio; Francisco Mário, Mané e Salvador. Jogo no Estádio do Bessa, com início às 16 horas.

Sporting: Damas; Tomé (Vitor Gomes), Zezinho, Mendes e Da Costa; Vitor Gomes (Baltazar) Nélson e Fraguito; Marinho, Manuel Fernandes e Chico. Jogo no Nepstadion, de Budapeste, com começo às 19 horas.

F. C. Porto: Tibi; Murça, Teixeira (Ronaldo), Simões e Gabriel (Teixeira); Octávio, Rodolfo (Júlio), e Cubillas; Oliveira, Gomes e Ademir (Dinis). Jogo no Tanadice Park, em Dundee, horas com início às 19.30.

Assembleia popular do M.U.T.I.

. Efectua-se hoje, ás 21 e 30, na Sociedade Nacional de Belas-Artes mais uma assembleia popular do Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução, aberta a toda a população.

O M.U.T.I. convoca igualmente os seus aderentes e militantes, bem como todos os artistas, professores, cientistas e intelectuais progressistas, a incorporarem-se na grande manifestação unitária em defesa das conquistas da Revolução promovida pelas Comissões de Trabalhadores da zona da Grande Lisboa, quinta-feira, com concentração no Rossio, às 19 e 30, junto ao Teatro Nacional.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 11/75

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA DE RECONSTRUÇÃO DO COLECTOR E PAVIMENTO DA ESTRADA DE BENFICA — 2.ª FASE (1.º, 2.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º TROÇOS)», com a base de licitação de 12.403.042$00. Processo n.º 45/75 CP/DSTE.

O depósito provisório é de 310.076$10 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na 1.ª Repartição — Construção e Reconstrução de Arruamentos da Direcção dos Serviços de Obras, sita na Rua da Palma, 169, das 9.30 às 12 e das 14.30 às 17.30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV e V Categoria ou 1.ª Subcategoria da IV Categoria e 4.ª Subcategoria da V Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 8 de Outubro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa
Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

Geral

ACORDO AÉREO

O ministro búlgario do Comércio Externo, Ivan Nedev, chefia a delegação daquele país que chegou ontem a Lisboa. O objectivo desta visita visa o estudo das possibilidades de um acordo luso-búlgaro de comércio referente a transportes aéreos e venda de têxteis e sapatos.

Nas declarações feitas aos jornalistas, o ministro búlgaro afirmou que o seu país tem o maior desejo em desenvolver uma estreita cooperação com Portugal. Ao princípio da tarde de ontem, outro vice-ministro búlgaro chegou também a Lisboa para celebrar o acordo de transportes aéreos entre a Bulgária e Portugal.

Novas casas

A construção de paredes de edifícios está a ser objecto de um curso de aperfeiçoamento para técnicos, projectistas e industriais da construção civil, que decorre no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

O curso, que se prolongará até final deste mês, tem por objectivo fornecer uma visão actualizada sobre as diferentes alternativas para construção de paredes.

AGÊNCIA DIAS DA SILVA

TIMOR

Partidos portugueses tomam posição

A participação da Indonésia na ofensiva desencadeada nos últimos dias pelo M.A.C./U.D.T. e Apodeti no Timor português, aparece como certa para todos os observadores internacionais, que destacamm a presença de aviões de outro material bélico daquele país como suporte à acção militar dos dois movimentos.

Estas «manobras da Indonésia» são também denunciadas no último comunicado da Fretilin, o qual chama, para elas, a atenção do Governo português e de todas «as forças progressistas do mundo». O comunicado «estranha» ainda o «silêncio do Governo português sobre o que se está a passar em Timor-Leste e solicita a presença de um enviado de Lisboa a fim de se certificar da real situação no território».

Por sua vez, em Portugal, diversas formações políticas tomam igualmente posição. A F.U.R. (Frente de Unidade Revolucionária), diz num comunicado:

«Trata-se de uma agressão militar perpetrada por um regime militar reaccionário para esmagar as forças progressistas, neste caso, a Fretilin, e servir os interesses político-militares do imperialismo. Qual é a posição do Governo português? Acaso denunciou a invasão de Timor e o papel que o regime militar indonésio está a desempenhar ao serviço do imperialismo? Não. O Governo português, o VI Governo Provisório, o Governo que se reclama do «socialismo e da independência nacional», diz que nada sabe».

Também a F.S.P. se pronuncia sobre os acontecimentos, que «confirmam os seus receios sobre a forma como era conduzida a política de descolonização», e acrescenta:

«A F.S.P. considera urgente a denuncia internacional deste crime cometido pelos invasores indonésios, condenando ao mesmo tempo o VI Governo por não ter tomado ainda qualquer atitude de repúdio por tais actos. Esse silêncio torna-o conivente com o regime militarista indonésio».

Outros agrupamentos políticos, como a U.D.P., O.C.M.L.P. e M.R.P.P., depois da posição definida por Pequim face à questão timorense, pronunciam-se agora em apoio da Fretilin.

ADMINISTRADOR NA DIALAP

Do Ministério das Finanças recebemos, através da D. G. I, a seguinte nota oficiosa:

«Publicou o jornal «Avante», na secção «Informação» do seu número de 16 de Outubro, um comentário a propósito da pretensa nomeação pelo Conselho de Ministros do dr. Fernando Olavo para administrador por parte do Estado na Dialap.

O Ministério das Finanças não tem mais que esclarecer que a pessoa nomeada para o referido cargo foi o dr. Carlos Fernando Olavo Correia de Azevedo, não se tratando portanto da pessoa visada no referido comentário.

Acrescenta-se que a proposta de nomeação do dr. Carlos de Azevedo foi aprovada pelo ministro das Finanças do V Governo Provisório e obteve o apoio dos trabalhadores da Dialap, não tendo portanto este Ministério feito mais do que ratificá-la e dar-lhe andamento para o Conselho de Ministros.

Crê-se ter havido manifesta precipitação do jornal «Avante», já que não lhe teria sido difícil esclarecer o assunto, quer neste Ministério, quer na própria Dialap, precipitação difícil de explicar por parte do órgão oficial de um dos partidos representados no Governo, que aprovou a referida nomeação.

"Contra a pena de morte"

Um prémio de 10.000$00 será atribuido ao autor do melhor cartaz sobre o tema «Contra a Pena de Morte», cujo concurso será integrado na exposição «Pena de Morte--Tortura-Prisão Política» organizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes.

O prazo para entrega dos trabalhos — exposição e concurso de cartazes — foi prorrogado ate as 17 horas do dia 17 de Novembro.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era fraco e havia neblina em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	15°
COIMBRA	15°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	13°
FARO	18°
FUNCHAL	21°

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima .... 22°

PENHAS DA SAÚDE
Mínima .... 1,3°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ...... 15,5°

Atmosfera .... 13,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.32	3,9 m	10.06	0,9 m
16.47	3,9 m	22.19	0,9 m
Dia 22			
5.01	3,9 m	10.38	0,9 m
17.17	3,8 m	22.51	0,9 m
Dia 23			
5.29	3,9 m	11.11	0,9 m
17.46	3,7 m	23.24	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, vento fraco ou moderado de Sueste, neblina matinal na Faixa Costeira Ocidental

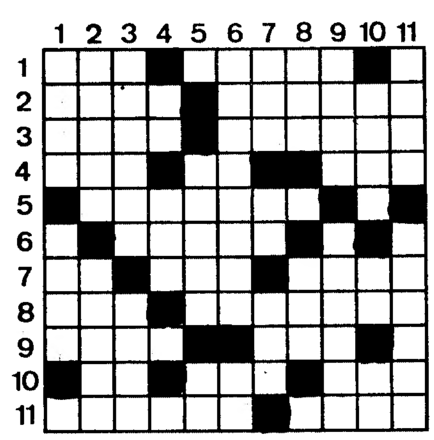
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11216

HORIZONTAIS:

1 Pronome relativo. Magnetize.
2 Caixão funerário. Desagradável (fig).
3 Estavas. Regulara as doses de.
4 Monarca. Miriare. Mulos.
5 Letra grega. Artigo definido.
6 Que é do ar.
7 Centiare. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Queimei.
8 Governanta. Rapara.
9 Órgão da fala. Duna na Suécia.
10 Letra grega. Negativa. Tanto.
11 Curais. Comer à ceia.



VERTICAIS:

1 Deseja. Rei de Israel marido de Jezabel.
2 Dei urros. Fruto silvestre.
3 Acamarada. Ave de rapina.
4 Artigo definido. Preposição.
5 Encarar. Níquel (s. q).
6 Nome de mulher. Carta de jogar.
7 Estimo. O sono das crianças. Saudável.
8 Em as. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
9 Estavam. Maroto (pop).
10 Guindaste. Doutor. Autores.
11 Filtras. Abonação.

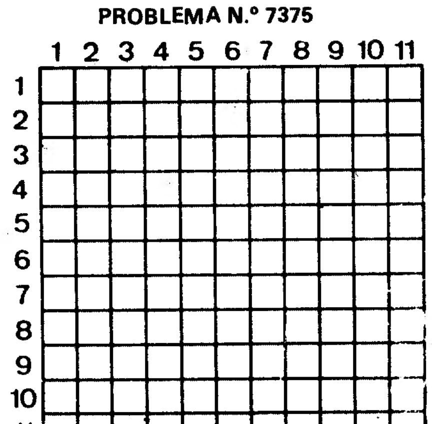
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7375

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Coimbra. Toucinho fresco.
2 Senhoras. Madres.
3 Letra grega. Tomba. Saudáveis.
4 Preposição latina que designa movimento. Içado. Basta.
5 Murmura. Avalias.
6 Fechar as asas para descer mais depressa. Costumar.
8 Actínio (s.q). Abalo. Cério (s.q).
9 Remuneração. Reino da Federação Indochinesa.
10 Albergue. Capricho.
11 Adicionas. Tocas de leve.



VERTICAIS:

1 Assistir. Coberturas.
2 Encolerizados. Facto.
3 Título honorífico na India. Fecho as asas para descer mais depressa. Aparelho para encurvar as calhas das linhas férreas.
4 Artigo definido. Nome de mulher. Caixa de couro ou lona revestida de cadeado.
5 Luz intensa. Ósmio (s.q).
6 Símio do Brasil. Samário (s.q).
7 Velhas. Bromo (s.q).
8 Antes do meio dia. Rezo. Combino.
9 Freguesia do concelho de Penafiel. Um cento. Donzela de Orleães.
10 Continuar. Enrubesce.
11 Queimas. Molestas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11215

HORIZONTAIS:

1 Rumor. Trios.
2 Amena. Mor.
3 Zás. UMA.
4 As. Apa. Anos.
5 COISA: É.
6 Marrara. AC.
7 Ou. Mão. Mata.
8 Uga. VER.
9 Vela. Comi.
10 OUTRA. É.
11 Ro. Ele. Assa.

VERTICAIS:

1 Razão. OUVIR.
2 As. Muge.
3 Mas. Cá. Alo.
4 Om. Aoro. Aue.
5 Respiras. Tl.
6 Asam. Cré.
7 Tau. Ar. Voa.
8 Ma. Amen.
9 Imane. Áries.
10 Oó. At.
11 Sr. Sacar. Ba.

PROVÉRBIO: UMA COISA É VER OUTRA É OUVIR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7374

HORIZONTAIS

1 Fraga. Filam.
2 Aero. Taça.
3 Lai. Coa. Sór.
4 Ut. Cr. Me. Ri.
5 Aarão. Irara.
6 Saia. Rama.
7 Rs. Só.
8 Cão. Ora. Rio.
9 Ur. Olaia.. Am.
10 Delta. Dia.
11 Amuas. Assou..

VERTICAIS:

1 Falua. Acuda.
2 Reatas. Arem.
3 Ari. Raro. Lu.
4 Go. Cais. Ota.
5 Croa. Olas.
6 Ro. Ora.
7 Amir. Aida.
8 It. Eras.
9 Lãs. Amor. Ás.
10 Acorra. Ia.
11 Maria. Comeu.

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Danging com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.364859/368197**. YUKY STREAPTEASE JAPPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. Antó io Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

AMANHÃ

NASCER ÀS 18.50
OCASO ÀS 7.52

DIA 27 DIA 3 DIA 10 DIA 18

rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Conjuntos
19.00 Informação de trânsito — Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de cinema, por Maria Cristiana e Damas Nunes
23.05 A grande música negra, por José Duarte
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.15 Sindicalismo

2.º Programa

16.00 Intérpretes célebres
17.18 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio musical
18.30 Gravações históricas
19.00 Música sinfónica
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.24 Música de câmara
24.00 Fecho

Programa em Onda Média — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara
21.00 2.º programa sobre Shostakovich
22.00 Partita n.º 1, em si menor, de Bach
22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco
23.00 As grandes sinfonias
00.20 Música de piano de Schubert
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
20.30 Terça-feira à noite
21.03 Programa do M.F.A.
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.07 Novas de alegria
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Rádio-teatro
06.03 Diário rural
08.03 Espaço R.C.P.

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das **06.00** às **10.00** e das **14.30** às **17.00**

Rádio Graça

Das **10.00** às **12.00** e das **22.00** às **02.00**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **12.00** às **14.30** e das **17.00** às **19.30**

Rádio Peninsular

Das **19.30** às **22.00**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); **Estados Unidos**, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, (Telef. 680627).
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outubro, 147-A, (à Avenida Barbosa du Bocage), (Telef. 763107).
BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220, (Telefs. 321342-325553).
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Casquilho, (Telef. 708242).
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54, (Telef. 862835).
LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16, (Telef. 691054).
LUMIAR
S. Tomé, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A/B, (Telef. 636620).
ALTO DE S. João
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).
ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).
ARROIOS
Antolin, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66, (Telef. 310172).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).
CONDE DE REDONDO
Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).
ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).
LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87, (Telef. 842725).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B, (Telefs. 720703-728395).
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99, (Telef. 321771).
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, (Telef. 383800).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.29421811)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
«COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. dos C.G.Guerra, 166 (T.213953)
PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-CC ((T.2471054). Toda a noite
S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T.261186). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (T.260008). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas; **Cascais**, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, t.Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Alvares Pereira, 39 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETUBAL
Higiene, R.Frei Agostinho da Cruz (T.22408); **Portugal**, R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 27

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr, Praça Marquês de Pombal, 122; **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152; **Plelada**, Rua Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; **Sa da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236; **Ameal** Rua do Ameal, 1227; **Campo Alegre**, Rua do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100; **S. Lázaro**, Avenida Rodrigues de Freitas, 297; **Melo Taveira**, Rua Alcaide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS

Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77; **S. Roque da Lameira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236; **Ferreira da Silva**, Rua dos Mártires da **Liberdade, 150**

CÓIMBRA

Cruz e Costa, R.António de Vasconcelos, 71 (T.22715); **Silva Soares**, R.Mouzinho deAlbuquerque,26(T.71454); **Vilaça**, R.Ferreira Borges, 132 (T.22043)

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NÓS CINEMAS
MASSACRE
ODEON
INICIAÇÃO SEXUAL DE CASANOVA
IMPÉRIO

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
Hoje às 24 Grupo D M. 18 anos
VENHA TOMAR CAFÉ CONNOSCO

ROXY

T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
13.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS CAFA JESTES
A juventude... A delinquência... O amor...

NIMAS

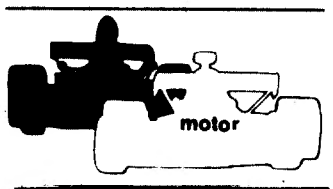
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

CARLOS MANUEL SINTRA

21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ASSIM ATÉ DÁ GOSTO

D. JOÃO VI DAMAIA

T. 971794 21.00
Int. a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER



UNIVERSAL

T. 774402 15, 17, 19, 21, 23
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO

T. 555134 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
INICIAÇÃO SEXUAL DE CASANAVA
Às 15.15
A BOFETADA
Sessão clássica amanhã às 18.30

EDEN

T. 32076914.00, 16.30, 19.00 e 21.15
(Int. a menores de 18 anos)
DUELO DE PUNHOS
c/ Ângela Mao, Jhom Rel
TAGKWONDO
O karate coreano, a mais terrível das artes marciais

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A PISCINA

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15
Int. a menores de 18 anos
AS IRMÃS

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
KARATÉ EM HONG KONG

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
NOITES ÁRABES
3.ª Semana

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DISTO É QUE EU GOSTO

SATÉLITE

T. 562632 15, 17, 19, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
8.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
ENQUANTO HÁ GUERRA HÁ ESPERANÇA

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
Às 12.30 (Não acons. men. 13 anos)
BRANDOS COSTUMES

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (AntónioSantos Labisa).

CALEIDOSCÓPIO

T. 79509314.00, 16.30, 19.00. 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
ANGELA
Um filme de Nicolai Van Der Heyde

CONDES

T. 32252314.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
O PROFESSOR NUDISTA
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON

T. 326283 Hoje às 21.30
Int. a menores de 18 anos
Estreia de choque e acção explosiva
MASSACRE
Às 15.15 e 18.15
Não acons. a menores de 13 anos
UM HOMEM DO SENEGAL

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
Um filme espantoso!

AVIS

T. 47163 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O HOMEM ORQUESTRA
4.ª Semana
Um filme de Louis de Funès

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O VÍCIO (TRASH)
4.ª Semana

CINEARTE

T. 660446 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AQUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
EXTRADIÇÃO
c/ Roger Jendley, Anne Wiazemsky

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 21.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A FÚRIA DO DESEJO
7.ª Semana

RESTELO

T. 610375 15. 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
AS MIL E UMA NOITES

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINO

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MÁRTIN MONIZ
21.30 (10 anos)
«O Crico do Povo»
ÁDÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
VILLARET
21.30 (13 anos)
«Pascoal»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»
VILLARET
21.15 (13 anos)
«Pascoal»
A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Sexo Louco»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Campeão»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Os Sinos da Morte»
PARIS
21.00 (6 anos)
«A Culpa Foi do Macaco»
PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Kitt, o Vingador»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Técnica de Engate»
IDEAL
21.30 (13 anos)
«Zorro, o Vingador»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Grandes Batalhas em Camas Fofas»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«Se...»
Oxford
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»
Oeiras-Cine
21.00 (13 anos)
«A Culpa Foi do Nero»
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«O Homem dos Olhos de Gelo»
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«A Piscina»

LINHA DE SINTRA

Cine Chaby
21.15 (14 anos)
«O Delicadinho na Alemanha»
D.João V
21.00 (18 anos)
«Caminhos do Prazer»
Cine
21.15 (13 anos)
«Encontro em Bray»
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«Assim Dá Gosto»

OUTRA BANDA

Clube
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 75»
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Se...»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Minha Mulher é Doida»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (13 anos)
«A Tosca»

PORTO/Teatros

CIRCO
22.00 (6 anos)
Circo Mexicano

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Tilre de Ouro»
OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os Vikings»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Semente de Tamarindo»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Herói do Ano 2000»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«E o Amor Voltou»
VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Por Ordem de Mussolini»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Mocho e a Gatinha»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (6 anos)
«A Quimera do Ouro»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«O Ás do Volante»
S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Viva la Muerte»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Stravinsky»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX
LISBOA-PORTUGAL

MOREIRA RIJO VÍTIMA DE QUEM?

. Da Comissão de Extinção da P. I. D. E. / D. G. S. e L. P. recebemos o seguinte comunicado:

. «Em relação a notícias vindas a público, em alguns órgãos de informação, sobre a intervenção do Serviço de Coordenação de Extinção da P. I. D. E. / D. G. S. e L. P., quer na detenção quer na manutenção da detenção de João Carlos Moreira Rijo, funcionário da R. T. P. e dirigente do Sindicato dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão, sob a acusação de presumível informador da Ex-P. I. D. E. / D. G. S., este Serviço informa o seguinte:

. 1. — Não foi da responsabilidade deste serviço, a detenção do referido João Carlos Moreira Rijo.

2. — Essa detenção é da responsabilidade da Comissão de Saneamento da R. T. P. ignorando e passando por cima das necessárias investigações que estavam a ser levadas a cabo por este Serviço.

3. — Após essas investigações, este Serviço concluiu que as informações em causa não foram prestadas por João Carlos Moreira Rijo, mas sim por Casimiro Baptista da Cruz Ramos, que já se encontra detido, à ordem deste Serviço, e por António Batista da Cruz Ramos, ex-funcionário da R. T. P. e que se encontra ausente do País.»

N. da R. — Por que as razões da detenção de Moreira Rijo ofereciam sérias dúvidas e não foram confirmadas pelos Serviços de Extinção da P. I. D. E. / D. G. S., o D. L. recusou-se a dar notícias, como o faria em qualquer caso semelhante. Por isso foi criticado, com as acusações habituais. Confirma-se agora a razão da nossa atitude, não manchando um homem sem culpa formada, sendo de perguntar quem responsabiliza os que fizeram um aproveitamento oportunista que outros fins não visavam que abater um nome incómodo.

SOARES E CUNHAL

Continuação da pág. 1

da Administração Interna ao mesmo tempo que anunciava a demissão imediata de Mário Bruxelas (Lisboa), Ramires Fernandes (Faro), Conceição e Silva (Castelo Branco) e José Sampaio (Braga), informava que os novos governadores civis (que noutro local indicamos) tomariam posse já amanhã.

Esta pressa em sanear homens progressistas, a caça às armas, decretada pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas, as declarações de Jaime Neves ao «Século Ilustrado»)onde além de convidar o general Fabião a ir «descansar» e mostrar-se interessado na demissão de Otelo, o coronel dos comandos a propósito de uma pretensa escalada contra o VI Governo diz que «é necessário mesmo um conflito armado», e acha que a ocorrer ele deveria «dar-se entre facções militares, de maneira a não envolver o povo nisto». Também o conselheiro da Revolução, capitão Vasco Lourenço se manifestara, domingo passado, interessado numa confrontação rápida antes que «a situação se degrade».

Admite-se em círculos progressistas que estas posições, ligadas ao prazo estabelecido para entrega das armas, sugerem o receio de tais militares face ao apoio popular organizado em que as unidades revolucionárias poderão contar e que impedirão qualquer hipótese de vitória das forças direitistas.

A. M. I.

Entretanto, o recrutamento para o A. M. I. continua, e à margem do Estado Maior do Exército. Neste sentido se entendem as visitas que o coronel Jaime Neves tem feito ao Norte a um ex-comando galardoado com a Cruz de guerra, conforme referia o «D. N.» esta manhã. Por outro lado cerca de 30 toneladas de armas e de outro equipamento militar, encomendado há cerca de dois meses pelo Copcon, chegou à cerca de 10 dias a Lisboa.

O rumo do material foi outro, porém: A. M. I.

MAIS LEITE

Continuação da pág. 1

para a reconstituição do leite, e simultaneamente fazer reduzir a importação de manteiga, sem prejuízo do consumidor que habitualmente consome gorduras noutros alimentos;

. 4 — A revisão a curto prazo dos preços do leite, ao consumidor, com reflexos no produto, e eventualmente reduzir a participação do Fundo de Abastecimento na formação do preço;

. 5 — A efectiva proibição da comercialização do leite avulso em todo o País;

. 6 — A limitação dos quantitativos de leite destinados à ultrapasteurização e esterilização, conforme era preconizado na Portaria N. 469/75;

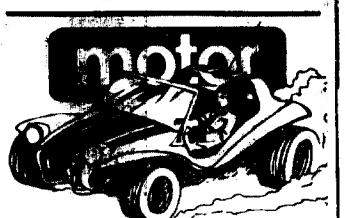
. 7 — A revisão urgente do sistema de classificação do leite;

. 8 — O reforço do movimento cooperativista a nível de produtores e consumidores;

9 — Esclarecer o público de que à UCAL, bem como às cooperativas associadas e seus trabalhadores, não cabe qualquer responsabilidade pela crise no abastecimento público actualmente sentida.»

Mobílias usadas

Por falta de espaço, vendo barato mobílias de casa de jantar, quartos, modernas, nórdicas, Q. Anne, D. Maria, Luís XV, Século XVII, roupeiros, maples, sofás-cama, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte da Igreja de Arroios).



F.A.P.L.A. LANÇAM OFENSIVA CONTRA CAXITO

FORÇAS DA F.N.L.A. RETIRAM DO DANGE

. LUANDA, 21 — (Do «Diário de Luanda», exclusivo para o «DL») — Enquanto as agências ligadas ao capital internacional continuam a tratar a situação em Angola de uma forma delirante, o Estado-Maior-General das F.A.P.L.A. anunciou um seminário político na frente do Caxito, no qual participaram, durante todo o dia de ontem, os comissários políticos do Comando Operacional de Luanda, os comissários das unidades de intervenção e o membro do Conselho Superior de Defesa, Iko Carreira, bem como o ministro Lopo do Nascimento, na sua qualidade de membro do Bureau Político. Este seminário teve por fim analisar a situação político-militar que se vive no país.

Entretanto, na frente do Caxito, após violentos combates, os mercenários da U.P.A.-F.N.L.A., U.N.I.T.A. tiveram de abandonar as posições que ocupavam junto ao rio Dange, recuando para Norte em direcção ao Caxito. Dada a violência dos combates, não é possível fazer uma pormenorizada descrição do que se passa, mas é de crer que a ofensiva desencadeada às primeiras horas de hoje leve as F.A.P.L.A. a reocupar o nó rodoviário do Caxito, no ponto de Sessa Mabubas, estrada que liga Caxito ao Ambriz e Piri. A Noroeste de Samba Caju, as F.A.P.L.A. tomaram ontem de assalto a povoação de Kiculungo a cerca de setenta quilómetros de Camabatela, na estrada que liga ao Uíge e Negage.

Na frente Sul, a situação mantém-se estacionária e na frente Centro há a salientar que a situação na cidade de Nova Lisboa é insustentável, pois a voz oficial da U.N.I.T.A. já anunciou que irá encerrar as suas emissões por falta de energia. Isto é importante porque demonstra que as forças mercenárias da U. P. A./ F. N. L. A. / U. N. I. T. A. já não controlam a barrgem do Biopio, na estrada que liga Nova Lisboa ao Balombo e Lobito, a cerca de cem quilómetros da capital no planalto central.

VÍTOR CRESPO NA TV

. «Pertence unicamente ao M.P.L.A. assumir os plenos poderes em Angola depois da independência prevista para 11 de Novembro» — esta uma das conclusões da Reunião Internacional de Solidariedade para com Angola, realizada no último fim-de-semana em Bruxelas, e a qual será rigorosamente seguida pelo próprio M.P.L.A., que se prepara para assumir todas as responsabilidades da governação do país. Esta posição foi mais uma vez reafirmada pelo dr. Agostinho Neto numa longa mensagem ao povo angolano.

Entretanto, da parte de Portugal, nada se adianta quanto à resolução do problema angolano, a despeito das crescentes declarações de apoio ao M.P.L.A. por parte de todas as forças progressistas mundiais, que assim pressionam o VI Governo no sentido de não permitir uma internacionalização do conflito que só iria beneficiar os interesses imperialistas naquela região de África.

Aguardada com certa espectativa, a intervenção ontem à noite do ministro da Cooperação, comandante Vítor Crespo, na RTP, caracterizou-se pela total ausência de propostas concretas relativamente ao processo de descolonização angolano. Lembrando embora que, na sua opinião, «ser de esquerda, em Portugal» passa por uma «descolonização que traga aos povos das colónias uma verdadeira independência», foi deixada em suspenso pelo ministro Vítor Crespo qual a opção de Portugal relativamente ao povo angolano, para quem uma «verdadeira independência» só aparece possível com um único movimento — o M.P.L.A.

O aspecto extremamente vago das declarações do ministro da Cooperação deixam entender que se não produziu qualquer alteração substancial na política definida na O.N.U. pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, a qual, na impossibilidade de uma conciliação entre os três movimentos angolanos, opta para uma entrega da questão às Nações Unidas, sem atender aos inevitáveis riscos de uma «congolização» do problema.

Esta alternativa de Melo Antunes, interna e externamente condenada pelas forças «verdadeiramente de esquerda», continua, aliás, a ser reafirmada pelo alto-comissário para Angola, almirante Leonel Cardoso, que a ela voltou a aludir ontem. Em declarações citadas pela agência «France Presse», o almirante Leonel Cardoso voltou a dizer que Portugal recusará entregar o poder a um único movimento, insistindo na esperança (muito remota) de se encontrar uma solução política para o conflito, apesar de nos encontrarmos apenas a 21 dias da data marcada para a independência.

Regista-se, entretanto, que, ao contrário do que estava inicialmente previsto, o ministro Vítor Crespo não partiu ontem à noite para Angla, ignorando-se os motivos do adiamento da viagem.

CABORA-BASSA É DE MOÇAMBIQUE

O Ministério das Finanças foi autorizado, nos termos do Decreto-Lei 276-B/75, a transferir, em nome do Estado, para a sociedade concessionária que se constitui para a exploração do aproveitamento hidroeléctrico de Cabora-Bassa, as posições contratuais do Estado português.

Entretanto, o Decreto-Lei n.º 276-C/75 transfere para o Governo de Transição de Moçambique a dependência dos Serviços Regionais de Estudo e Planeamento do Gabinete do Plano do Zambeze.

BOMBA NO FUNCHAL

Continuação da pág. 1

Já noutras ocasiões o mesmo edifício foi alvo de atentados, o que obrigaraa os militantes da U. P. M. a proteger melhor os vidros das janelas.

Este novo atentado atribuem-no os populares à organização separatista FLAMA, responsável pela escalada reaccionária que varre a Madeira.

O chão cedeu, apesar de ser construído com paralelepípedos.

Recorda-se que no edifício onde se encontra a sede da U. P. M. (em devido tempo ocupado por esta organização) funciona ainda uma livraria popular, estando igualmente projectada a instalação de uma creche.

GOVERNADORES CIVIS

Continuação da pág. 1

panfleto a convocar a população para a manifestação, amanhã ao fim da tarde no centro da cidade.

O M.D.P. de Faro enviou ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução e ao comandante da Região Militar do Sul um telegrama de protesto, contra o que considera mais uma manobra do VI Governo, a decisão de substituir o dr. Ramires Fernandes.

Lembra-se que os governadores civis ora substituídos eram elementos politicamente classificáveis como afectos a ideias unitárias no âmbito de um projecto político global de esquerda, em alguns casos concretizadas (essa afeição) pela adesão ao M.D.P. Na sequência de campanhas desencadeadas recentemente pelo Partido Socialista e logo apoiadas por forças como o P.P.D. e o C.D.S., estavam a merecer o apoio aberto da generalidade das forças de esquerda, das comissões de trabalhadores, moradores, e populares.

Ignora-se por enquanto a reacção provocada em Castelo Branco pela substituição do dr. Conceição Silva, Quanto a Lisboa, é de presumir que se gerem movimentos de protestos idênticos aos que estão a registar-se em Braga e em Faro.

Os novos governadores são afectos ao P.S. ou ao P.P.D.

Não foram dadas justificações para as substituições ora decididas. Torna-se todavia mais do que evidente que elas vêm na sequência de um processo político fundamentalmente caracterizado pela expurgação, no aparelho administrativo, de elementos comprometidos com um ideário político progressista e, em consequência, colocação, em seu lugar, de elementos de confiança dos partidos mais votados em 25 de Abril de 75 e quase exclusivamente representados no VI Governo Provisório.

B.B.C. DESPEDE DOIS LOCUTORES PORTUGUESES

LONDRES, 21 — (R.) — Dois membros do serviço português da B. B. C. (British Broadcasting Corporation) foram despedidos por «lapsos na actuação profissional» — declarou a noite passada a Emissora britânica.

Os despedimentos seguem-se ao reconhecimento, feito em Julho passado pela Emissora, de que não havia sido «tão objectiva como devíamos» em algumas emissões de rádio em língua portuguesa e que uma acção disciplinar havia sido tomada contra as pessoas envolvidas.

Ao levantar a questão no Parlamento em Julho, Winston Churchill (conservador) declarou que ouvira queixas em Portugal de que a B. B. C. estava a adoptar uma linha prócomunista.

O «Times» afirma na sua edição de hoje que um dos locutores era membro do M. D. P. que ambos os indivíduos eram cidadãos portugueses.

O caso está a ser considerado pela Associação de Trabalhadores da Rádio.

Nota tome nota

JAIME EM TRÊS TEMPOS

. Jaime Neves ao «Século Ilustrado»: «A desagregação há-de atingir o clímax. Eu, pessoalmente, estou convencido, a notar-se esta escalada, que realmente se reacendeu desde que o VI Governo tomou posse, que isto está tudo inserido numa programação qualquer, que visa derrubar o Governo e lançar o estado de sítio cá dentro. Nesta altura, estou convicto que é necessário mesmo um confronto. Pessoalmente estou convencido disso. Até há pouco tempo acreditava que não entrássemos em conflito. Acho que o conflito, a dar-se, já que as Forças Armadas são responsáveis pela actual situação que se vive em Portugal (isto é uma opinião muito pessoal) devia dar-se entre facções militares, de maneira a não envolver o povo nisto».

Ainda Jaime Neves ao «Século Ilustrado»: «Necessariamente estou convencido de que aparecerão minorias a alinhar ou de um lado ou doutro. Mas estou convencido que o grande povo não deve alinhar. Acho que não deve mesmo alinhar. Que sejam os militares a darem um desfecho a isto: se for necessário haver tiros, que haja. Mas sou de opinião que seja entre militares, ainda que com as respectivas minorias agarradas. Mas o povo devia ficar um bocadinho afastado disto».

Ainda o mesmo coronel à mesma revista: «O VI Governo surgiu de um certo número de circunstâncias, das quais o Documento dos Nove está na sua base. O Documento dos Nove foi aceite na maioria das unidades militares e pelos partidos com maior representatividade. À partida, dá a impressão de que é aceite pela maioria. Se esse Governo definir uma directriz política, pois nós estamos prontos a defendê-la».

Parafraseando ainda a revista: «coronel Jaime Neves, qual dos epítetos prefere: «reaccionário», «fascista», «homem sério», «tão progressista como os outros», «herói do P. S.» Jaime Nevsky, Jaime, amigo, o P. S. está contigo)? Leitor, tome nota e escolha o epíteto. Só vale se a escolha recair entre os citados.